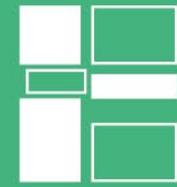


2018



iiLer

Instituto
Interdisciplinar
de Leitura
PUC-Rio



2017

2016

Selo Catedra 10

Premiados 2016 - 2018



SELO CÁTEDRA 10

Premiados 2016 - 2018

1ª Edição
Rio de Janeiro
2019



iiLer

Instituto
Interdisciplinar
de Leitura
PUC-Rio



Eliana Yunes e
Viviane Moreira
ORG

© Saberes Em Diálogo, 2019 - Todos os direitos reservados.
© Eliana Yunes e Viviane Moreira (Org.)

Diretora do Instituto Interdisciplinar de Leitura PUC-Rio e
Cátedra UNESCO de Leitura da PUC-Rio: **Gilda Carvalho**

Editora: **Denise Ramalho**

Capa e ilustrações do pesquisadores: **Camila Almeida**

Diagramação e projeto gráfico: **Pedro de Almeida Wainstok**

Ilustrações de Palavras de Honra: **Marcela Fernandes Carvalho**

Criação visual e Cartazes do Selo Catedra 10 : **Antonia Yunes**

Edição de vídeo: **Gabriel Libório**

Revisão: **Francisco Camêlo**

1ª Edição – Outubro/2019

YUNES, Eliana (Org.) MOREIRA, Viviane (Org.)

LITERATURA INFANTIL

ISBN: 978-65-81161-00-2

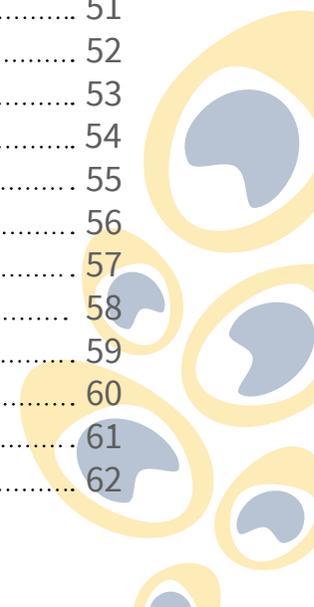
1. Leitura 2. Arte 3. Produção Gráfica 4. Infância



Instituto Interdisciplinar de Leitura
PUC - Rio Rua Marquês de São Vi-
cente, 225, Gávea Rio de Janeiro, RJ
- Brasil - 22451-900 Telefone: (55 21)
3527-1960 www.iiler.puc-rio.br

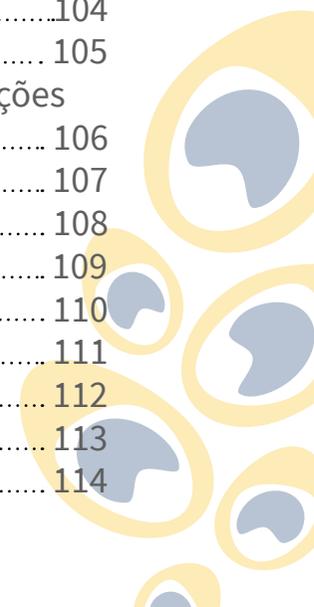
Índice:

1. Primeiras palavras	7	Meu pai vai me buscar na escola	35
Gilda Carvalho	7	Moscas e outras memórias	36
Eliana Yunes	8	Nadinha de nada	37
Denise Ramalho.....	10	Nos telhados de Paris	38
2. Vídeo Selo 2019	13	O anel encantado	39
3. Premiados 2016	14	O barco das crianças	40
3.1 Distinção	15	O caderno da avó Clara.....	41
A casa e o mundo lá fora	16	O irmão do meu irmão	42
As cores dos pássaros	17	O lagarto	43
Fritt-Flacc	18	O pintor debaixo do lava-loiças	44
João, Joãzinho, Joãozito o menino encatado	19	O que cabe num livro ?	45
O livro que lê gente	20	Para onde vamos ?	46
O país de João	21	3.3 Hors concours	47
Poeminhas da Terra	22	Intramuros	48
Terra de cabinha	23	4. Premiados 2017	49
Um dia, um rio	24	4.1 Distinção	50
Uma criança única	25	A árvore no quintal	51
3.2 Seleção	26	Barbazul	52
A caixa de Zahara	27	Cachinhos de prata	53
A fantasia da família distante	28	Com que roupa irei na festa do rei ?.....	54
A minha avó	29	De flor em flor	55
Adélia	30	Duas casas.....	56
Histórias da meninda da rua da ponte.....	31	Foi ele que escreveu a ventania.....	57
Kalinda, a princesa que perdeu os cabelos e outras histórias africanas	32	Lá longe no chora menino	58
Letras de carvão	33	O dia da festa	59
Macunaíma em quadrinhos	34	O passeio.....	60
		O velho e o mar.....	61
		Rosa	62



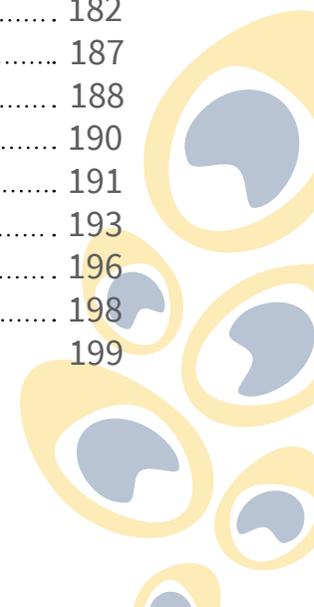
Índice:

4.2 Seleção	63	Quando você não está aqui	89
A águia e a coruja	64	Quem matou o saci ?	90
A alma secreta dos passarinhos	65	Querido mundo, como vai você?	91
A caça ao Snark	66	Quero ler meu livro	92
A cor de Coraline	67	Uma noite para João e outros	93
A princesa Maravilha ou de como uma ervilha incômoda provocou um final feliz	68	Vida Game	94
A última história antes de dormir	69	Vó, para de fotografar!	95
ABC dos abraços	70	?	96
Aimó	71	4.3 Hors concours	97
Amores em África	72	Quando a primavera chegar	98
Casa do Cuco	73	5. Premiados 2018	99
Coelho 13º e o olho que tudo vê	74	5.1 Distinção	100
Contêiner	75	A história de Inês de Castro	101
Coração de inverno, coração de verão	76	A rainha do Norte	102
Diário de Blumka	77	Blimundo, o maior boi do mundo	103
Fausto, uma tragédia	78	Chão de peixes	104
Fera	79	Enreduana	105
Histórias de Willy	80	Hoje me sinto: um abecedário de emoções	106
Isso, qualquer criança faz!	81	Muito Esquisito	107
Leve	82	Olavo	108
Luz dos meu olhos	83	Querido mundo	109
Mindinho maior de todos	84	Um livro pra gente morar	110
No sótão	85	O bestiário particular de Parzifal	111
O mar de Cecília	86	5.2 Seleção	112
O patinho matemático	87	A menina dos livros	113
O ódio que você semeia	88	A revolução dos bichos	114



Índice:

Aboborela	115	Se eu abrir esta porta agora...	140
Adivinhas para brincar	116	Você faz, eu faço também	141
Amoras	117	Vovó veio do Japão	142
Aqui, bem perto	118	5.3 Hors concours	143
Caixa de contos	119	As cores do escuro e os meninos de Plutão	144
Dois meninos de Kakuma	120	6. Pesquisadores 2019	145
Escrito e desenhado por Enriqueta	121	7. Palavras de Honra	155
Eu não sou não	122	7.1 A troca - Lygia Bojunga	156
Lulu e o urso	123	7.2 Francisco Camêlo	157
Meu pai o grande pirata	124	7.3 Catharina Epprecht	163
O encontro da cidade criança com o sertão menino	125	7.4 Dinair Fonte	168
O espaço	126	7.5 Lucia Fidalgo	174
O menino que tinha medo, mas muito medo	127	7.6 Ana Portela	177
O menino que virou caramujo	128	7.7 Maria Clara	178
O Karaíba: uma história do Pré-Brasil	129	7.8 Aline Frederico	182
O galo gago	130	7.9 Nanci (por Eliana Yunes).....	187
Os convidados da Senhora Olga	131	7.10 Salmo Dansa.....	188
Os direfentes	132	7.11 Guto Lins	190
Olha que eu viro bicho de jardim!	133	7.12 Luiza Trindade Oiticica	191
O reino de Zália	134	7.13 Augusto Pessoa	193
Só de brincadeira	135	7.14 Philip Pullman	196
Talvez eu seja um Elefante	136	7.15 Benita Prieto	198
Tinha um livro no meio do caminho	137	8 Agradecimentos	199
Uma casa para dez	138		
Uma história pelo meio	139		





A vocação para o trabalho com a Literatura Infantil e Juvenil é um dos pilares da Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio e foi concretizado pelo acolhimento da Biblioteca de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil, a BLLIJ, desde a sua fundação. De seu acervo de mais de 20.000 obras nacionais e estrangeiras obras nesta área saem trabalhos de pesquisa, projetos de formação de leitores e – por que não? – muitas histórias para contar. Um acervo recheado de conhecimento e imaginação e que, por isso mesmo, merece um dinamismo especial. Texto e o computador podem mostrar.

No diálogo entre o texto e a imagem, a Literatura Infantil e Juvenil oferece possibilidades de leitura que falam especialmente a crianças e que também atravessam o imaginário adulto com seu potencial de encantamento e transformação. E dessa mistura nasce o desejo traduzido por Lobato de

fazer do livro o lugar onde se possa morar. Foi a partir daquela vocação primeira, aliada ao trabalho de pesquisadores, em particular os do GELIJ, que, no marco da comemoração do seu 10º aniversário em 2016 a Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio lançou o Selo Cátedra 10.

Destinado a premiar a produção literária anual para crianças e jovens, o Selo Cátedra 10 tem como diferencial o olhar cuidadoso de leitores experientes que, a partir do objeto livro, avaliam a qualidade literária, plástica e editorial da obra, considerados temas e gêneros diversos e o já dito diálogo entre a linguagem verbal e a linguagem visual. Desde aquela 1ª edição em 2016, mais de 100 livros já foram premiados nas 3 categorias do Selo: Distinção, Seleção e Hors Concours. O trabalho do GELIJ, para além da leitura dos livros submetidos, alcança também a elaboração de resenhas

críticas e a definição de palavras e imagens-chave para cada um deles. Todos os premiados passam a fazer parte da BLLIJ Digital, sessão de nossa Biblioteca enquanto espaço disponibilizado via internet que reunirá a indicação dos 1001 livros que toda criança deve ter o direito de ler.

Neste catálogo, portanto, encontram-se os 128 livros premiados nas edições de 2016, 2017 e 2018. É uma forma de levar mais longe o trabalho de tantas pessoas: autores, ilustradores, tradutores, editores e pesquisadores. Um trabalho que certamente merece nota 10! Livros onde todos gostaríamos de viver.

Gilda Carvalho



Houve tempo em que ganhar um prêmio era novidade de destaque no Brasil. Mas em 1989, saindo da direção da FNLIJ, deixei um catálogo com mais de cem obras premiadas por diversas entidades, em quase duas décadas, com o tema da literatura para crianças e jovens. Este catálogo e seu acervo foram levados a Bologna e ao México no primeiro esforço de divulgar no exterior nossa produção já coroada com o Hans Christian Andersen para Lygia Bojunga, em 1982.

Por iniciativa de Laura Sandroni e Regina Yolanda, a instituição criara nos anos 70, três destaques anuais (“o melhor para...”) e abriu as portas do interesse a premiações. Elas se ampliaram ao longo dos anos com a inclusão de áreas ligadas à editoração, tradução, teoria etc. O trabalho de leitura e estudo do gênero nunca arrefeceu para

mim, apesar dos anos dedicados à pesquisa acadêmica sobre leitura e formação de leitores na Fundação Biblioteca Nacional (anos 90, com o Proler) e já neste século, com a Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio.

Aqui, uma longa gestação e parto difícil para dar à luz este Prêmio Selo Cátedra 10. Foi preciso arregimentar leitores voluntários, parceiros em diversas outras circunstâncias, para constituir o grupo de leitura sistemática – GELIJ – de toda a produção anual que nos é remetida pelas editoras. Diante da impossibilidade de unir interdepartamentalmente professores e alunos especialistas em LIJ, insisti no formato vitorioso hoje; congregando os que partilhavam suas leituras críticas, porque já liam com generosidade e apuro esta faixa de produção livreira, foi possível convergir necessidades e desejos de parte a parte.

Somos uma dúzia de leitores com sólida formação e experiência continuada, mas, sobretudo, com paixão pelos livros ditos infantis e juvenis que têm feito o deleite dos adultos que nunca abandonaram as memórias da infância. Mestres e doutores vindos de educação, letras, artes e design, pais e professores, dividimos quinzenalmente (além dos bolos e brigadeiros) as leituras das resenhas, com ponto e contra-ponto, para um debate que busca entender as maravilhas e as dissonâncias das narrativas com quais queremos que as novas gerações provem do prazer à fruição e formem sua capacidade de pensar criticamente.

Ler, desde cedo, cedíssimo, quando ainda não se dominou a linguagem, é seguramente um passaporte para o mundo,



onde ainda não se reduziu gente à massa de manobra; mas fez-se cidadão do mundo, sujeito da sua história, integrado à rede de construtores dos sentidos que abraça ética, justiça e alteridades, abraça a “vida boa” aristotélica.

Este grupo, formado há 05 anos entre amigos e ex-alunos, registrado no CNPq, traz aqui uma síntese formal de seu trabalho apresentando o Catálogo Digital Selo Cátedra 10, com 03 anos de premiação. O Selo que dignifica os trabalhadores do livro infantil e juvenil, dignifica também os pesquisadores que o subscrevem. A composição do grupo de estudiosos se modifica anualmente em cerca de 1/5 de seus membros e são nomeados no vídeo anexo à esta publicação.

Há um patrono invisível nas frases que saú-

dam o prêmio a cada ano: Borges, em 2016; Lobato, em 2017; Benjamim, em 2018. Há o trabalho invisível de criadores do Selo e das estatuetas, dos estagiários e colegas que preparam os materiais e a festa, mas há, antes do mais, a delicadeza de autores e ilustradores que enfrentam ainda o preconceito de criarem para crianças e nos premiam com suas obras.

Cabe ainda dizer do custo enorme de libido posta na decisão de concluir as análises no ano mesmo das edições, da alegria de anunciá-lo com um pequeno seminário em que se destaca uma reflexão sobre o perfil das produções atuais, da seriedade com que se busca pensar e entender o impacto da narrativa sobre a educação de qualidade, pouco assumida no país como uma opção prioritária.

A leitura em comum tem o efeito de fomen-

tar o estudo pela observação das obras, pela argumentação compartilhada entre repertórios diversos, pelas emoções destemidas que admite; de transformar exegetas acadêmicos em leitores que reencontram o melhor do humano a caminho.

Propor leituras indispensáveis de livros para crianças e jovens, que são nossa melhor perspectiva, é tarefa que fazemos na esperança de troca por um mundo diferente do que temos. E melhor, claro.

Eliana Yunes



Durante o trabalho em nossa pesquisa entre 2015 e 2018, destacamos algumas questões para apresentar aqui, diante deste público premiado, por considerarmos que são do interesse daqueles que trabalham na cadeia de produção do livro, desde a criação de textos e ilustrações até sua edição e divulgação.

O primeiro ponto a abordar é quantitativo. Percebemos uma queda no número de lançamento de 2017 para 2018. Em nossa última edição recebemos cerca de quase 400 títulos, já este ano este número não chegou a trezentos, ainda que maiores números de editoras tenham participado da seleção ao Prêmio. A situação da economia do país, bem como a crise que vemos se delinear no setor de venda e, conseqüentemente, da edição de livros, talvez justifiquem esta

retração, mas ela nos indica algum perigo. O fechamento de livrarias, a queda no lançamento de novos títulos nos se afiguram indicadores preocupantes. É necessário pensarmos em estratégias que possam reverter esse quadro, seja no âmbito editorial, em novas práticas de comercialização, seja trabalhando por políticas públicas que ajudem a garantir a cadeia de produção do livro, em extensão e qualidade.

Outro aspecto importante, que chama atenção, está relacionado às escolhas temáticas das obras apreciadas. No ano de 2017, um grande número de livros infantis trazia a discussão de gênero, de novos modelos de família, de diversidade cultural e étnica. Já este ano, os livros destinados ao público infantil abordaram prioritariamente os sentimentos das crianças: medos,

perdas, inadequação, angústias de crescer e estar no mundo. Não por coincidência, houve um maior número de textos voltados para a poesia ou para a prosa poética no ano de 2018. A alternância é importante, mas é preciso estar atentos à pluralidade de temas.

Do mesmo modo, nos livros para o público adolescente saíram de cena temáticas ligadas ao mundo da fantasia como sagas, universos distópicos, coexistência de seres mitológicos ou mágicos com jovens contemporâneos e sua realidade. Em seu lugar, surgiram temáticas fortes como depressão, suicídio, morte precoce, solidão, guerras e refugiados – apenas para citar alguns.



Considerando que no PNLD de 2018 estão expressas as temáticas a serem consideradas pertinentes ao edital para seleção dos livros e que muitos destes temas aparecem na produção editada este ano, como já exposto, houve uma preferência por material que se adequasse ao referido edital. Sabemos das dificuldades por que o mercado editorial está passando, mas preocupa uma seleção para publicação estritamente ajustada a um único tipo de demanda. Lançamos esta nossa inquietação como uma proposta de reflexão, pois apesar de extremamente pertinentes e importantes, questionamos o direcionamento institucional da produção, que por sua natureza tem na singularidade seu valor.

Ainda tratando dos livros juvenis, observamos que se mantém o predomínio de

traduções nesse segmento. Mais uma vez compreende-se a escolha, pois a edição tem um referendo de garantia para sua recepção. Contudo parece faltar estímulo a autores nacionais que trabalhem com a realidade da vida juvenil nas publicações originais brasileiras.

Desejável seria que houvesse sempre diversidade de vozes e de temas, que nossos pequenos e jovens leitores pudessem provar do banquete amplo que a literatura lhes pode oferecer.

Queremos considerar ainda o promissor surgimento de novas pequenas editoras, editoras independentes. Notável há algum tempo, está se tornando mais forte. Este ano, notamos o aumento da participação de muitas dessas pequenas editoras que

fazem um trabalho personalizado. É possível identificar em suas produções propostas editoriais bem definidas e particulares, o que contribui para a já referida diversidade de vozes.

O trabalho pelo livro e pela leitura nem sempre é fácil. Vivemos um tempo particularmente bem difícil. Ora a crise econômica, com efeitos sobre o mercado de trabalho, ora o ataque a autores e obras, numa tentativa de censurar a imaginação e controlar o discurso, independente da qualidade literária.

É preciso resistir e não submeter o futuro dos leitores a condições circunstanciais e preconceituosas. Que essa breve avaliação, de algum modo, seja proveitosa a



nós e sobretudo a jovens e crianças para que ampliemos os caminhos que levam a uma Literatura Infantil e Juvenil cuja adjetivação não seja restritiva mas inclusiva na substantividade do que é artístico e perdurável.

Como um apêndice, quero inserir uma preocupação do GELIJ, e da Cátedra por extensão: as editoras têm selecionado os títulos que nos enviam? Já não ocorreria uma pré-seleção do que devemos ler? Ou esta observação está ligada ao fato de que há livros que só saem a público depois de 30 de outubro e por isso ficam excluídos de nossa premiação? Estamos colaborando para evitar este problema. Será possível manter nossa premiação como a primeira a sair, incluindo todos os títulos publicados até 30 de dezembro do ano considerado.

A preocupação é evitar que ignoremos a existência de obras relevantes que não nos foram apresentadas pela própria editora.

Este rodapé nos devolve ao texto principal: as leituras atentas e debatidas entre os leitores do GELIJ têm gerado reflexões perspicazes que gostaríamos de partilhar com todos os presentes e que talvez possam ser reunidas em um livro-catálogo que dimensione a troca e a tarefa dos que lemos LIJ por compromisso e deleite. O momento acadêmico que aqui desfrutamos, poderá, quem sabe, tornar-se uma Jornada de LIJ em que estas e outras questões ampliem as vozes de participação, já em 2019.

Denise Ramalho



Selo 2019:



*Ao mergulhar em um livro,
o leitor emerecha pelo universo
sem fronteiras da imaginação.*

(livremente inspirado em Lygia Bojunga)



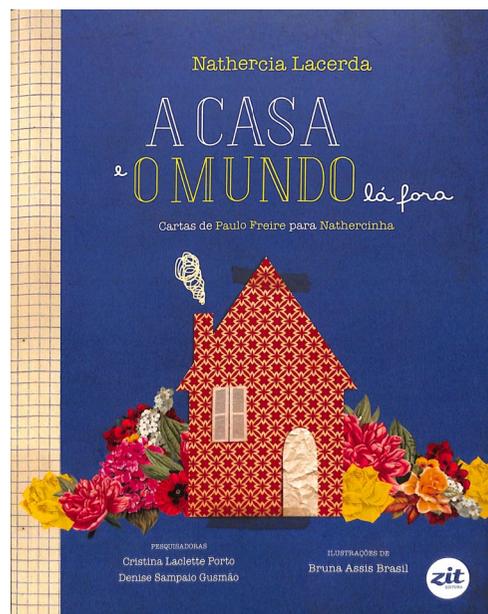
Escaneie para
ver o video



PREMIADOS ANO 2016

DISTINÇÃO

A casa e o mundo lá fora: cartas de Paulo Freire para Nathercinha



Escritora:
Nathercia Lacerda

Ilustradora:
Bruna Assis Brasil

Editora:
Zit

Ano de publicação:
2016

Número de páginas: 84

Resenha:

Durante sua infância, a pequena Nathercia mantém com seu primo, o pedagogo Paulo Freire, uma correspondência. Ela é uma menina e Paulo Freire sofre as consequências do exílio no Chile. Muitos anos depois, Nathercia revisita estas cartas e, incentivada por amigas pesquisadoras, registra neste livro sua viagem pela memória e a recuperação da infância, através do que se guarda pela vida afora como lembranças do vivido. Em uma de suas cartas, Paulo Freire sugere a menina que nunca perca a criança que é, que mantenha a menina dentro de si, para sempre. É justamente este o pedido que a autora

atende em seu livro; as cartas são a chave que lhe abrem as portas do passado vivo, mostrando quão presente está a pequena Nathercia de ontem na Nathercia de hoje. As ilustrações, fotos e desenhos na técnica de colagem, salpicadas pelo texto, bem como todo o projeto gráfico da obra, sugerem um caderno de memórias, como um diário ilustrado com pedaços de recordações: fotos, bilhetes, retalhos, flores. Este conjunto perfeito transforma a experiência da leitura numa verdadeira viagem pela memória de uma infância.

Resenhista: Denise Ramalho

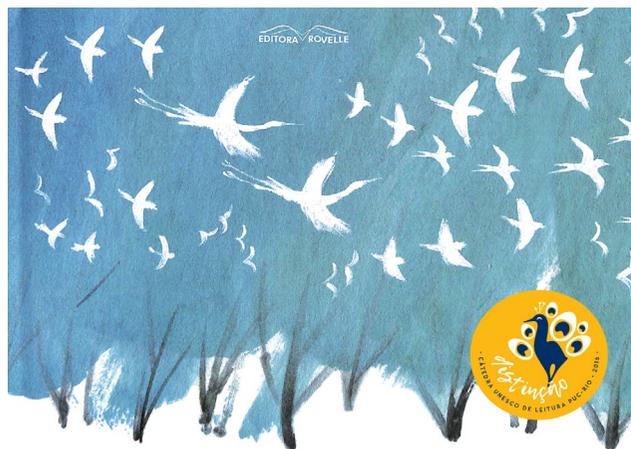


Imagem-chave: página 78

Palavras-chave:
Correspondência, Paulo Freire, memória, infância.

Obs.: O trabalho de pesquisa foi realizado por Cristina Laclette Porto e Denise Sampaio Gusmão.

As cores dos pássaros



AS CORES DOS PÁSSAROS

LÚCIA HIRATSUKA

Escritora:

Lúcia Hiratsuka

Ilustradora:

Lúcia Hiratsuka

Editora:

Rovelle

Ano de publicação:

2016

Número de páginas: 44

Resenha:

Houve um tempo em que todos os pássaros eram brancos, até que um dia Dona Coruja resolveu colorir suas próprias penas. O que ela não sabia é que com isso, mudaria para sempre a natureza. Com uma escrita leve e poética, o livro conta uma fábula japonesa cheia de graça e delicadeza, que leva o leitor a um mundo de imaginação e cores. As ilustrações, feitas em aquarela e com pinceladas que alternam tons claros e escuros, acompanham o tom da narrativa. Os traços simulam voo das cores.

Resenhista: Maria Clara Cavalcanti de Albuquerque

Palavras-chave:

Reconto, oralidade, cultura japonesa, pássaros, cores.



Imagem-chave: página 9

Fritt-Flacc



Escritor:
Jules Verne

Editora:
StoryMax

Ano de publicação:
2016

Resenha:

Trata-se da história de um ganancioso médico, o doutor Trifulgas, que atende somente pacientes que podem pagar pelos seus serviços.

No entanto, numa terrível noite de tempestade, ele sofre as consequências de sua mesquinhez. O livro digital, também um aplicativo, tem interatividade, animações, ilustrações e efeitos sonoros que ajudam na leitura imersiva desta história pouco conhecida no Brasil.

O conto motiva a discussão sobre a erradicação da pobreza no mundo e o leitor

pode experimentar nas atividades propostas, como a biologia e o ativismo social, ajudam no primeiro dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) propostos pela ONU.

O conteúdo extra informa sobre o autor, o conto e atualidades dos ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável) que está evidenciado na história.

Resenhista: Benita Prieto

Palavras-chave:

Terror, pobreza, ganância, livro digital, sustentabilidade, ativismo social.



Imagem-chave

Obs.: O autor francês, conhecido nos países de língua portuguesa por Júlio Verne, teve este conto publicado em dezembro de 1884. Este é o primeiro livro-aplicativo da coleção Novozymes Nova Perspectiva com traduções em inglês e espanhol. Está disponível gratuitamente nas app stores iOS e Android, para tablets e smartphones. São contos de autores universais para sugerir a jovens leitores oportunidades de reflexão e ação diante dos grandes desafios humanitários da atualidade e engajá-los com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). O aplicativo é resultado de uma parceria da StoryMax, da Novozymes Latin America e do Colégio Sesi do Paraná.

João, Joãzinho, Joãozito o menino encantado



Escritora:
Claudio Fragata

Ilustradora:
Simone Matias

Editora:
Galerinha Record

Ano de publicação:
2016

Número de páginas: 48

Resenha:

Tarefa muito difícil, a de juntar uma biografia com uma ficção, sem perder qualquer das duas. A obra em vista traz a história de um menino, Joãozito, que vive no campo das Gerais, na fazenda do avô e que, por curiosidade intensa, descobre o encantamento do mundo: boiadas, formigas, vagalumes... até descobrir o mistério das palavras e das línguas! Pelos livros, o mundo não tem fronteiras.

Ao lado de um mediador de leituras, vai ampliando horizontes e da literatura passa à geografia, à história, à religião e vai formando o desejo pela ciência e pelo conhecimento, até que a sua vida se cruza com a de outro

menino, Miguilim. Esta nova aventura a dois vai sendo aos poucos revelada, até que se atravessam real e imaginário, para a invenção de uma personagem muito original na cultura brasileira.

A obra faz justamente o exercício de vazar gêneros literários e, por uma narrativa visual extremamente delicada, em tons pastéis, celebra o cotidiano da vida do menino e de seu imaginário. Incorpora dados e imagens que povoam o texto, mas não só este, como outros aludidos na narrativa.

Resenhista: Eliana Yunes

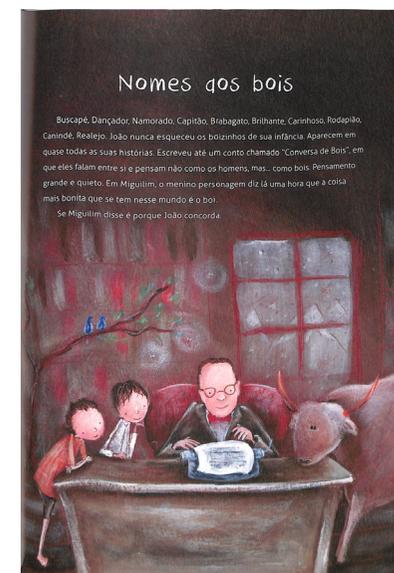


Imagem-chave: página 41

Palavras-chave:

Biografia, literatura, mediador, imaginário, leitor

Obs.: Do livro consta um posfácio por Tatiana Belinky e uma bibliografia das obras de Guimarães Rosa que alimentam a construção do texto ficcional.

Índice

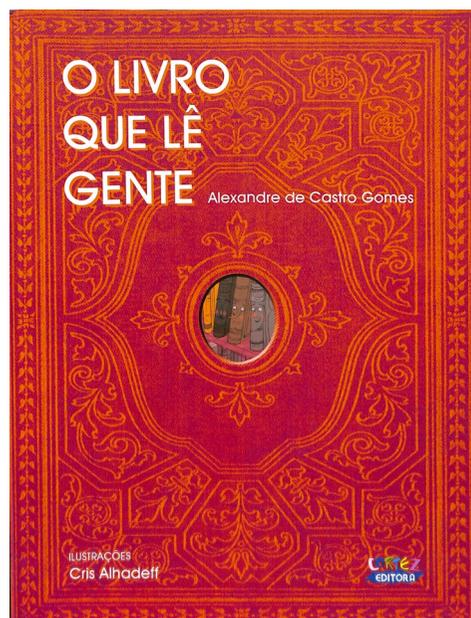
2016

2017

2018

Palavras

O livro que lê gente



Escritor:
Alexandre de Castro Gomes

Ilustradora:
Cris Alhadef

Editora:
Cortez

Ano de publicação:
2016

Número de páginas: 24

Resenha:

Uma história às avessas: os livros leem leitores? Ah! Dizemos isto nas altas teorias, falando de como um livro dá a ler o seu próprio leitor, sem que seja preciso abrir a boca. Um leitor pode-se ler enquanto lê, abrindo bem a mente e, se preciso, tendo que fechar os olhos e se imaginar por dentro. Esta narrativa aguça o imaginário, trazendo o diálogo de velhos e novos livros na prateleira de uma biblioteca, sobre o perfil de leitores que os visitam, tocando pela leitura da imagem de cada um, seu universo de vida. Assim não só

livros trazem histórias, como seus leitores que, de repente, podem virar autores, do mesmo modo que livros se reciclam e se renovam. Obelotratodasimagens, que sugerem detalhes no ânimo que percorre o texto, evitam o caráter de mera ilustração da narrativa textual que, no entanto, acompanha de perto. Original pelo ângulo com que trata a leitura e os leitores, a obra favorece um leque amplo de abordagens e de sugestões para ler, além de apresentar a biblioteca como espaço acolhedor.

Resenhista: Eliana Yunes

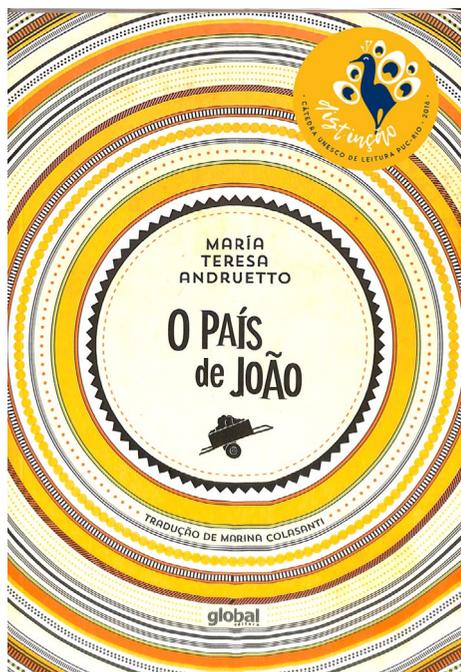


Imagem-chave: página 06 e 07

Palavras-chave:

Livro, leitura, leitores, biblioteca.

O país de João



Escritora:
María Teresa Andruetto

Tradutora:
Marina Colasanti

Editora:
Global

Ano de publicação:
2016

Número de páginas: 56

Resenha:

Neste livro, a autora trata do tema da migração por meio das personagens João e Anarina, duas crianças cujas famílias migraram do campo para a cidade em busca de melhores condições de vida. Escrita em linguagem direta, a narrativa se desenrola em dez capítulos, que abordam, de modo paralelo, o dia a dia de João e Anarina e de suas famílias na Vila de Papel, um lugar onde as crianças trabalham como catadoras de papel. É nesta cidade, entretanto, em que as duas personagens se conhecem e começam

a construir juntas uma nova vida. O livro não possui ilustrações, apenas vinhetas que antecipam o enredo de cada um dos capítulos.

Resenhista: Francisco Camêlo

Palavras-chave:
Migração, cotidiano, trabalho infantil, amor, pobreza.



Imagem-chave: página 27

Índice

2016

2017

2018

Palavras

Poeminhas da Terra



Escritora:
Márcia Leite

Ilustradora:
Tatiana Mões

Editora:
Pulo do Gato

Ano de publicação:
2016

Número de páginas: 32

Resenha:

Os índios vivem há milênios no território da América do Sul e não consideram o homem no centro da existência, mas lado a lado com os diversos seres na natureza: homens, animais e plantas possuem cultura e alma ocasionalmente intercomunicantes. A autora se inspira na convivência de diferentes perspectivas para compor os poeminhas da terra, com léxico oriundo do tupi-guarani. Neles, acontece o intercâmbio com a cultura europeia portuguesa. Os poemas conduzem o leitor pelo modo indígena de morar, comer,

caçar, brincar. E também pelos mitos, fauna e flora que cercam e compõem a vida das tribos. O projeto gráfico cuidadoso optou pelo formato quadrado de abertura vertical, e não a usual abertura da direita para a esquerda. A tipologia utilizada sugere o bico de pena, técnica aplicada nas ilustrações, ao lado da aquarela. O uso das tintas e dos pincéis alude à arte dos povos nativos e as cores remetem à luminosidade das úmidas florestas sul-americanas.

Resenhista: Luiza Trindade

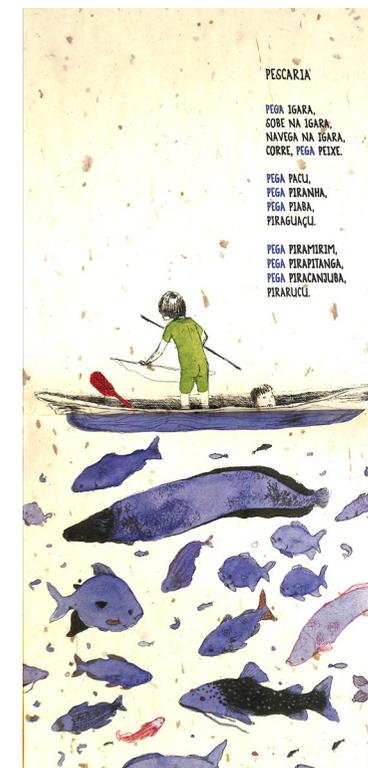


Imagem-chave: páginas 20 e 21

Palavras-chave:

Poesia, mitologia indígena, perspectiva cultural, infância.

Terra de Cabinha: pequeno inventário da vida de meninos e meninas do sertão

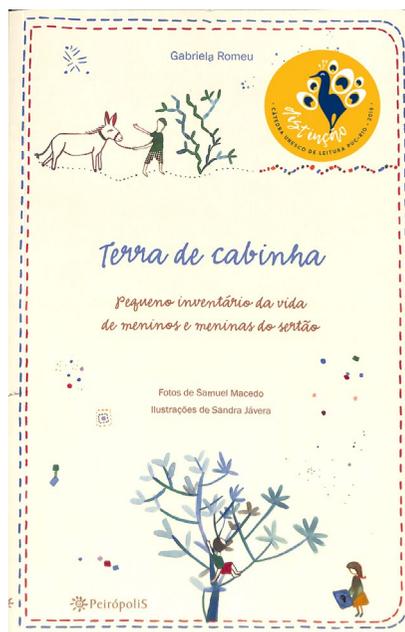
Índice

2016

2017

2018

Palavras



Escritora:
Gabriela Romeu

Ilustradora:
Sandra Jávera e fotos de
Samuel Macedo

Editores:
Peirópolis

Ano de publicação:
2016

Número de páginas: 93

Resenha:

Após muitas viagens ao Cariri, a autora conta as maravilhas daquele pedaço de terra brasileira, “terra de cabinha”, terra de meninos e meninas que brincam com os pés no chão. Como o subtítulo diz, o livro é um “pequeno inventário da vida no sertão”. O texto, de muitas vozes, é permeado por relatos de “cabinhas”, adivinhas, contos fantásticos e lendas, descrição de cenas e costumes, relatos de viagem, modo de fazer brinquedos e brincadeiras, rezas e glossário: o livro apresenta um Brasil pouco conhecido pelos brasileiros. O recurso do “QR code” leva a leituras de vídeos e à escuta de

áudios, trazendo o leitor para mais perto do relato. No fluxo da leitura, intercalar as mídias digital e impressa favorece um movimento semelhante ao de um viajante, que ora espia a paisagem e percorre a trilha, ora espia o mapa de papel em suas mãos. As fotos são feitas por um cabinha nascido na região e revela um olhar curioso e encantado diante da familiaridade. Com pequenas fotos e também fotos de página inteira conseguimos ver com detalhes a realidade e a beleza do sertão do Cariri. Leves pinceladas ilustram cenários e personagens sertanejos em pequenas vinhetas



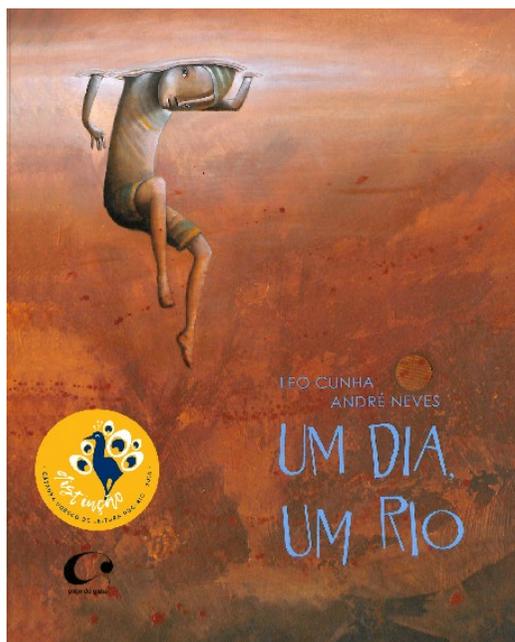
Imagem-chave: páginas 54 e 55

os desenhos coloridos e simples, como de um cabinha, alinhavam fotos e textos. O projeto gráfico favorece a leitura dos vários relatos, com diversidade de título, cor e tipografia.

Resenhista: Marcela Fernandes de Carvalho

Palavras-chave:
Infância, Cariri, usos e costumes, relatos de viagem, livro interativo, brinquedos e brincadeiras.

Um dia, um rio



Escritor:
Leo Cunha

Ilustrador:
André Neves

Editora:
Pulo do Gato

Ano de publicação:
2016

Número de páginas: 32

Resenha:

O Rio Doce, situado em Minas Gerais, foi vítima, em 2015, de um crime ambiental. Esta tragédia é transformada em forte poesia pelo autor. O próprio rio conta sua história, traz suas memórias, mostra o seu lamento. E provoca lembranças de outros rios ameaçados constantemente pelo descaso e pela ganância. A obra é como um grito de dor e de alerta, que intensifica pela perfeita integração entre texto e imagem, propiciando o silêncio e a reflexão. A experiência de leitura dá a ver o movimento da água no princípio límpida e depois pura

lama. Contudo, se mantém a esperança de que possa ser de novo um rio, um dia.

Resenhista: Benita Prieto

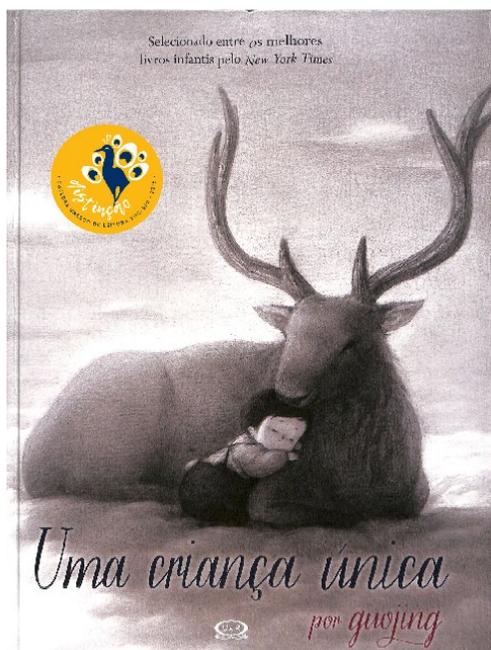
Palavras-chave:

Poesia, rio, meio ambiente; memória, tragédia ambiental, Rio Doce, MG.



Imagem-chave: páginas 14 e 15

Uma criança única



Escritora:

Guojing

Ilustradora:

Guojing

Editora:

Vergara & Riba Editoras

Ano de publicação:

2016

Número de páginas: 112

Resenha:

O único texto verbal do livro é um pequeno bilhete ilustrado: “fui visitar a vovó”. Sozinha em casa, uma criança sai à rua e toma um ônibus no qual adormece. Despertando, encontra-se perdida e só. Em busca de sinais para recuperar o caminho, procurando companhia, a adorável criança feita de lápis em tons pastéis encontra um animal único, que a protege. Com ele, faz uma viagem pelo mundo da imaginação até finalmente retornar à casa, onde sua mãe a espera. As imagens expansivas de página dupla e de longínquas

perspectivas, com pequenos cortes de detalhes gestuais e expressões faciais de alegria, medo, tristeza, surpreendem o leitor pela delicadeza e fluidez das ilustrações. A narrativa toda em imagem sépia silencia o verbo e permite um encontro com a solidão da infância.

Resenhista: Marcela Fernandes de Carvalho

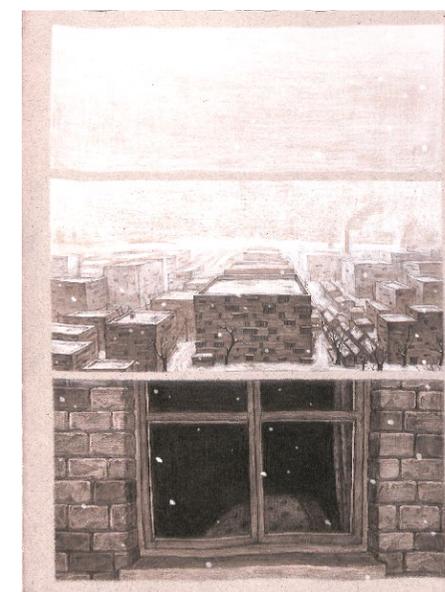


Imagem-chave: páginas 70

Palavras-chave:

Livro de imagem, infância, solidão, imaginação.

Obs.: Em apresentação no final do livro a autora chinesa conta “a política do filho único” que reinou na China durante os anos 1980.

Índice

2016

2017

2018

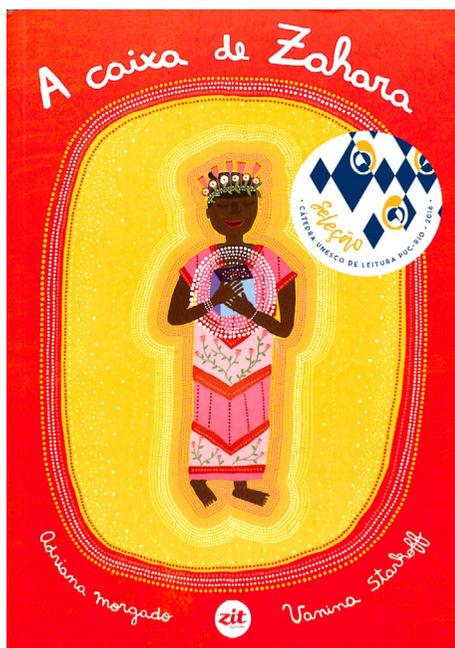
Palavras



PREMIADOS ANO 2016

SELEÇÃO

A caixa de Zahara



Escritora:
Adriana Morgado

Ilustradora:
Vanina Starkoff

Editora:
Zit

Ano de publicação:
2016

Número de páginas: 48

Resenha:

Zahara é uma pequena menina africana que perdeu os pais na guerra e vive com sua avó em um acampamento de refugiados. No entanto, apesar de ter nascido em uma época turbulenta, ela não perde a alegria e a curiosidade própria das crianças. Sua avó é uma mulher amorosa e sábia, que a ajuda a conhecer-se a si mesma e a descobrir seus próprios sentimentos, dando-lhe um presente bastante estranho, uma caixa vazia. As ilustrações de cores vivas acompanham a delicadeza do texto e traduzem as situações vividas pela personagem.

Resenhista: Maria Clara Cavalcanti de Albuquerque

Palavras-chave:
Guerra, infância, África, memória, avó.



Imagem-chave: página 15

Índice

2016

2017

2018

Palavras

A fantasia da família distante



Escritora:
Stella Maris Rezende

Ilustradora:
Laurent Cardon

Editora:
Globinho

Ano de publicação:
2016

Número de páginas: 32

Resenha:

Com uma linguagem poética e repleta de musicalidade, a obra apresenta um narrador inusitado: um cachorro, membro de uma família comum composta por Carlos, Cecília e seus três filhos, Clarice, João e Graciliano. Com sensibilidade, o narrador descreve todas as emoções experimentadas pela família a partir do momento em que recebem a notícia da vinda de familiares para resolver um problema. Angustiados e sem saber como se comportar diante da triste notícia, prometem esquecer o assunto; contudo, todos continuam aflitos em busca de respostas para as dúvidas que persistem. Quando de sua

chegada, novas emoções vêm à tona e juntos, pai, a mãe e filhos, conseguem prestar uma linda homenagem ao membro da família que enfrenta um momento difícil e delicado. O livro é uma homenagem à literatura brasileira e também uma história de laços familiares, amizade, solidariedade e esperança. As ilustrações delicadas e divertidas, de traços soltos e aquarelados, dão leveza à obra e guiam o olhar e a narrativa através de um fio vermelho.

Resenhista: Ana Paula Oliveira

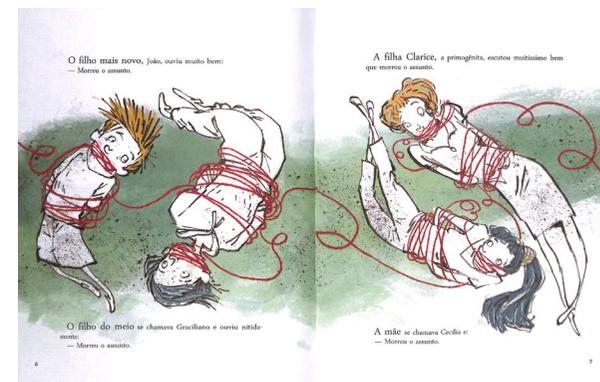


Imagem-chave: páginas 6 e 7

Obs.: A escritora apresenta diversas referências à literatura brasileira, tanto nos nomes dos personagens quanto em passagens que apresentam expressões conhecidas de leitores. O livro faz parte de uma trilogia da autora, lançada pela Globinho, e composta pelos títulos: *“A poesia da primeira vez, A coragem das coisas simples e A fantasia da família distante.”*

Palavras-chave:

Família, amizade, solidariedade, esperança, intertextualidade, animais.

A minha avó

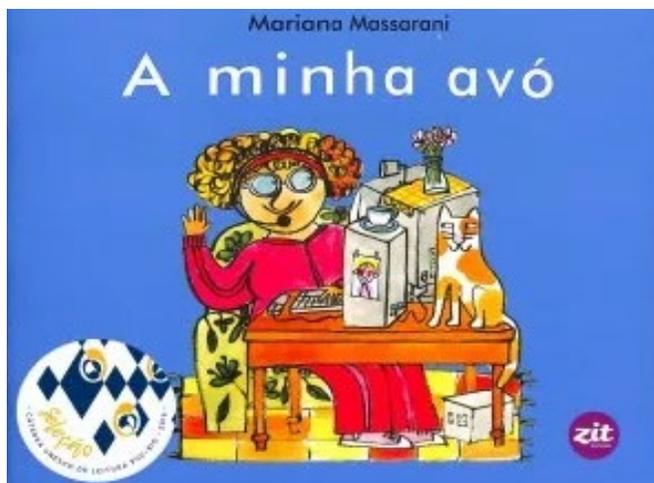
Índice

2016

2017

2018

Palavras



Escritora:
Mariana Massarani

Ilustradora:
Mariana Massarani

Editora:
Zit

Ano de publicação:
2016

Número de páginas: 32



Imagem-chave: páginas 14 e 15

Resenha:

A narrativa tem texto e imagem que se completam à perfeição. Avó e neta que moram em países distantes conseguem usar toda a tecnologia da comunicação para se fazerem íntimas, partilhando seu dia a dia. Com cenas muito divertidas, mas factíveis, oferece dicas para estas relações intergeracionais, até na mesma cidade grande, onde os tempos encurtam e os espaços aumentam. É o tipo de livro que realmente serve para gente de diferentes idades se encontrarem em

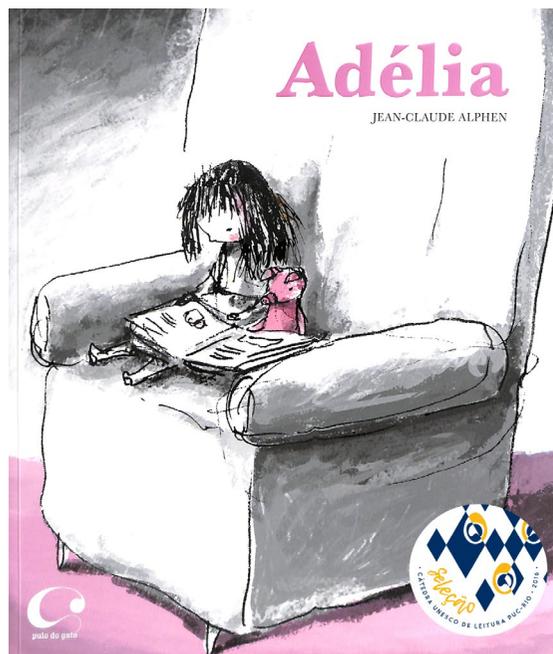
situações comuns; através do miniconto, a arte mostra a vida com uma dimensão que supera seus constrangimentos de circunstâncias. A ilustradora consegue flagrar com muito humor situações contemporâneas da relação avó e neta em traços lúdicos que contam sobre elas, mais do que o texto e o computador podem mostrar.

Resenhista: Eliana Yunes

Palavras-chave:

Avó, neta, tecnologia, comunicação, afetividade, humor.

Adélia



Escritor:
Jean-Claude Alphen

Ilustrador:
Jean-Claude Alphen

Editora:
Pulo do Gato

Ano de publicação:
2016

Número de páginas: 56

Resenha:

Todas as noites Adélia esperava que seus irmãos adormecessem, saía de sua casa silenciosamente e ia, pé ante pé, para a casa vizinha. O que será que ela fazia lá? Isso é um grande mistério! As ilustrações em preto, branco e rosa com pequenas pinceladas de verde, ocupam páginas inteiras e ajudam a criar o tom de suspense da história e o desenlace surpreendente da narrativa.

Resenhista: Maria Clara Cavalcanti de Albuquerque

Palavras-chave:
Mistério, suspense, leitura.

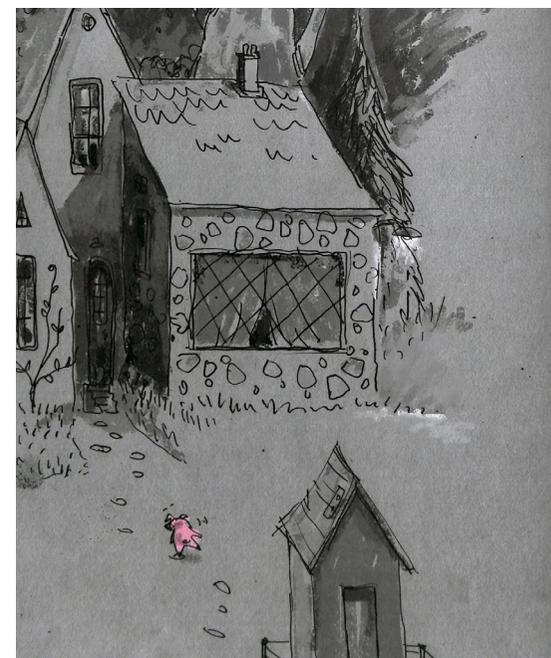
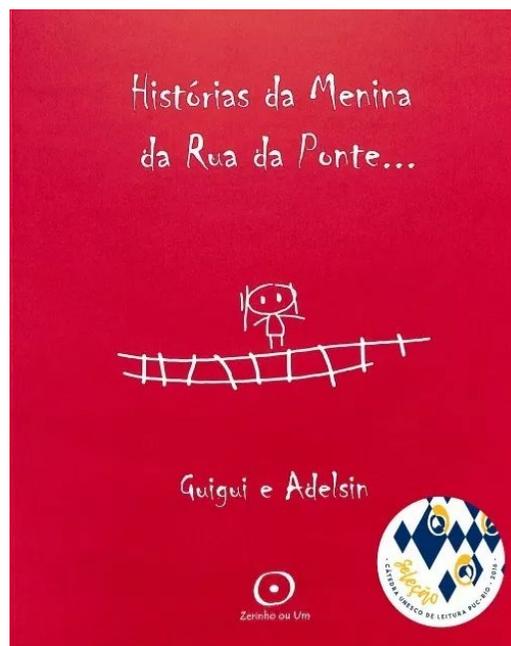


Imagem-chave: página 12

Histórias da menina da rua da ponte



Escritores:

Guigui e Adelsin

Ilustradora:

Adelsin

Editora:

Zerinho ou Um

Ano de publicação:

2016

Número de páginas: 77

Resenha:

Os autores são mãe e filho e relatam juntos histórias contadas há muitos e muitos anos, passadas de geração para geração. São contos e recontos maravilhosos, atrelados a experiência do tempo de quem os escutou pela vez primeira: a menina da rua da ponte. A menina Guigui, hoje avó, lembra seu tempo de neta e leva o leitor para as histórias na beira do fogo. Entre as dezenove narrativas, há versões de contos mais conhecidos como a “Moura Torta” ou “A onça e o bode” e outros surpreendentes como “Jesúina e a cabaça” ou “A história de

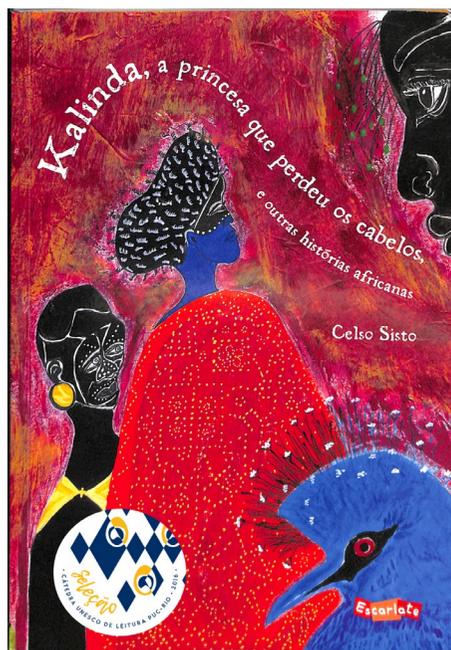
Quim”, contos que trazem cantigas inusitadas, cheias de magia e encantamento, todas boas histórias para serem recontadas. Além de lidas, as histórias podem ser ouvidas por meio de dois CDs que acompanham o livro. A gravação apresenta muitos contadores de histórias de Minas e São Paulo, além de vozes de crianças cantando melodias. As ilustrações, do próprio autor, são vinhetas sempre em vermelho, principal cor além do preto, traços simples como “boneco de palitinho” que ora é um guerreiro com espada, ora uma moça a bordar o enxoval.

Resenhista: Marcela Fernandes de Carvalho

Palavras-chave:

infância, memória, contadores de histórias, reconto, oralidade.

Kalinda, a princesa que perdeu os cabelos e outras histórias africanas



Escritor:
Celso Sisto

Ilustrador:
Celso Sisto

Editora:
Escarlate

Ano de publicação:
2016

Número de páginas: 64

Resenha:

As cinco histórias que compõem o livro fazem parte da herança cultural africana. São contos vindos da tradição oral de grupos étnicos de diversas partes de terras da África. Ao recontar as narrativas, o autor se mantém fiel à estrutura destes contos mágicos, proporcionando ao leitor uma viagem ao imaginário de culturas ancestrais. Como nos contos de fadas de tradição europeia, aqui também há princesas que sofrem, meninas exploradas por madrastas, meninos que sobrevivem pela

sua esperteza, meninas que buscam solução para suas dores na magia. A leitura, portanto, acentua o fato de que o imaginário não possui fronteiras e, por mais distantes ou distintas, as culturas se aproximam no humano. As ilustrações, em tinta acrílica, aparecem na abertura de cada história e trazem inspiração africana em suas cores e traços, funcionando como um prólogo a cada um dos contos.

Resenhista: Denise Ramalho

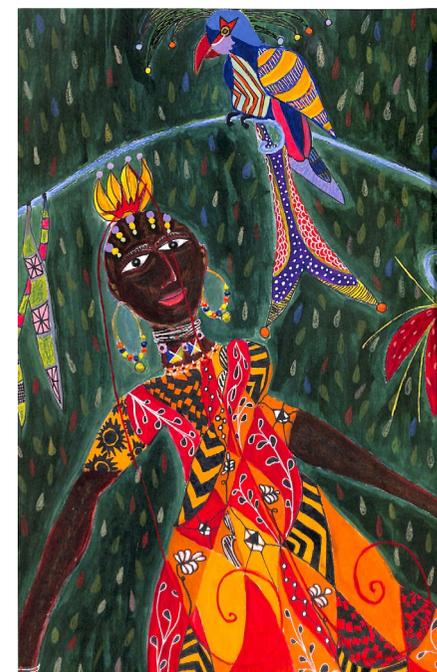


Imagem-chave: páginas 12

Palavras-chave:

Contos africanos, imaginação, fantasia, princesa, esperteza, oralidade.

Letras de Carvão

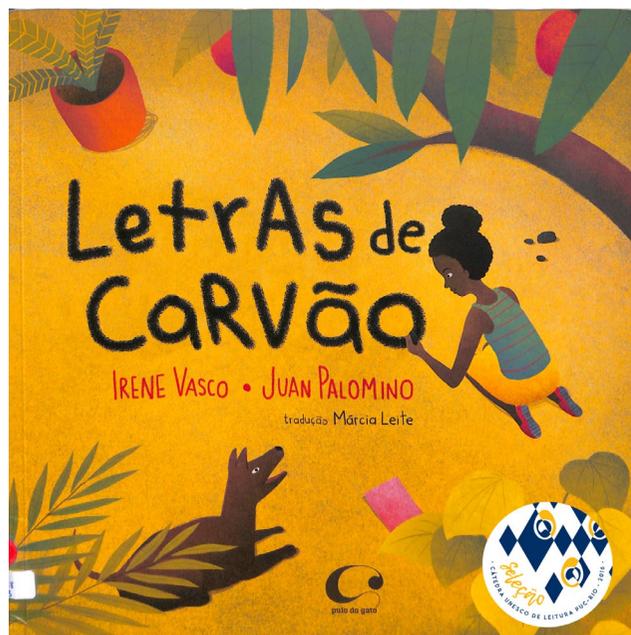
Índice

2016

2017

2018

Palavras



Escritora:
Irene Vasco

Ilustrador:
Juan Palomino

Tradutora:
Márcia Leite

Editora:
Pulo do Gato

Ano de publicação:
2016

Número de páginas: 36

Resenha:

No povoado, poucos sabiam ler. O dono da mercearia era um deles. Necessitava da escrita para administrar seu comércio. A narradora, incentivada pelas cartas de amor indecifráveis recebidas pela irmã mais velha, decide se alfabetizar. Aos poucos, os desenhos nas cartas, nos jornais e nos muros, vão ganhando para a menina e para aqueles com quem ela compartilha o novo saber, sons e significados enriquecedores. As ilustrações sem linhas e com cores quentes recriam personagens

curiosos e a vida do povoado colombiano. Vale ainda dizer que a história é narrada a partir de uma lembrança da mãe para seu filho.

Resenhista: Luiza Trindade

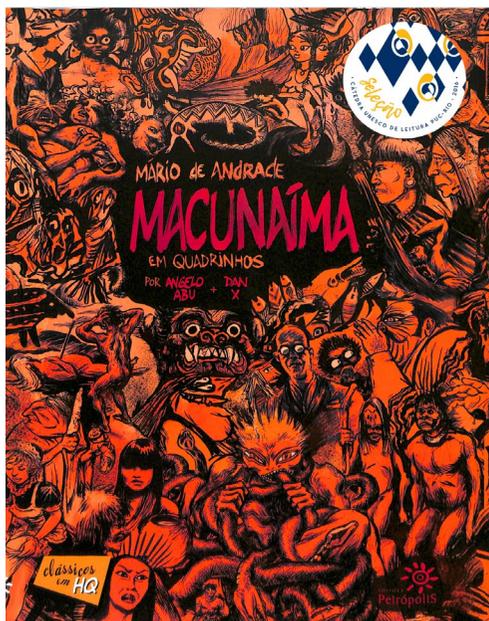
Palavras-chave:

Leitura, alfabetização, contação de histórias, Colômbia.



Imagem-chave: páginas 16 e 17

Macunaíma em quadrinhos



Escritor:
Mário de Andrade

Adaptadores e ilustradores:
Angelo Abu e Dan X

Editora:
Peirópolis

Ano de publicação:
2016

Número de páginas: 80

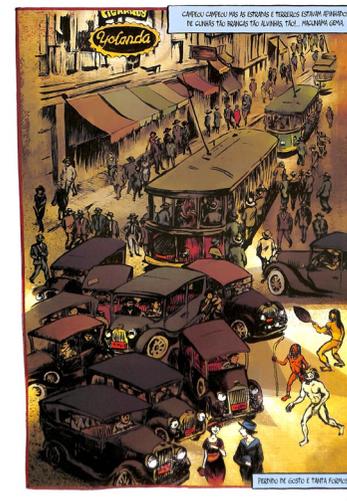


Imagem-chave: página 37

Resenha:

A obra sobre o anti-herói preguiçoso e folgado já foi adaptada para vários formatos, mas pela primeira vez ganha uma versão em quadrinhos. Com uma incrível riqueza de imagens e cores, os desenhistas e adaptadores transportam o leitor para a época tupiniquim no Brasil. Eles preservam o espírito da obra, recheada de humor, erotismo, poesia e escracho, ao mesmo tempo o adaptam à linguagem moderna. Macunaíma nasce índio, se transforma em um belo e loiro príncipe, encontra seres fantásticos

da Floresta Amazônica, enfrenta armadilhas e perigos e viaja à cidade. A adaptação traduz a narrativa para a linguagem das HQs preservando a irreverência do original.

Resenhista: Ana Paula Oliveira

Palavras-chave:

Palavras-chave:
cultura brasileira; mitos indígenas; metamorfose; Macunaíma; HQ; Mário de Andrade, crítica e interpretação.

Obs.: A HQ tem três capítulos menos que o livro, mas preserva a narrativa principal e preserva com fidelidade o linguajar adotado por Mário de Andrade, que mescla o português culto a termos do tupi e do tupi-guarani.

Meu pai vai me buscar na escola

Índice

2016

2017

2018

Palavras



Escritor:

Junião

Ilustrador:

Junião

Editora:

Zit

Ano de publicação:

2016

Número de páginas: 44



Imagem-chave: páginas 4 e 5

Resenha:

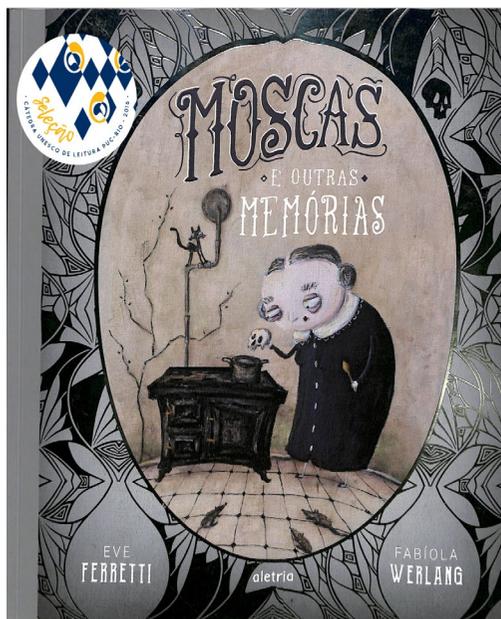
Um pai vai buscar seu filho na escola. Esta situação corriqueira se transforma na imaginação da criança. O pai muda de forma várias vezes ao levar o menino em segurança para casa. O texto com frases curtas apenas indica o trajeto do pai e de seu filho até o lar. Mas é nas ilustrações, com cores vibrantes em página dupla, que a imaginação e o inusitado surgem com força.

Resenhista: Augusto Pessoa

Palavras-chave:

Família, pai e filho, imaginação, afeto, experiência urbana.

Moscas e outras memórias


Escritoras:

Eve Ferretti e Fabíola Werlang

Ilustradoras:

Eve Ferretti

Editora:

Aletria

Ano de publicação:

2016

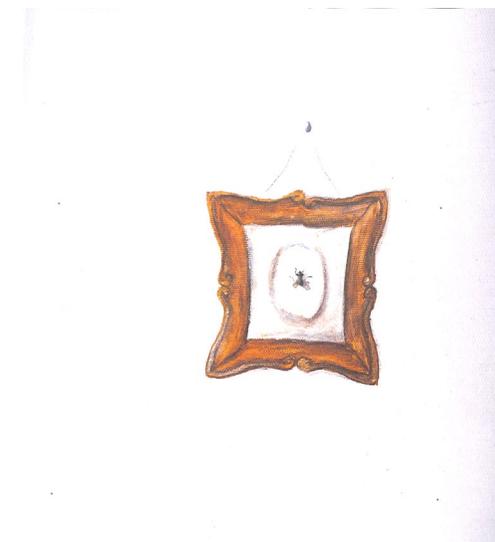
Número de páginas: 56


Imagem-chave: página 4

Resenha:

O nonsense é um gênero literário que causa perplexidade e estranheza, porque desordena a lógica do pensamento e explora situações insólitas. Inspirado no gênero nascido na Inglaterra vitoriana, este livro conta uma história repleta de personagens excêntricas que marcaram a infância do narrador, como a amiga colecionadora de minhocas ou a tia que, depois da morte do noivo, nunca mais tomou banho. Essas personagens e seus estranhos contextos descontroem

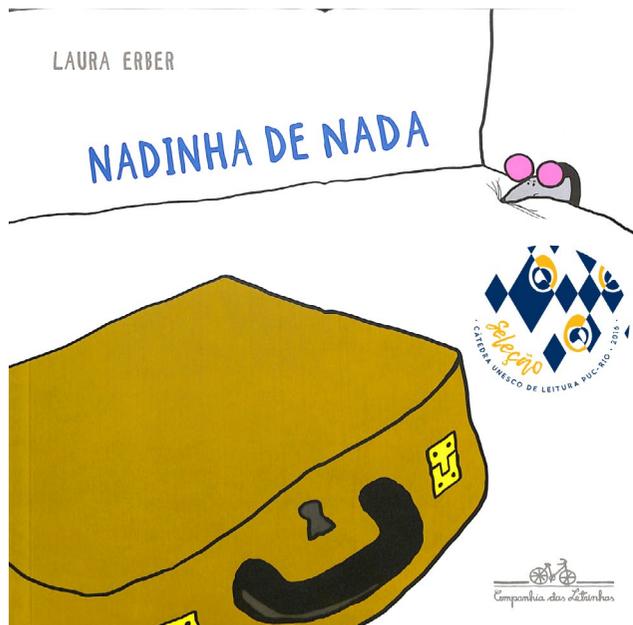
um imaginário idílico da infância e estão emolduradas em ilustrações que ora complementam o texto verbal, ora produzem um efeito paradoxal entre palavra e imagem.

Resenhista: Francisco Camêlo

Palavras-chave:

Nonsense, memória, infância, morte, velhice.

Nadinha de nada



Escritora:
 Laura Erber

Ilustradora:
 Laura Erber

Editora:
 Companhia das Letrinhas

Ano de publicação:
 2016

Número de páginas: 32

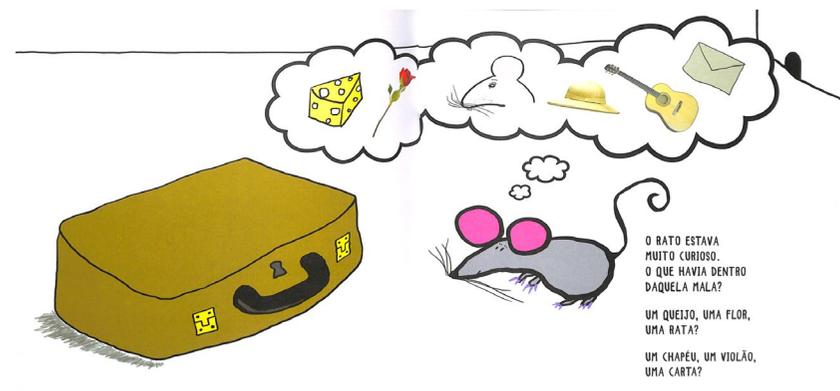


Imagem-chave: página 14 e 15

Resenha:

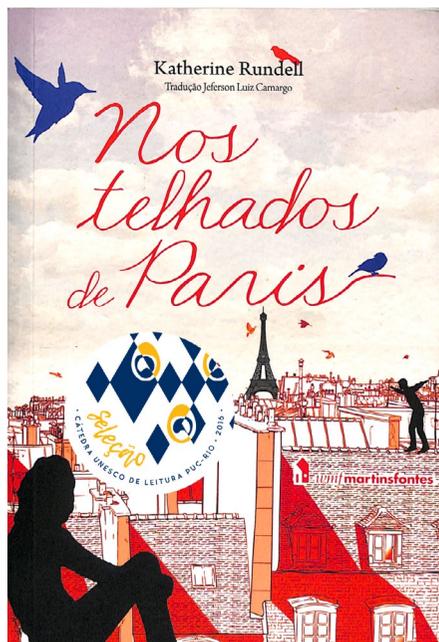
Uma história rimada, que joga com a curiosidade e a persistência, propõe uma sequência lúdica e desafiadora que crianças (muito grandes e muito pequenas) acompanham com gozo. As imagens falam por si e quase poderiam dispensar o texto, importante afinal, no desfecho, pois a reflexão que traz não está contemplada – mas poderia estar – na narrativa visual.

Resenhista: Eliana Yunes

Palavras-chave:
 Curiosidade, persistência, ludicidade, rima, animais.



Nos telhados de Paris

**Escritora:**

Katherine Rundell

Tradutor:

Jeferson Luiz Camargo

Editora:

Martins Fontes

Ano de publicação:

2016

Número de páginas: 280**Resenha:**

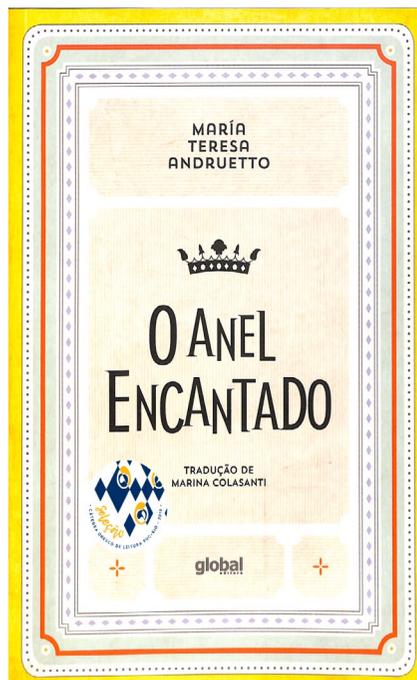
Uma menina, ainda bebê, é encontrada num naufrágio, boiando dentro de uma caixa para violoncelo. Ela é resgatada por um jovem senhor chamado Charles que lhe dá o nome de Sophie. Os dois vivem fora dos padrões da sociedade inglesa em um período em que só se usavam carruagens. As autoridades de Londres decidem que a menina não pode ser criada por Charles. Nesse momento, Sophie descobre pistas que poderão levá-la a encontrar sua mãe biológica. Os dois decidem

ir a Paris para desvendar esse enigma. Na capital francesa, Sophie vai viver muitas aventuras, ao lado de crianças que vivem nos telhados da cidade, ao tentar desvendar esse mistério. A autora criou um texto de tirar o fôlego em que a heroína passa por vários perigos para alcançar seu objetivo.

Resenhista: Augusto Pessôa**Palavras-chave:**

Mistério, família, aventura, Europa.

O anel encantado



Escritora:
Maria Teresa Andruetto

Ilustradora:
Marina Colasanti

Editora:
Global

Ano de publicação:
2016

Número de páginas: 62

Resenha:

O livro reúne sete histórias, que nos remetem aos contos de fada, e abordam alguns temas fundamentais à natureza humana: o amor, a busca pela felicidade, o ciúme, a ambição, a generosidade (ou a falta dela), os preconceitos. A obra oferece material para reflexão sobre valores e relações humanas a partir da fantasia. O projeto gráfico do livro não inclui ilustrações.

Resenhista: Francisco Camêlo

Palavras-chave:
Contos de fada, fantasia, amor, busca, valores éticos.

Obs.: A autora já recebeu diversos prêmios diversos, prêmios inclusive o Prêmio Hans Christian Andersen em 2012.

Índice

2016

2017

2018

Palavras



O barco das crianças

Escritor:

Mario Vargas Llosa

Ilustrador:

Zuzanna Celej

Tradutora:

Paulina Wacht e Ari Roitman

Editora:

Alfaguara

Ano de publicação:

2016

Número de páginas: 104

Resenha:

Neste livro, o autor traz de volta seu protagonista-menino Fonchito, o mesmo de Fonchito e a Lua. Desta vez, a curiosidade do menino é despertada pela presença constante de um velhinho, que toda manhã está diante de sua casa, sempre no mesmo banco, olhando fixamente para o mar. A curiosidade promove o encontro entre eles. Durante dias e dias, sempre pela manhã, o velho vai contando a Fonchito sua história e o porquê de observar tão atentamente o mar, na esperança de enxergar o Barco das Crianças – lugar de onde partiu há muito, para conhecer o mundo, mas que, agora, é para onde deseja retornar,

como que a cumprir o seu verdadeiro destino. A história é baseada na mítica narrativa medieval de milhares de crianças que deixam suas casas para seguirem em romaria até Jerusalém a fim de retomar a cidade santa para os cristãos. O autor se apropria desta narrativa e faz de seu velhinho uma destas crianças perdidas. Esta intertextualidade não só constrói a narrativa, como também reforça a interseção infância e velhice como “duas pontas da vida” e das histórias: princípio e fim, não de modo linear, mas na convivência entre o vivido e a curiosidade pelo que virá. As ilustrações, desenhos e aquarelas, reforçam

a visão lúdica da personagem criança, bem como a memória idealizada do velhinho. São representações oníricas que sublinham as referências presentes na história.

Resenhista: Denise Ramalho

Palavras-chave:

Curiosidade, experiência, intertextualidade, infância, velhice.

Obs.: Vargas Llosa é autor premiadíssimo, tendo recebido o Nobel de Literatura em 2010. A história do Barco das crianças aparece no livro A cruzada das crianças do autor francês Marcel Schwob, citado no livro por Llosa. 40

O barco das crianças

súplicas podiam derrotar os terríveis guerreiros do Islã e obrigá-los a recuar
— É que, é que... — hesitou Fonchito —, desculpe a minha insistência, mas se o senhor estava lá, naquele barco, agora já seria um fantasma, não é mesmo?
O velho começou a rir, divertido, com uma risadinha espontânea e alegre, olhando para Fonchito com carinho.



Imagem-chave: página 29

O caderno da avó Clara



Escritora:
Susana Ventura

Ilustradora:
Carla Irusta

Editora:
SESI-SP

Ano de publicação:
2016

Número de páginas: 150



Imagem-chave: página 78

Resenha:

Mari é uma adolescente que cresceu certa do abandono paterno antes mesmo do seu nascimento. Sua vida seguia muito bem ao lado da mãe, até que esta precisa se ausentar do Brasil por seis meses, a trabalho. A menina não pode acompanhá-la e na saída encontrada há uma surpresa. A mudança é cercada de estranhamento e um fato novo começa a animar a menina: ela encontra o caderno de sua avó paterna, Clara, que está repleto de narrativas delicadamente

registradas – todos os textos da avó aparecem inseridos na narrativa em manuscrito. A experiência de descobrir sua avó pela escrita faz com que a menina repense a si mesma, se reencontre com o pai e recupere a própria história. O projeto gráfico do livro inclui desenhos que guardam um traço amador, como se feitos pela própria adolescente. Este aspecto aproxima a experiência de leitura da vida da protagonista, formando um conjunto harmônico que seduz o leitor, do mesmo

modo que o caderno da avó Clara seduz Mari.

Resenhista: Denise Ramalho

Palavras-chave:
Relações familiares, memória, escrita, avó.

Índice

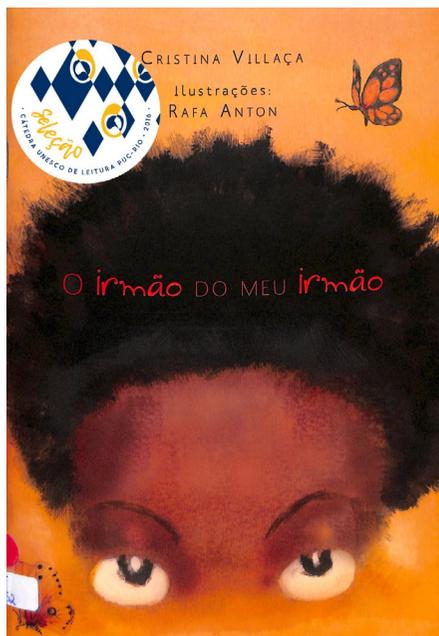
2016

2017

2018

Palavras

O irmão do meu irmão



Escritora:
Cristina Villaça

Ilustradora:
Rafa Anton

Editora:
Zit

Ano de publicação:
2016

Número de páginas: 32

Resenha:

Hoje em dia, muitas famílias são formadas por pais separados, com filhos do primeiro, segundo, terceiro casamento. Como se sentem as crianças nessa situação e como elas constroem relações afetivas com os novíssimos membros de sua família? Esse pequeno livro narra a história de uma menina que ganha um irmão-não irmão, o filho mais velho de sua madrasta. Entre aventuras, as duas crianças descobrem importar menos os laços de sangue do que o sentimento que surge entre elas. As

ilustrações ressaltam o lado humano e íntimo das personagens, expressões do que se percebe quando nos aproximamos um do outro.

Resenhista: Luiza Trindade

Palavras-chave:
Intimidade, relações familiares, diferenças, amizade, amor.

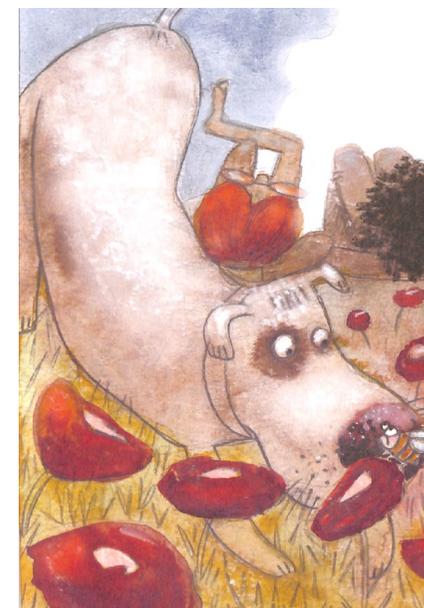


Imagem-chave: página 25

O lagarto

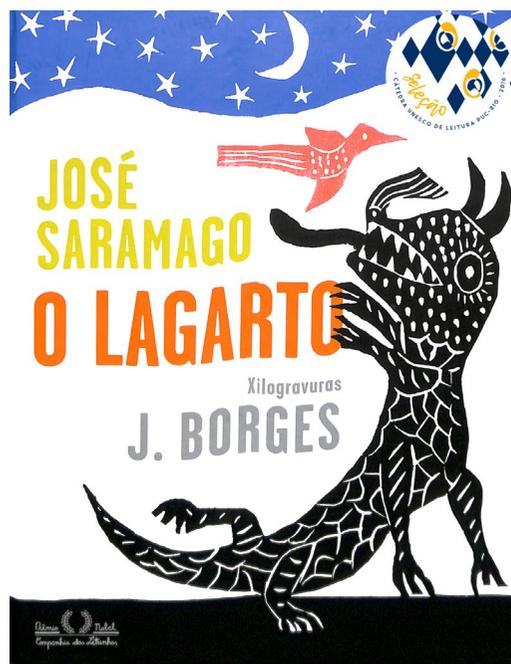
Índice

2016

2017

2018

Palavras



Escritor:

José Saramago

Ilustrador:

J. Borges

Editora:

Companhia das Letrinhas

Ano de publicação:

2016

Número de páginas: 28

Resenha:

Histórias fantásticas não fazem parte apenas do universo da infância. Desde os mitos e lendas, elas estão nas narrativas que procuram apontar o inusitado, o inexplicável na vida dos homens. E a que apontam? Aos sentimentos e ideias que dormem no recôndito de cada um e das massas. Assim, o autor abre este texto curto, com a duvidosa hipótese de ter parentesco com o mundo mágico das fadas. E conta uma história surreal, acontecida como um episódio perturbador, no coração da

capital, envolvendo um lagarto, a população, uma batalha e as metamorfoses. E as fadas...? A escolha do ilustrador, expoente de imagens para cordel, confirma o caráter ao mesmo tempo popular e sofisticado da reflexão, que envolve o sentipensamento humano e, em xilogravuras, aproxima o surpreendente imaginário das figuras em traços ordinários.

Resenhista: Eliana Yunes



Uma história assim só pode acabar em verso:

Celados, muitos recordam,
No press das suas casas,
O lagarto que era rosa,
Aquele rosa com eses.

Há por aí quem não acredite? Eu bem dizia:
isto de fadas já não é nada a que era.

Imagem-chave: páginas 20 e 21

Palavras-chave:

Conto, fantástico, metamorfose, medo, fadas, xilogravuras.

O pintor debaixo do lava-loiças



Escritor:

Afonso Cruz

Ilustrador:

Afonso Cruz

Editora:

Peirópolis

Ano de publicação:

2016

Número de páginas: 180

Resenha:

O texto, de autor português, acompanha a trajetória de Josef Sors, desde seu nascimento no final do século XIX no Império Austro-Húngaro. Ele é filho do mordomo e da engomadeira que trabalham na casa do coronel Moller. O dono da casa proporciona ao filho dos empregados a mesma educação dada a seu filho. Mas Sors é um personagem criativo, que tem obsessão por desenhar, principalmente os olhos de seus retratados. A narrativa atravessa as duas grandes guerras

em que o herói está sempre cercado de imaginação, melancolia, cadernos de desenho e olhos. O autor mistura fantasia a fatos reais ocorridos na vida de seus avós. O texto e as ilustrações em xilogravura são cativantes e de grande lirismo.

Resenhista: Augusto Pessôa

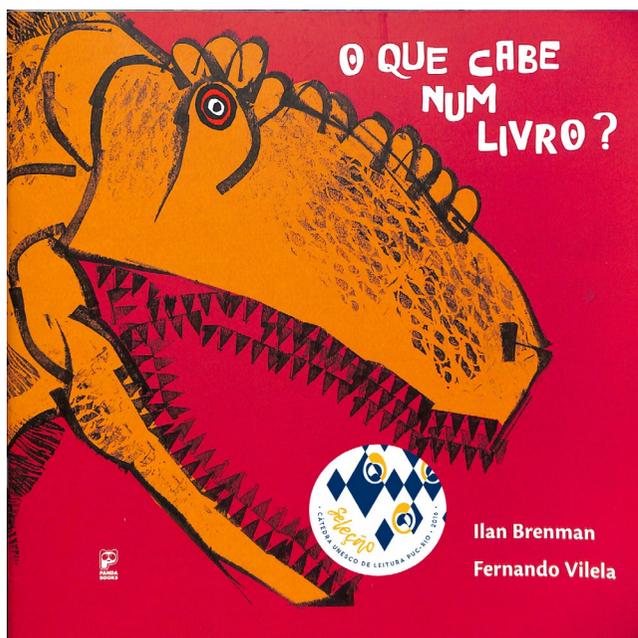


Imagem-chave: página 50

Palavras-chave:

Família, guerra, desenho, imaginação, olhar, xilogravura.

O que cabe num livro



Escritor:
Ilan Brenman

Ilustrador:
Fernando Vilela

Editora:
Panda Books

Ano de publicação:
2016

Número de páginas: 32



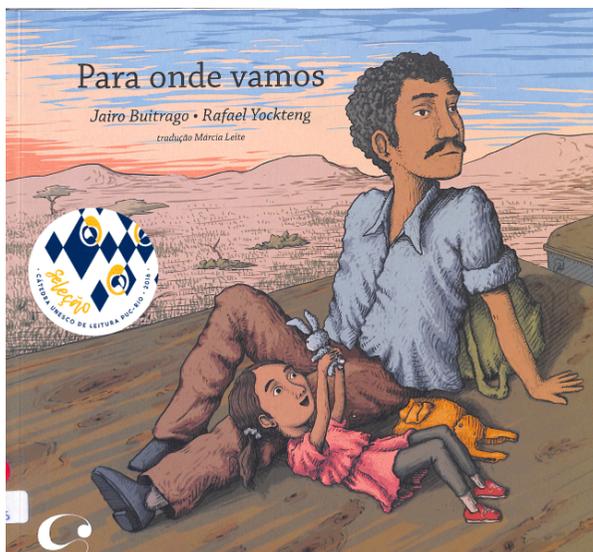
Imagem-chave: páginas 14 e 15

Resenha:

O livro, quadrado e grande, com cores fortes e ilustrações feitas a partir de carimbos de borracha, brinca com tudo o que nele pode caber: animais gigantes e minúsculos, um avião em movimento, a família com seus diferentes personagens, o irmãozinho contrariado... O texto é dividido em frases curtas e grafado em caixa alta; assim favorece a leitura de quem está começando a ler. O humor, o inusitado e os contrastes envolvem ludicamente a criança.

Resenhista: Luiza Trindade Oiticica

Palavras-chave:
Humor, leitura, livro, grande e pequeno.



Para onde vamos?

Escritor:

Jairo Buitrago

Ilustrador:

Rafael Yockteng

Tradução:

Márcia Leite

Editora:

Pulo do Gato

Ano de publicação:

2016

Número de páginas: 56

Resenha:

O que pode um livro? Algumas vezes faz o leitor se emocionar, a boca resseca, faltam palavras, o choro pede passagem. A leitura torna-se tão intensa que pede repetição. Uma vez só é pouco, para tanta emoção. Esta é uma história assim: uma menina viaja com seu pai, mas ela não sabe para onde vão. Durante a longa viagem, ela vai descobrindo o mundo a sua volta, com o olhar inocente de uma criança sem malícias. A narrativa põe o leitor em contato com uma questão bastante

atual, a dos refugiados no mundo, contando de forma comovente, do início ao fim, uma jornada vivida por milhares de crianças e famílias que passam por esta realidade. As ilustrações são em cores fortes, com traços expressivos e cenarizam as situações que eles atravessam no périplo da migração.

Resenhista: Lúcia Fidalgo

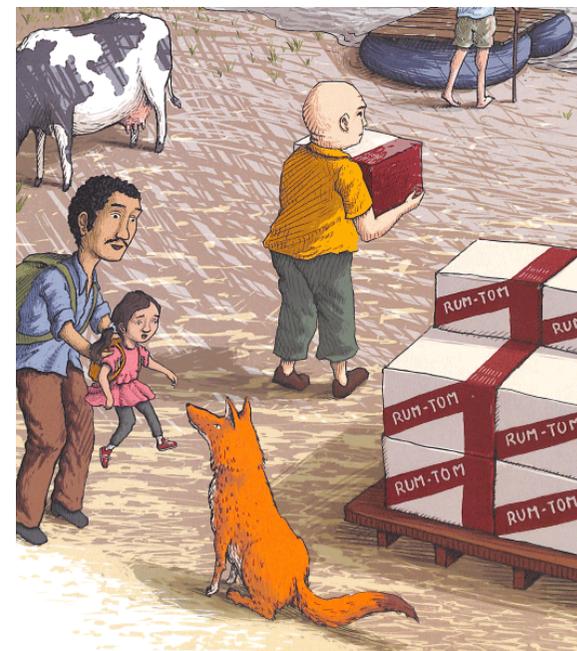


Imagem-chave: página 11

Palavras-chave:

Migração, pai e filha, refugiados.



PREMIADOS ANO 2016
HORS CONCOURS

Intramuros

**Escritor:**

Lygia Bojunga

Editora:

Casa Lygia Bojunga

Ano de publicação:

2016

Número de páginas: 188**Resenha:**

Lygia Bojunga é uma escritora que não cede a imperativos do mercado editorial e, por isso, fica anos sem publicar livros. Nesta obra inédita e publicada após um hiato de seis anos, ela conta, de modo metanarrativo, o que acontece nos “intramuros” da criação literária. À maneira de uma conversa com o leitor, a escritora trata de questões que envolvem o fazer literário, como o desejo de escrever, a composição psicológica das personagens e as variáveis do processo criativo. Esses aspectos são trabalhados ao longo das páginas por

meio de uma estrutura narrativa fragmentada que encena episódios da vida da escritora e dos personagens de seu livro “en abyme”. Ao perseguir temas caros à sua obra – como a metaficção – Bojunga brinda o leitor com mais uma narrativa que expõe sua relação visceral com os livros e a escrita.

Resenhista: Francisco Camêlo**Palavras-chave:**

Metanarrativa; escrita; livro; criação, processo de; Lygia Bojunga.



*A imaginação de crianças e jovens
é tão real quanto as páginas destes livros*

“livremente inspirado em Monteiro Lobato”



PREMIADOS ANO 2017

DISTINÇÃO

A árvore no quintal: Olhando pela janela de Anne Frank

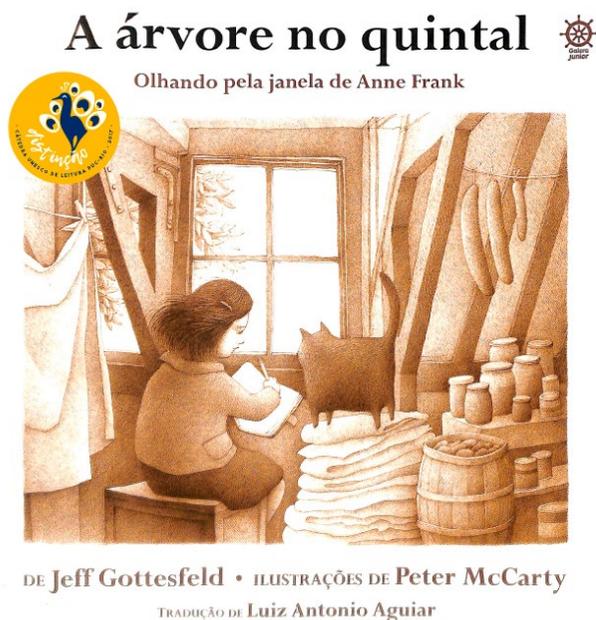
Índice

2016

2017

2018

Palavras



Escritora:
Jeff Gottesfeld

Ilustrador:
Peter McCarty

Tradutor:
Luiz Antonio Aguiar

Editora:
Galera Record

Ano de publicação:
2017

Número de páginas: 40

Resenha:

Um castanheiro-da-índia, de folhas verdes, flores delicadas, em cuja sombra gaivotas se reúnem, cresce abundantemente, espalhando seus galhos por sobre os telhados das casas e fábricas de uma cidade. A partir do ponto de vista da árvore, acompanha-se a explosão da guerra, a chegada de uma família que compra uma das fábricas e ali se esconde e o cotidiano de uma menina que brinca, lê e escreve um diário, até que um evento catastrófico afeta para sempre sua vida e a história humana.

Traços delicados e imagens em sépia cheias de movimento retratam a passagem do tempo para a menina e a árvore, que sobrevivem até hoje como símbolos da paz, tolerância e respeito às diferenças.

Resenhista: Francisco Camêlo



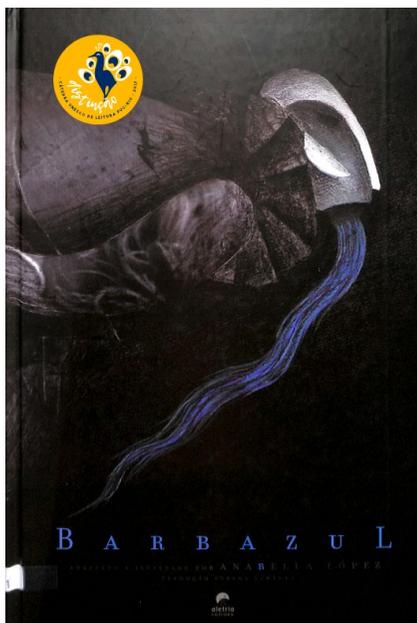
Quando os aviões roncavam no alto e as bombas sacudiam o anexo, a menina corria para os braços do pai.
Ela jamais voltou a sair para o quintal. A árvore não entendia por quê. A guerra tornava-se mais e mais feroz.

Imagem-chave: páginas 17 e 18

Palavras-chave:

Anne Frank, infância, olhar, guerra, árvore, tempo, diários.

Barbazul



Escritora:
Anabella López

Ilustradora:
Anabella López

Editora:
Aletria

Ano de publicação:
2017

Número de páginas: 40

Resenha:

Há muito tempo, um homem rico, conhecido por sua barba azul e por causa dela repellido, encena uma pequena tragédia em torno da condição feminina. Uma de suas vizinhas, astuta e interesseira, lhe oferece uma das filhas que, inicialmente, reluta em aceitá-lo, também por conta do mistério que o cerca. Qual seria o segredo? Para a releitura deste conto clássico, a autora-illustradora lança mão da força das imagens para recontar a conhecida história de Perrault. As escuras ilustrações reforçam o

clima de suspense que envolve a personagem e o destino da jovem que o desposa. Ao final, um adendo à história comove e alerta contra a violência que ainda hoje sofrem as mulheres.

Resenhista: Benita Prieto

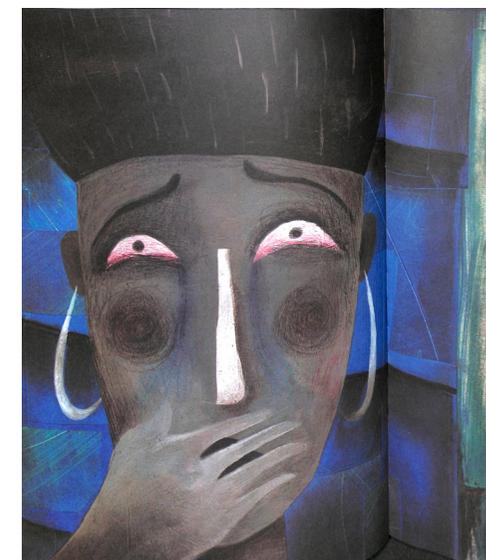
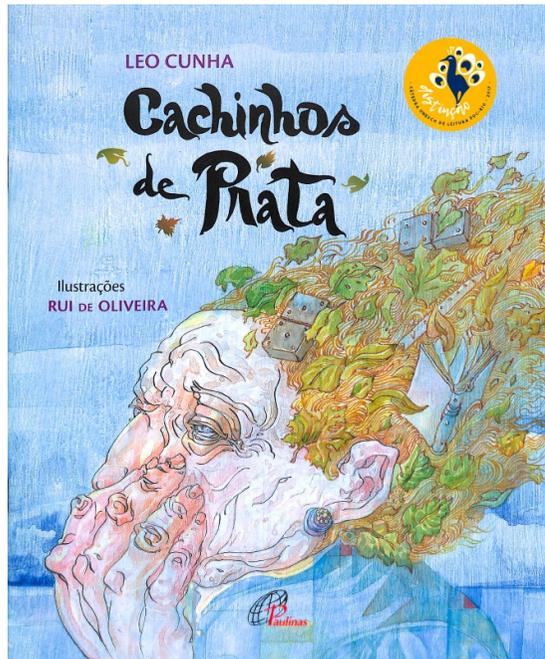


Imagem-chave: página 20

Palavras-chave:

Conto clássico, Barba Azul (personagem), morte, violência, mulher, mistério, reconto.

Cachinhos de prata



Ecritor:
Leo Cunha

Ilustrador:
Rui Oliveira

Editora:
Paulinas

Ano de publicação:
2017

Número de páginas: 24

Resenha:

Era uma vez uma avó de cabelos grisalhos e cacheados, a quem chamavam de Cachinhos de Prata. Todos os domingos, três netos a visitavam, sendo recebidos com muito carinho e histórias. Até o dia em que ela não mais os reconhece. Com delicadeza e sensibilidade, o livro aborda de modo *sui generis* a perda da memória e a trama de afetos entre avós e netos. As elaboradas ilustrações, feitas em lápis de cor e aquarela, acompanham o lirismo do texto, que alude à força do imaginário dos

contos tradicionais, e são de grande expressividade.

Resenhista: Francisco Camêlo

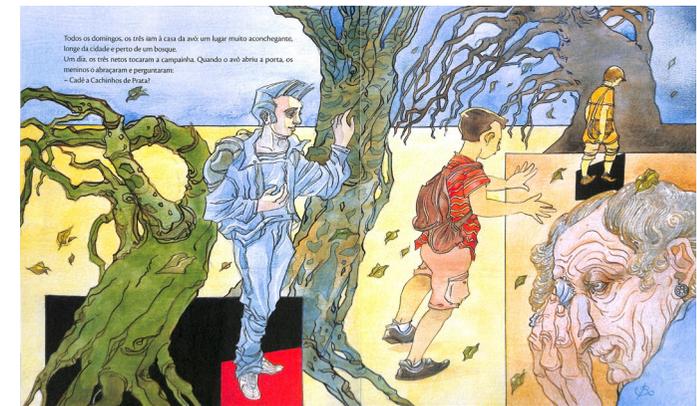


Imagem-chave: páginas 8 e 9

Palavras-chave:

Avó, avô, neto, velhice, memória, afetos, Cachinhos de Ouro (narrativa).

Índice

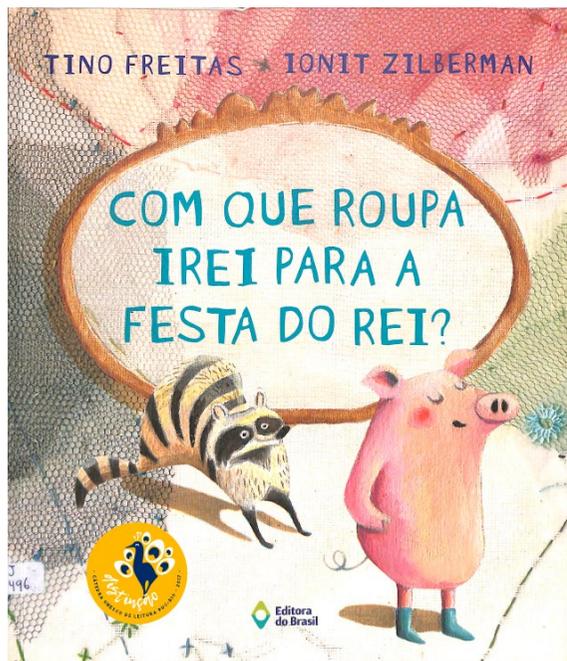
2016

2017

2018

Palavras

Com que roupa irei na festa do rei ?



Escritor:

Tino Freitas

Ilustrador:

Ionit Zilberman

Editora:

Editora do Brasil

Ano de publicação:

2017

Número de páginas: 42

Resenha:

Um baile à fantasia, marcado por um rei em homenagem a outro, oferece um prêmio ao súdito que se vestir como ele. Os animais fazem fila à porta do modista para elegeer o traje à imagem e semelhança dos reis que conhecem por notícias. Até que encontram desnudo o jabuti-leitor, levando consigo a história de um dinamarquês famoso... e quem a leu, como ele, já sabe a roupa que o rei usará, certo? As imagens, feitas em tecido e costuras entre provadores, são sugestivas do que está

por vir e que o uso final da fotografia revela.

Resenhista: Eliana Yunes



Imagem-chave: páginas 26 e 27

Palavras-chave:

Fantasia (vestimenta), releitura, enigma, animais, A roupa nova do rei (narrativa), Hans Christian Andersen, leitor.

De flor em flor



Escritor:

Jon Arno Lawson

Ilustrador:

Sydney Smith

Editora:

Companhia das Letrinhas

Ano de publicação:

2017

Número de páginas: 36



Imagem-chave: páginas 12 e 13

Resenha:

Uma menina de casaco vermelho anda pela cidade de mãos dadas com um homem de terno, enquanto todos seguem com seus afazeres cotidianos. Ao compasso da caminhada, a criança vai descobrindo, nas frestas do concreto, flores que se tornarão presentes para algumas personagens que encontrará pelo caminho. Uma narrativa sensível se constrói ao longo de sua passagem pelos cenários da cidade em direção à casa da família. Pouco a pouco, as ilustrações em preto e branco vão ganhando cores, avivando

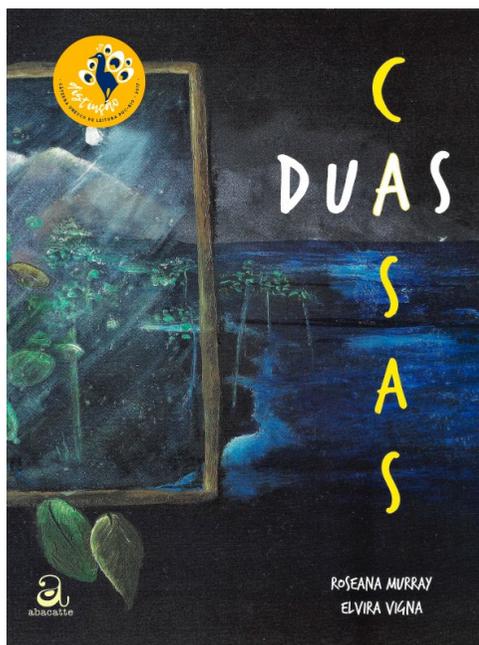
os locais por onde passa a personagem, criando um perfeito diálogo entre o texto subentendido e as imagens.

Resenhista: Benita Prieto

Palavras-chave:

Imaginação, afetos, infância, livro de imagem, olhar.

Duas casas



Escritora:
Roseana Murray

Ilustradora:
Elvira Vigna

Editora:
Abacatte

Ano de publicação:
2017

Número de páginas: 32

Resenha:

O livro dedicado à memória da ilustradora é uma prosa poética sobre proximidades e distâncias entre irmãos representados por casas com suas semelhanças e diferenças. As ilustrações de grande impacto correspondem a quadros de pintura e acompanham a narrativa de forma a iluminá-la.

Resenhista: Eliana Yunes

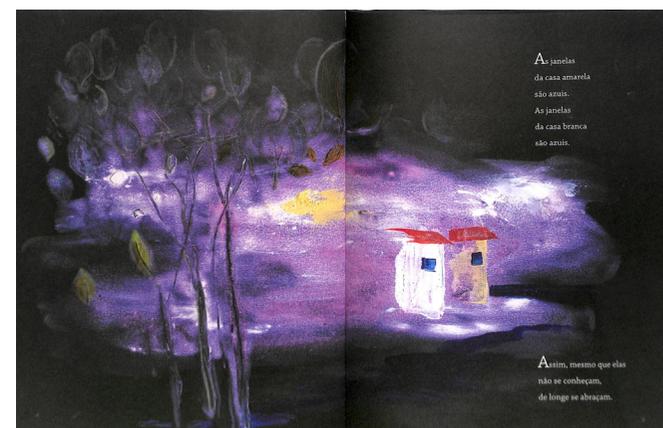


Imagem-chave: página 21

Palavras-chave:

Casa, irmão, diferenças, separação.

Foi ele que escreveu a ventania

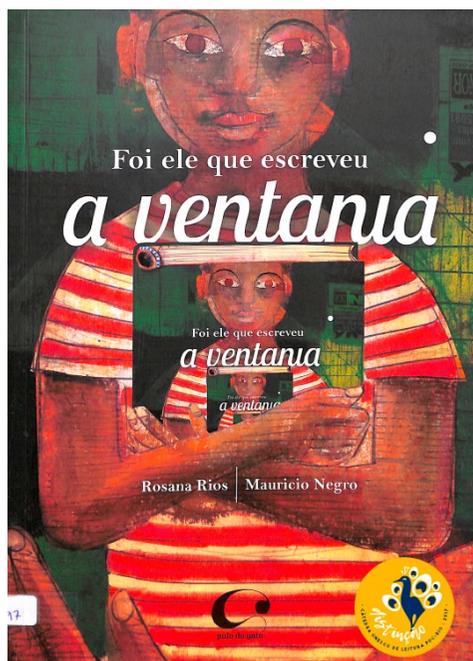
Índice

2016

2017

2018

Palavras



Escritora:
Rosana Ríos

Ilustrador:
Mauricio Negro

Editora:
Pulo do Gato

Ano de publicação:
2017

Número de páginas: 44



Imagem-chave: páginas 28 e 29

Resenha:

No caminho para a escola, o sol é um companheiro inclemente para o menino. Na rua, ele vê um poema pichado no muro e se lembra do caixote que, na sala de aula, guarda seu livro de poesia favorito – gasto, amassado e que ninguém pegava. Uma noite, em casa com a família, o menino vê pela televisão que seu poeta predileto morreu. Mas, poeta morre? A partir daí, a criança descobre o que é capaz de fazer. O livro é uma homenagem da autora e do ilustrador ao poeta Manoel

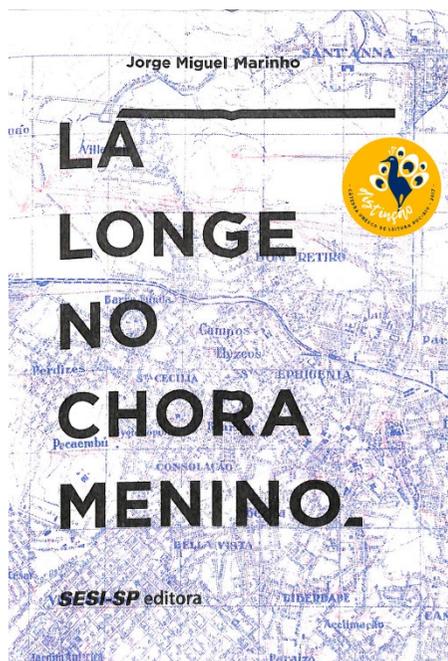
de Barros. Texto e ilustrações se misturam, oferecendo sensações de calor, de frescor e das descobertas de mundos através da poesia.

Resenhista: Augusto Pessôa

Palavras-chave:

Manoel de Barros, poesia, livro, infância, escola, cotidiano.

Lá longe no chora menino



Escritor:

Jorge Miguel Marinho

Editora:

SESI SP

Ano de publicação:

2017

Número de páginas: 48



Imagem-chave: páginas 22 e 23

Resenha:

No bairro Chora Menino, uma rua, Esperança. Sempre longe no tempo e no espaço, quase fora dos mapas da cidade que ilustram o livro. Ali, o menino, seu avô, o livro e a banana-maçã são memórias. O avô que lê de olhos fechados, a cartilha que não contava histórias, assim como a professora sempre comendo bananas. Na distância entre o real e o desejo, a frustração do gosto que só o sonho pode alimentar. Uma narrativa pautada pelos afetos, que conduzem os acontecimentos. À

distância, o menino escreve e funde os tempos e as vozes na memória.

Resenhista: Eliana Yunes

Palavras-chave:

Memória, imaginário, livro, avô, neto, escola, sonho, leitura, tempo.

O dia da festa

Índice

2016

2017

2018

Palavras



Escritor:

Renato Moriconi

Ilustrador:

Renato Moriconi

Editora:

Pequena Zahar

Ano de publicação:

2017

Número de páginas: 36



Imagem-chave: páginas 20 e 21

Resenha:

A chegada de um unicórnio à Terra é narrada em tom solene e em frases curtas, enquanto acompanhamos, na imagem, o lendário animal cruzando uma cidade murada. As imagens acompanham as palavras de uma forma diferente, ora fazendo referência ao texto escrito, ora não, e trazem uma série de surpresas. A ilustração apresenta ainda uma série de narrativas paralelas e situações inusitadas que completam o tom de humor e nonsense daquela cidade, contrastando com

o texto austero da lenda do unicórnio. Em um misto de colagem e pintura, encontramos nas imagens várias referências a obras da história da arte recortadas e com interferências gráficas; ao final, o autor identifica tais obras, que são, em suas palavras, “pontes para outras histórias”. A narrativa é uma relação interessante entre o texto verbal e o visual, propiciando ao leitor momentos de estranhamento e relações inusitadas, além de contar, também, com um final surpreendente.

Resenhista: Julia Lima L. Carvalho

Palavras-chave:

Unicórnio, lenda, releitura, artes plásticas, nonsense, humor, seres fantásticos.

Índice

2016

2017

2018

Palavras

O passeio



Escritor:
Pablo Lugones

Ilustrador:
Alexandre Rampazo

Editora:
Gato Leitor

Ano de publicação:
2017

Número de páginas: 52

Resenha:

Como preparar um filho para a vida? Neste livro, a metáfora do aprender a andar de bicicleta representa o ciclo de vida ilustrado na relação entre pais e filhos. À maneira de uma linha do tempo, acompanhamos o percurso desta relação, com seus ritmos – às vezes intensos, outras vezes lentos. Nem sempre estamos preparados para enfrentar o que surge no caminho, mas é preciso seguir pedalando, aprender a “andar” sozinho. Através de uma narrativa predominantemente imagética,

pontuada por um texto enxuto, seguimos os pensamentos e as sensações da menina, seu crescimento e seu aprendizado para construir o próprio percurso, reiniciando o ciclo.

Resenhista: Ana Paula Oliveira

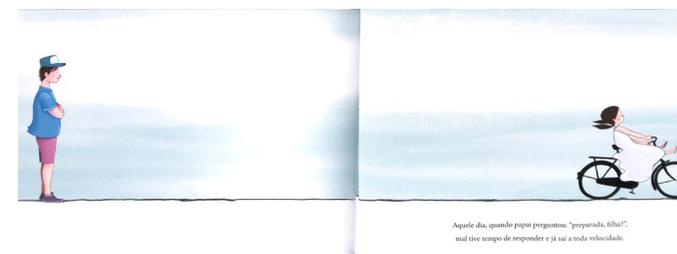


Imagem-chave: páginas 6 e 7

Palavras-chave:

Tempo, família, afetos, vida, morte.

O velho e o mar

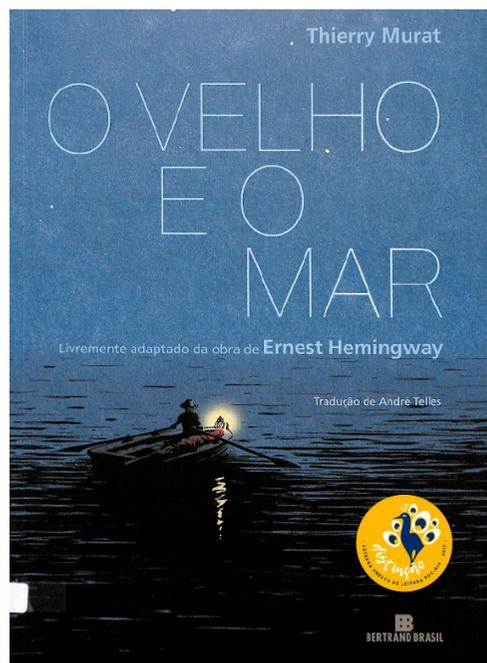
Índice

2016

2017

2018

Palavras



Escritor:
Thierry Murat

Ilustrador:
Thierry Murat

Tradutor:
André Telles

Editora:
Aletria

Ano de publicação:
2017

Número de páginas: 40

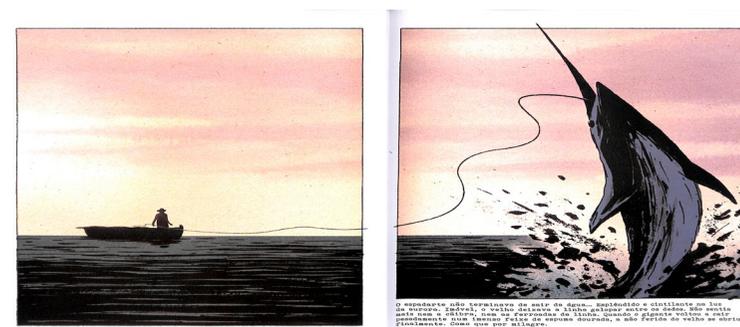


Imagem-chave: páginas 96 e 97

Resenha:

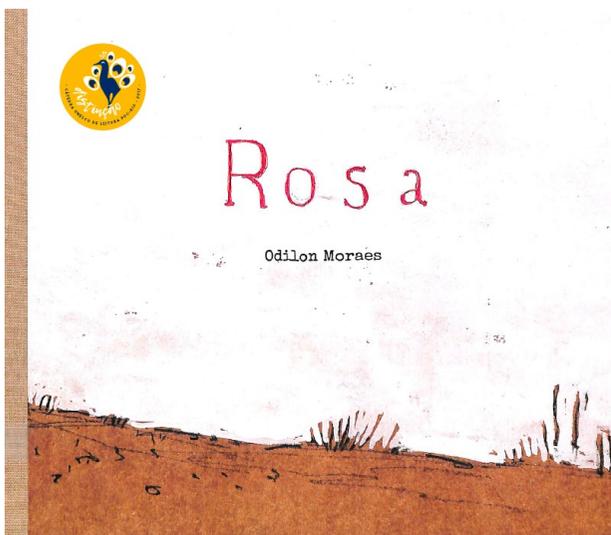
História em quadrinhos com livre adaptação da obra de Ernest Hemingway. Em Cuba, “salao” é uma palavra que define quem está acabado e não serve para nada. É um insulto. O texto traz o olhar de um menino sobre um velho pescador que poderia ser considerado um “salao”. O pequeno gosta do homem como um avô. A criança narra para um escritor a grande e talvez a última aventura no mar desse valente e velho guerreiro. O despojamento e a contenção das ilustrações, cheias de sombras,

apresentam uma Cuba escura, pouco solar. Um ar nostálgico está presente em todo livro, reforçado pelo tipo das letras utilizado no texto, que lembra uma antiga máquina de escrever.

Resenhista: Augusto Pessôa

Palavras-chave:

História em Quadrinhos, Ernest Hemingway, Cuba, mar, olhar, velhice.



Rosa

Escritora:

Odilon Moraes

Ilustrador:

Odilon Moraes

Editora:

Olho de vidro

Ano de publicação:

2017

Número de páginas: 52



Imagem-chave: páginas 42 e 43

Resenha:

Recontar as histórias de Guimarães Rosa é uma tarefa muito difícil. Neste livro dito infantil, de projeto gráfico extremamente delicado, em que o autor-ilustrador faz uma releitura do conto “A terceira margem do rio”, palavra e imagem são linguagens complementares. Frases curtas e poéticas margeiam as páginas tomadas pelo movimento da narrativa visual, feita de rabiscos e aquarelas em três cores: preto, branco e marrom. De um lado, conta-se a história de um homem que fez do rio sua

morada, logo após o nascimento do filho, a quem deu o nome Rosa. Do outro lado, mostra-se o filho refazendo o percurso paterno “rio abaixo, rio afora e rio adentro”. Na travessia da obra, lê-se o silêncio, a distância familiar, o passado do pai no presente do filho.

Resenhista: Francisco Camêlo

Palavras-chave:

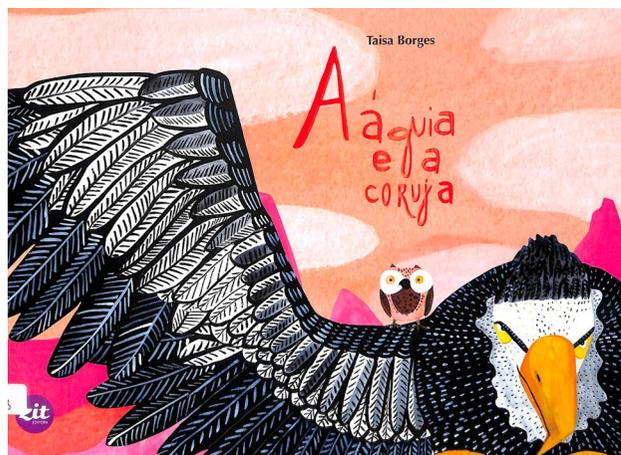
Guimarães Rosa, releitura, família, infância, silêncio, tempo, A terceira margem do rio (narrativa), rio.



PREMIADOS ANO 2017

SELEÇÃO

A águia e a coruja



Escritora:
Taisa Borges

Ilustradora:
Taisa Borges

Editora:
Zit

Ano de publicação:
2017

Número de páginas: 40



Imagem-chave: páginas 26 e 27

Resenha:

Através de imagens que ocupam páginas duplas do livro, a autora-ilustradora narra com riqueza de detalhes uma fábula de Leonardo da Vinci. Do alto do penhasco, a águia observa o horizonte, estuda o que vê, define um foco e alça voo. O seu interesse é em pequeno filhote de coruja, que se encontra só e desprotegido em um galho. Priorizando uma narrativa visual, relata com delicadeza um encontro de força, inocência e inteligência.

Resenhista: Ana Paula Oliveira

Palavras-chave:

Fábula, livro de imagem, sabedoria, olhar, águia, coruja, Leonardo da Vinci.

A alma secreta dos passarinhos

Índice

2016

2017

2018

Palavras



Escritor:

Paulo Venturelli

Ilustradora:

Elisabeth Teixeira

Editora:

Olho de Vidro

Ano de publicação:

2017

Número de páginas: 32

Resenha:

Com delicadeza poética, um menino retém entre as mãos um passarinho, perscrutando a alma de Deus. Ele soubera que criaturas como ele a traziam. O estremecimento e o temor de um correspondia à ansiedade e à pergunta do outro. No voo livre do pássaro fica o menino preso ao mistério das coisas. Traço suave e cores esfumadas, em aquarela, traduzem o sentimento indefinido da criança.

Resenhista: Eliana Yunes

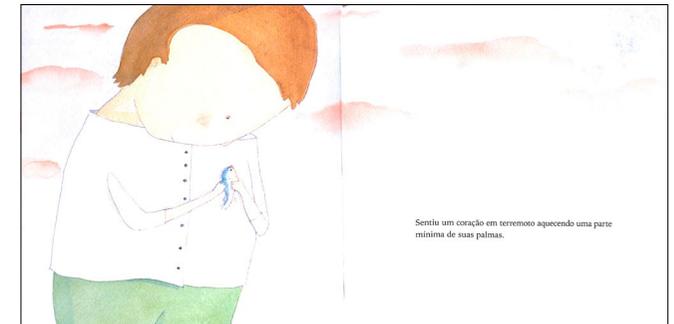
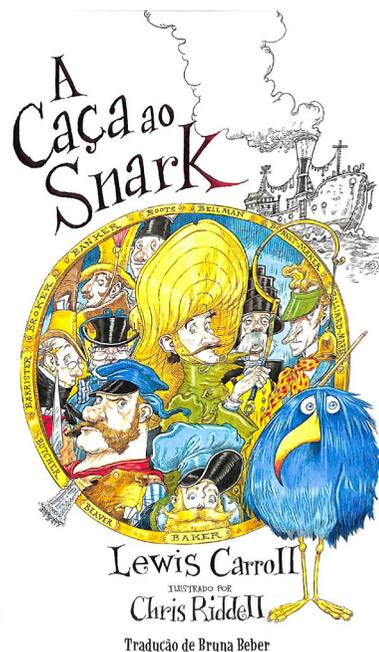


Imagem-chave: página 18

Palavras-chave:

Mistério, imaginário, transcendência, infância, liberdade.

A caça ao Snark


Escritor:

Lewis Carroll

Ilustrador:

Chris Riddell

Tradutora:

Bruna Beber

Editora:

Galera Junior

Ano de publicação:

2017

Número de páginas: 96

Resenha:

O nonsense é a marca deste poema que conta a aventura de um estranho navio e sua inusitada tripulação à caça do Snark, um ser misterioso. Escrito sob a forma de versos, seu compromisso é com a imaginação. Levando o leitor a navegar por mares e lugares inventados, a poesia convida a embarcar numa jornada mágica onde o final é tão surpreendente como toda a história. Os desenhos que compõem as ilustrações acentuam o caráter lúdico e divertido do poema.

Resenhista: Denise Ramalho

Palavras-chave:

Morte, família, afeto, amizade.

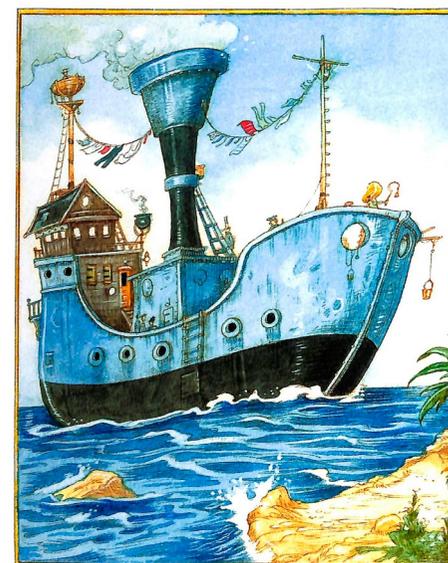


Imagem-chave: página 8

A cor de Coraline

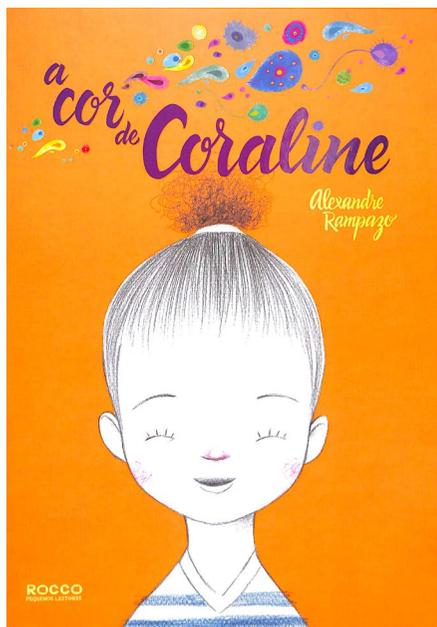
Índice

2016

2017

2018

Palavras



Escritor:

Alexandre Rampazo

Ilustrador:

Alexandre Rampazo

Editora:

Rocco

Ano de publicação:

2017

Número de páginas: 34



Imagem-chave: páginas 36 e 37

Resenha:

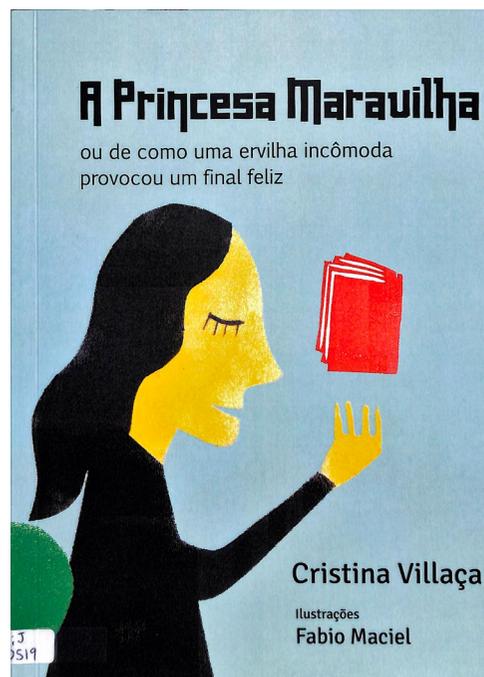
Quando Pedrinho pede a Coraline para emprestar o lápis “cor de pele”, ela fica com cara de espanto. Afinal, qual das doze cores de sua caixa seria essa? Ela, então, imagina peles de diferentes cores e de que mundos elas poderiam vir. As ilustrações em lápis de cor casam com a exploração da caixa pela personagem. Intercalando páginas de imaginação, muito vivas e ricas, com páginas mais simples, onde as personagens não são tão coloridas, Pedrinho segue esperando seu lápis enquanto Coraline imagina.

Resenhista: Julia Lima L. Carvalho

Palavras-chave:

Racismo, cores, amizade, diferenças.

A princesa Maravilha ou de como uma ervilha incômoda provocou um final feliz



Escritora:
Cristina Villaça

Ilustrador:
Fabio Maciel

Editora:
Kimera

Ano de publicação:
2017

Número de páginas: 40

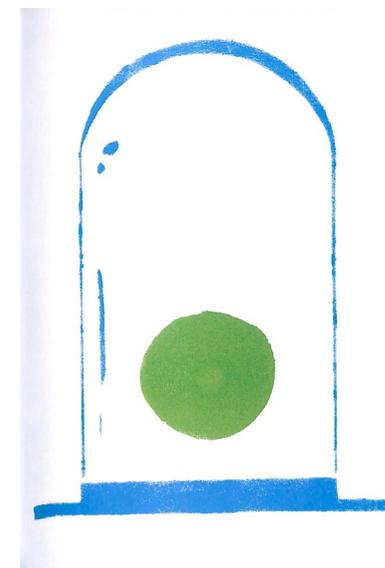


Imagem-chave: página 33

Resenha:

Um príncipe viaja pelo mundo inteiro à procura de uma princesa, mas todas que encontra possuem um defeito, o que acaba lhe causando enorme tristeza. Até uma noite chuvosa, quando uma moça sensível e muito franca aparece na porta do castelo em busca de abrigo. Apaixonado, decide casar com ela, para desespero da rainha – que planeja testar a nobreza da candidata com um grão de ervilha – e para surpresa da escolhida – que lhe impõe uma condição. Qual será? Escrita

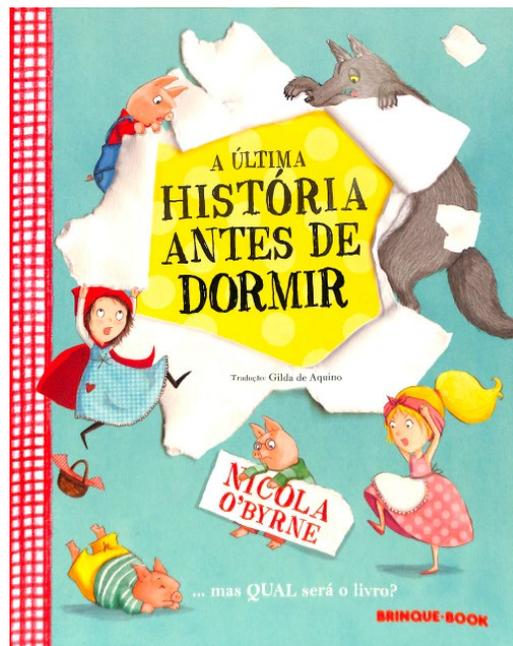
em redondilha maior, a obra homenageia o clássico conto de Hans Christian Andersen e a releitura que dele fez Sylvia Orthof, além da literatura de cordel, linguagem escolhida pela autora para contar a história desta princesa livre e independente. As coloridas ilustrações dialogam com o bom humor do texto e aludem a xilogravuras, aproximando a cultura popular brasileira do imaginário dos contos de fada do escritor dinamarquês.

Resenhista: Francisco Camêlo

Palavras-chave:

Contos de fada, releitura, literatura de cordel, príncipes e princesas, humor, A princesa e a ervilha (narrativa), Ervilina e o Princês (narrativa), Hans Christian Andersen, Sylvia Orthof.

A última história antes de dormir



Escritora:
Nicola O'Byrne

Ilustradora:
Nicola O'Byrne

Tradução:
Gilda de Aquino

Editora:
Brinque-Book

Ano de publicação:
2017

Número de páginas: 44

Resenha:

Nesta obra divertida e bem-humorada, Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, Lobo Mau e Três Porquinhos disputam para que seja a sua história a última contada naquele dia. Aquela que ouvimos antes de adormecer e que nos leva ao país dos sonhos. Quem será o vencedor? A autora-ilustradora brinca com os clássicos da literatura infantil, utilizando personagens dos contos clássicos cujas histórias subverte. As ilustrações em traços delicados e cores fortes enfatizam a atmosfera

lúdica, colocando apartes e sugestões em simulação cênica.

Resenhista: Maria Clara Cavalcanti de Albuquerque



Imagem-chave: páginas 40 e 41

Palavras-chave:

Literatura infantil – Clássicos, humor, intertextualidade, Chapeuzinho Vermelho (personagem), Cinderela (personagem), Lobo Mau (personagem), Três Porquinhos (personagem).

Índice

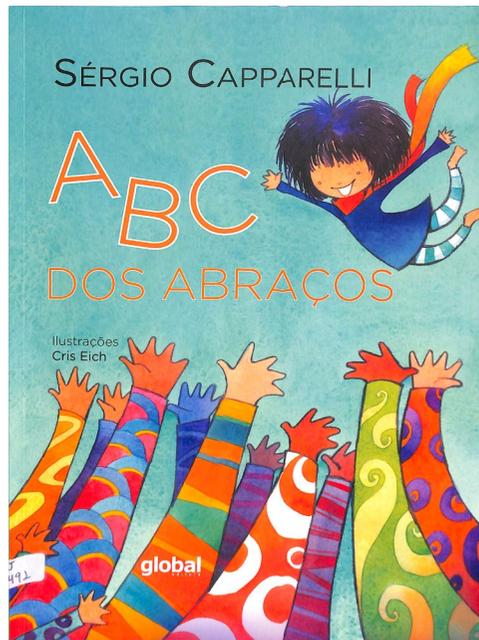
2016

2017

2018

Palavras

ABC dos abraços



Escritor:
Sérgio Capparelli

Ilustrador:
Cris Eich

Editora:
Global

Ano de publicação:
2017

Número de páginas: 48

Resenha:

De forma delicada e lúdica, o poeta conversa com a menina Bia sobre questões típicas da infância, como o medo, a escola, os pais. O ritmo da linguagem traz o encanto dos afetos e da imaginação que povoa os poemas de estrofes curtas nos quais se percebe a musicalidade que os organiza. As ilustrações de traço também delicado e coloridas ampliam a percepção poética, criando cenários imaginários e inserindo a personagem em situações oníricas.

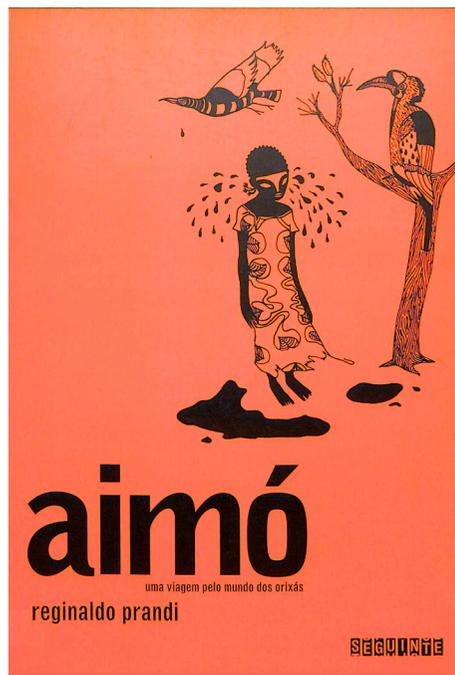
Resenhista: Julia Lima L. Carvalho

Palavras-chave:
Poesia, infância, afetos, imaginação.



Imagem-chave: páginas 16 e 17

Aimó: uma viagem pelo mundo dos orixás



Escritores:
Reginaldo Prandi

Ilustradores:
Rimon Guimarães

Editora:
Companhia das Letras

Ano de publicação:
2017

Número de páginas: 200

Resenha:

Aimó, “a menina que ninguém sabe quem é”, uma pequena africana que se viu perdida em Orum, a terra dos espíritos, encontra-se sem a menor lembrança do tempo em que vivia em Aiê, a terra dos homens. Sua situação é terrível, pois ela sabe que os espíritos renascem nas suas próprias famílias que, para isso, se empenham contando os louvores e feitos do ente falecido. Isso lhe dá a certeza de não ter a menor chance de renascer, uma vez que não se recorda de nada do seu passado

e nem sabe se algum dia tivera uma família. Inicia-se, então, para a menina e para o leitor, uma rica viagem pela mitologia iorubá, pelos hábitos e costumes desse povo e por relatos sobre o tráfico de escravos e suas vidas em terras brasileiras, numa jornada repleta de histórias de aventuras vividas pelos orixás. Tudo isso se passa de forma lúdica e prazerosa que encanta o leitor e o leva a aprender sobre a escravidão, os mitos afros e toda a riqueza da cultura africana.



Imagem-chave: página 45

Resenhista: Maria Clara Cavalcanti de Albuquerque

Palavras-chave:

Cultura africana, mitologia iorubá, orixás, escravidão, Brasil, identidade cultural.

Índice

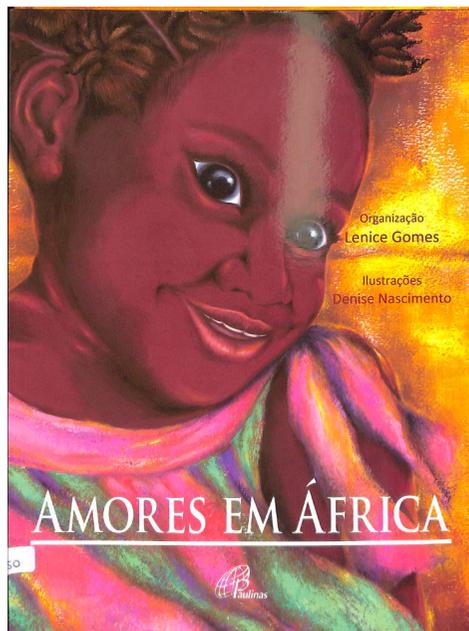
2016

2017

2018

Palavras

Amores em África

**Organizadora:**

Lenice Gomes

Ilustradora:

Denise Nascimento

Editora:

Paulinas

Ano de publicação:

2017

Número de páginas: 86**Resenha:**

Coletânea de recontos inspirados em lendas e histórias de amor da tradição oral de diferentes países do continente africano. Sete autores narram a poesia e a força da cultura africana, com suas histórias de reis e rainhas, príncipes e princesas. Histórias de amores impossíveis, nem sempre com finais felizes. As ilustrações trazem texturas e cores que remetem ao mundo mágico e a sentimentos.

Resenhista: Augusto Pessôa**Palavras-chave:**

Reconto, amor, África, cultura africana, príncipes e princesas .



Imagem-chave: páginas 36 e 37

Casa do Cuco

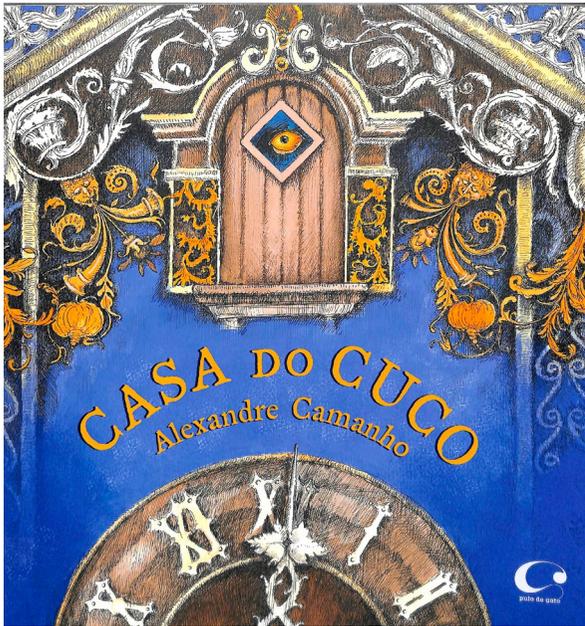
Índice

2016

2017

2018

Palavras



Escritor:

Alexandre Camanho

Ilustrador:

Alexandre Camanho

Editora:

Pulo do Gato

Ano de publicação:

2017

Número de páginas: 44



Imagem-chave: páginas 36 e 37

Resenha:

Do galho mais alto de uma árvore, um cuco e seu cantar avisam os animais da floresta das armadilhas de uma bruxa para capturá-los. Certa noite, ele se fantasia de forasteiro e vai à casa da velha mulher. Esperto, consegue enganá-la, trocando todos os animais aprisionados por uma caixa de madeira onde supostamente mora um cuco. O que a astuta e curiosa ave não contava era com a vingança da feiticeira, o que explica a origem dos relógios de madeira com o pássaro cantor.

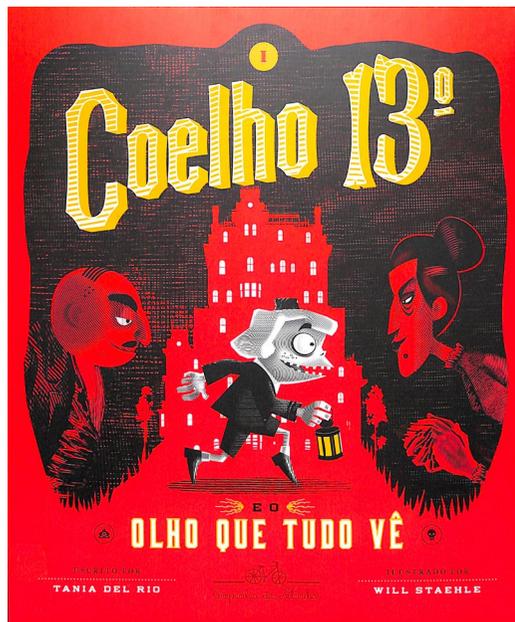
As ilustrações em estilo refinado europeu são feitas a bico de pena e pintura, ampliando o caráter fabular da narrativa.

Resenhista: Francisco Camêlo

Palavras-chave:

Conto etiológico, animais, bruxa, esperteza, vingança.

Coelho 13° e o olho que tudo vê



Escritora:
Tania Del Rio

Ilustradora:
Will Staehle

Tradutora:
André Czarnobai

Editora:
Companhia das Letrinhas

Ano de publicação:
2017

Número de páginas: 224

Resenha:

Coelho 13° é um menino de 12 anos com cara de sapo, pele cinzenta, dentes tortos, pontiagudos, amarelos e uma vasta cabeleira. Ele é da décima terceira geração de uma família que fundou e cuida de um hotel, onde chega um hóspede misterioso, que busca por um artefato mágico: o Olho Que Tudo Vê. Coelho precisa encontrar e descobrir o que é esse objeto para não ver destruído tudo que seus antepassados construíram. O texto envolvente, cheio de reviravoltas, personagens

exóticos (bruxas, bárbaros e monstros) e mistérios, convida o leitor a entrar nesse universo, tanto pela narrativa verbal quanto pelas ilustrações sombrias e divertidas. As imagens em preto, vermelho, cinza e branco têm um clima de cartoon e colaboram para atmosfera misteriosa, sinistra e engraçada do texto.

Resenhista: Augusto Pessôa

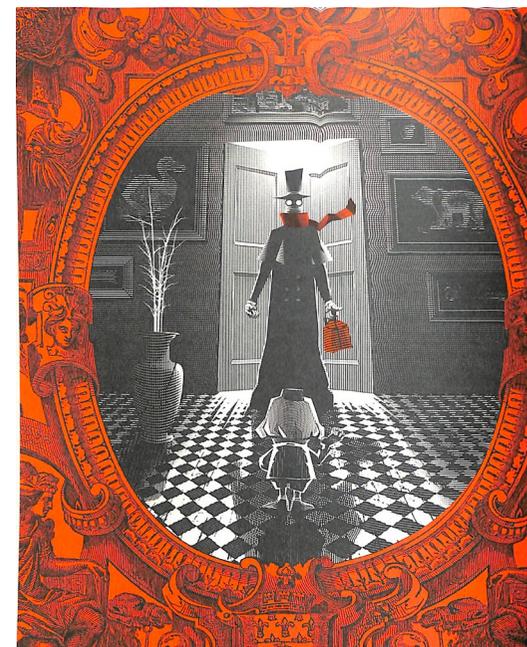
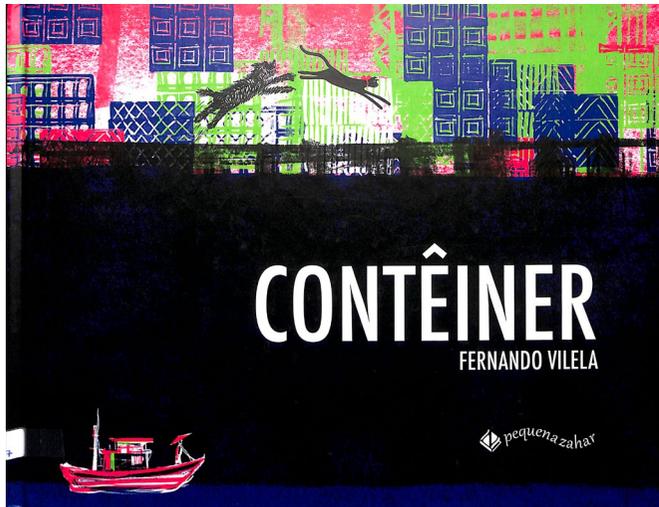


Imagem-chave: página 16

Palavras-chave:

Mistério, magia, bruxa, família, adolescência, humor, arquétipos.

Contêiner



Escritora:
Fernando Vilela

Ilustrador:
Fernando Vilela

Editora:
Pequena Zahar

Ano de publicação:
2017

Número de páginas: 44

Resenha:

Nesta divertida história de “perseguição internacional, as imagens saltam aos olhos. Uma gata e um cachorro fechados acidentalmente em um navio de carga embarcam em uma aventura que cruza o mundo. As ilustrações em quatro cores contrastantes são feitas em diferentes técnicas de gravura e carimbo, como explica o autor-illustrador no final do livro, resultando em imagens altamente originais. A estética dos portos, com seus emaranhados de guindastes

e blocos de cor dos contêineres, é explorada, aqui, em toda sua visualidade. O livro permite diferentes leituras, explorando não só a narrativa principal, como possibilitando também outros níveis, como o dos produtos que são transportados de um porto a outro e as diferentes culturas que participam desse processo. No final, um infográfico do percurso percorrido esclarece algumas referências e sugere a importância dos três portos visitados pela narrativa em imagens.

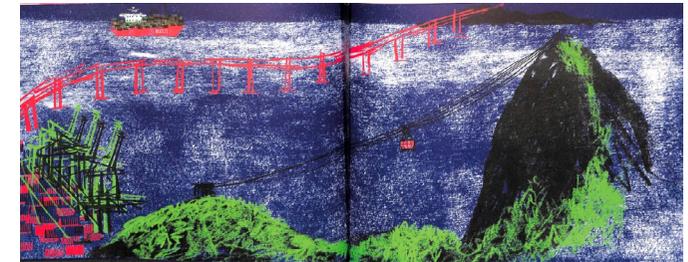


Imagem-chave: páginas 24 e 25

Resenhista: Julia Lima L. Carvalho

Palavras-chave:
Livro de imagem, viagem, diversidade cultural, países.

Índice

2016

2017

2018

Palavras

Coração de inverno, coração de verão

Leticia Sardenberg & Alexandre Rampazo



Escritora:
Leticia Sardenberg

Ilustrador:
Alexandre Rampazo

Editora:
Zit

Ano de publicação:
2017

Número de páginas: 48



Imagem-chave: páginas 40 e 41

Resenha:

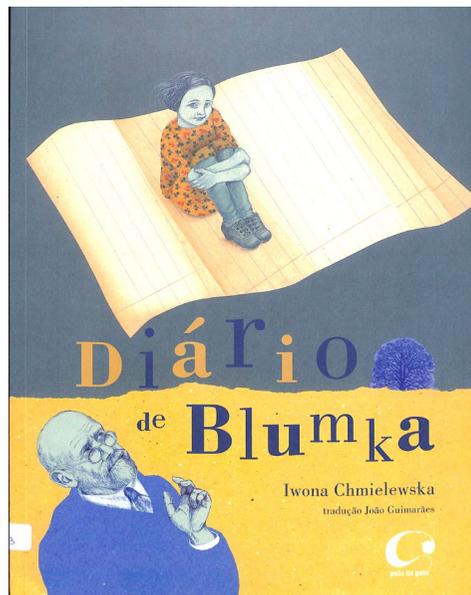
O livro toma o inverno como pano de fundo para tratar de maneira bastante delicada e poética a questão do luto infantil. A estação gélida vive no coração do personagem principal, um menino que sofre com a perda da mãe e do pai. Na tentativa de aquecer seu coração, ele busca ajuda em familiares mais próximos, precisa de um olhar atento que possa calentar o frio em seu peito. Um dia, uma menina de tranças e de sorriso cálido como o sol traz o calor aos seus dias. A narrativa visual

intensifica o drama vivido pelo personagem. Com o predomínio do branco e de tons frios, as delicadas ilustrações nos transportam ao coração do menino. No desenrolar da história, as cores se tornam mais cálidas, trazendo esperança.

Resenhista: Ana Paula Oliveira

Palavras-chave:
Morte, família, afeto, amizade.

Diário de Blumka



Escritor:
Iwona Chmielewska

Ilustrador:
Iwona Chmielewska

Tradutor:
João Guimarães

Editora:
Pulo do Gato

Ano de publicação:
2017

Número de páginas: 70

Resenha:

As páginas do diário da pequena Blumka dão a conhecer Janusz Korczak, que transforma um orfanato em um lugar de alegria, pela rejeição à violência e respeito à infância. Recortes de páginas de um caderno pautado se inserem nas ilustrações que rememoram a experiência infantil no espaço que a acolhe e as doze crianças cujas histórias vai narrar. O projeto gráfico integra o texto como se não houvesse distância entre a mancha tipográfica e as imagens, contribuindo para retratar o

cotidiano, as brincadeiras e as aprendizagens das crianças órfãs e judias, que recebem cuidado e afeto até a chegada da Guerra.

Resenhista: Marcela Fernandes de Carvalho



Imagem-chave: páginas 6 e 7

Palavras-chave:
Orfanato, guerra, judeus, diários, infância.

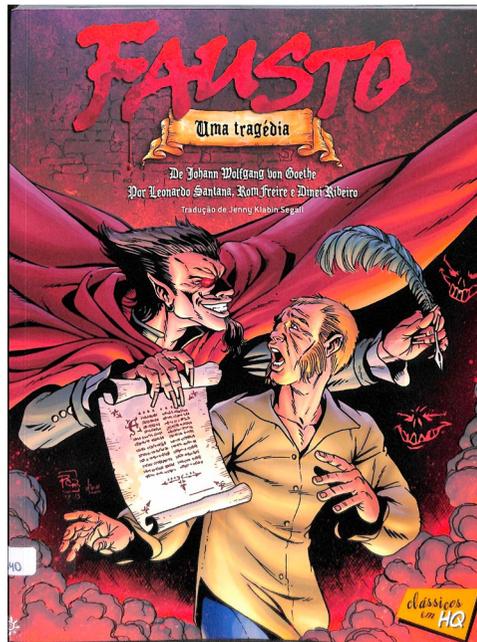
Índice

2016

2017

2018

Palavras



Fausto, uma tragédia

Escritor:

Johann Wolfgang von Goethe

Adaptador:

Leonardo Santana

Ilustrador:

Rom Freire

Tradutora:

Jenny Klabin Segall

Editora:

Global

Ano de publicação:

2017

Número de páginas: 96

Resenhista: Eliana Yunes

Palavras-chave:

História em Quadrinhos, Fausto (personagem), tragédia, tentação, diabo, poder, paixão, conto clássico.



Imagem-chave: página 45

Resenha:

A tragédia que imortalizou o autor tem inspiração bíblica no livro de Jó, mas é conduzida com as cores do romantismo alemão. A linguagem em quadrinhos e a pesquisa em que se assenta a narração guardam a forma poética e permanecem fiéis à grandeza da obra. As imagens reproduzem a força e a vivacidade da história clássica.

Fera

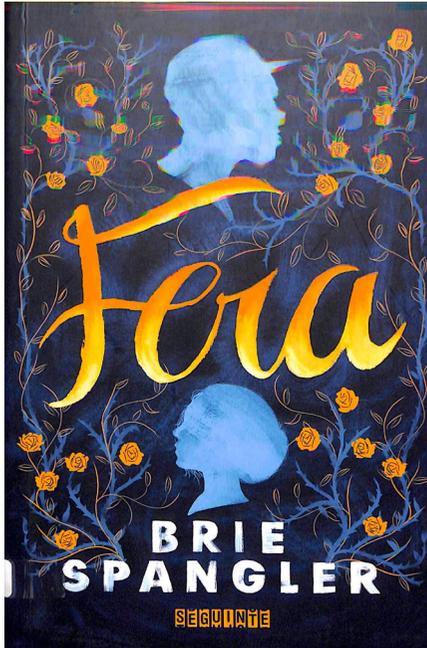
Índice

2016

2017

2018

Palavras



Editora:
Brie Spangler

Tradutor:
Eric Novello

Editora:
Companhia das Letras

Ano de publicação:
2017

Número de páginas: 384

Resenha:

Dylan é um jovem de 15 anos, 2 metros de altura e peludo; por isso recebe o apelido de Fera. Sua aparência o deixa com baixa autoestima. Ao comparecer a uma terapia de grupo, conhece Jamie, uma garota linda, atraente, extrovertida e inteligente, por quem se apaixona. Porém ela revela que é uma garota trans. Como lidar com isso? O livro trata com desenvoltura de um tema importante e pouco abordado em livros juvenis. Fera pode, também, ser tomado como uma releitura de A

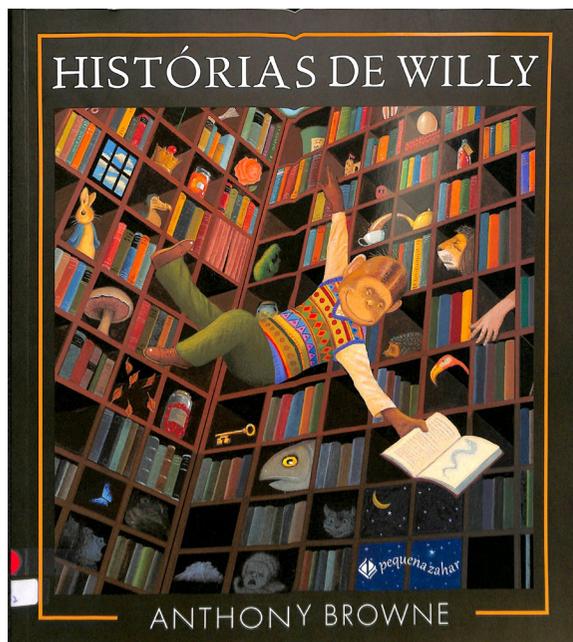
Bela e a Fera, que valoriza a essência e não a aparência da pessoa.

Resenhista: Lúcia Fidalgo

Palavras-chave:

Transgênero, identidade pessoal, preconceito, amor, A Bela e a Fera (narrativa), homossexualidade, adolescência.

Histórias de Willy



Escritor:
Anthony Browne

Ilustrador:
Anthony Browne

Tradutor:
Mauro Gaspar

Editora:
Pequena Zahar

Ano de publicação:
2017

Número de páginas: 32

Resenha:

Willy, o personagem-leitor, nos convida a atravessar uma porta mágica que conduz a um mundo de aventuras. Cada vez que viramos a página, Willy conta trechos de uma nova história, cheia de emoções e desafios, instigando o leitor a participar, opinando ou adivinhando o que está para acontecer. As referências induzem a associar sua história com outras tantas do acervo universal da literatura. As ilustrações, muito detalhadas, retratam as aventuras narradas pelo

personagem, ao mesmo tempo que escondem pistas sobre a verdadeira passagem para o mundo mágico dos livros.

Resenhista: Ana Paula Oliveira



Imagem-chave: páginas 12 e 13

Palavras-chave:

Livro, biblioteca, enigma, leitor, literatura, conto clássico.

Isso, qualquer criança faz!

Índice

2016

2017

2018

Palavras



Escritor:

Denise Rochael

Ilustrador:

Denise Rochael

Editora:

Abacatte

Ano de publicação:

2017

Número de páginas: 32

Resenha:

A pintura de Miró é tida como desenho de criança. Toda poesia suspensa nos seus móveis, em cores e traços delicados e surreais, são expressão do olhar com que se descobre o mundo na infância. A autora diz isto, de outro modo, fazendo-se acompanhar de quadros e figuras do pintor catalão. Mas o livro não tem faixa etária.

Resenhista: Eliana Yunes

Palavras-chave:

Infância, imaginário, brinquedos e brincadeiras, pintura, Joan Miró.

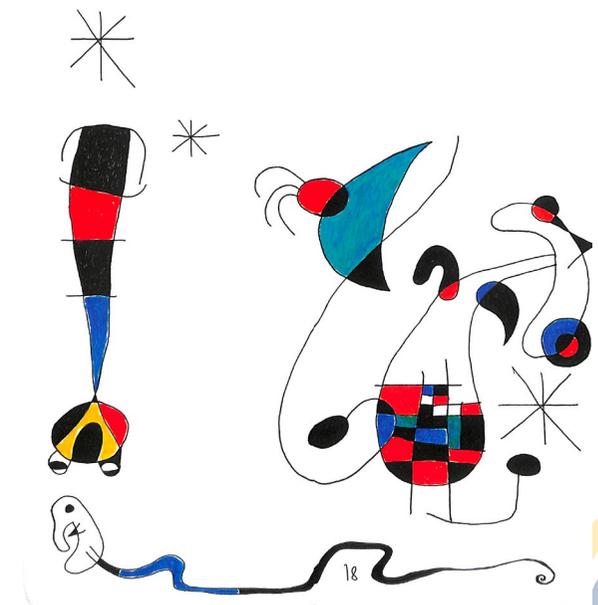


Imagem-chave: página 18

Índice

2016

2017

2018

Palavras



Resenha:

Um animal enorme e desconhecido chega flutuando pelo mar a uma floresta de grande riqueza em cores e formas. Neste cenário rico em detalhes, os bichos amedrontados se reúnem para discutir o que fazer a respeito do estranho. Triste e solitário, Leve, como o chamaram, só pensa em voltar para onde veio. O que vai acontecer? A mensagem final sugere que sem preconceitos é possível conhecer o outro.

Leve

Escritora:
Sandra Dieckman

Ilustradora:
Sandra Dieckman

Tradutor:
Fabrício Valério

Editora:
V&R

Ano de publicação:
2017

Número de páginas: 28

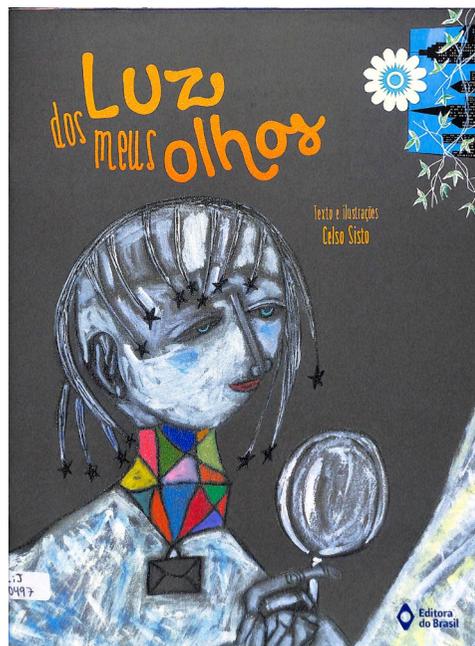
Resenhista: Julia Lima L. Carvalho

Palavras-chave:
Animais, meio ambiente,
mistério, diferenças, alteridade, amizade.



Imagem-chave: páginas 16 e 17

Luz dos meus olhos



Escritor:
Celso Sisto

Ilustrador:
Celso Sisto

Editora:
Editora do Brasil

Ano de publicação:
2017

Número de páginas: 24

Resenha:

Escrito com uma linguagem simples e delicada, o livro conta a história de uma menina que dita para a mãe uma carta ao pai, que é deficiente visual. A correspondência vai ser seu presente de Dia dos Pais e nela coloca todas as lembranças que o fazem tão especial, desde as cantigas e troca de fraldas até a descoberta de por que a chamava de “luz dos meus olhos”. As ilustrações de grande beleza, usando trinta acrílica e alguma colagem, transitam da escuridão à luz como cenário do narrado.

Resenhista: Maria Clara Cavalcanti de Albuquerque

Palavras-chave:
Cegueira, família, correspondência, olhar, pai.

Índice

2016

2017

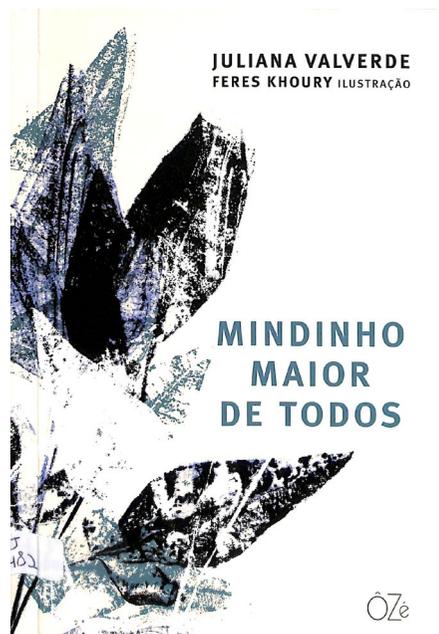
2018

Palavras



Imagem-chave: páginas 4 e 5

Mindinho maior de todos



Escritora:
Juliana Valverde

Ilustradora:
Feres Khoury

Editora:
ÔZé

Ano de publicação:
2017

Número de páginas: 51

Resenha:

Os poemas de traços impressionistas falam de elementos do universo infantil: a casa, o medo, a mãe, a avó, o irmão que nasceu, fadas e bruxas. Com extrema delicadeza, a poesia, aqui, convida o leitor a descortinar o imaginário da infância. Os poemas se apoiam em aquarelas em tons fortes, que seguem o traço impressionista proposto pelos versos.

Resenhista: Denise Ramalho

Palavras-chave:
Poesia, infância, imaginação, cotidiano infantil.



Imagem-chave: página 27

No sótão

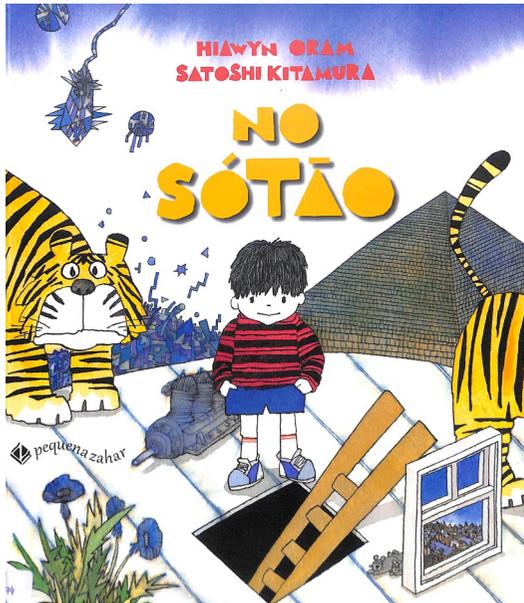
Índice

2016

2017

2018

Palavras



Editora:

Hiawyn Oram

Ilustrador:

Satoshi Kitamura

Tradutor:

Rodrigo Lacerda

Editora:

Pequena Zahar

Ano de publicação:

2017

Número de páginas: 32

Resenha:

Ter macacos (ou macaquinhos) no sótão é uma expressão idiomática que vem bem a calhar para o protagonista desta história, contada em primeira pessoa. Trata-se da aventura de um menino que está entediado com os inúmeros brinquedos que tem e resolve subir ao sótão sem grandes expectativas. Acontece que nessa parte mais alta da casa, onde normalmente são guardadas coisas velhas e inúteis, ele acaba encontrando boas surpresas. E o leitor também será surpreendido com o final do

livro. O projeto gráfico tem ilustrações que ocupam páginas duplas dando profundidade aos desenhos feitos em aquarela e nanquim. Cada parte da história é complementada pela narrativa visual que constrói novos significados para o texto.

Resenhista: Benita Prieto

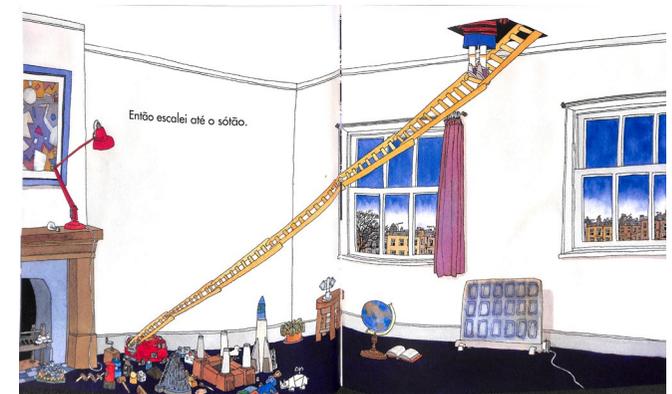


Imagem-chave: páginas 6 e 7

Palavras-chave:

Infância, imaginação, descobertas.

O mar de Cecília



Editora:

Rosinha

Ilustradora:

Rosinha

Editora:

Editora do Brasil

Ano de publicação:

2017

Número de páginas: 32

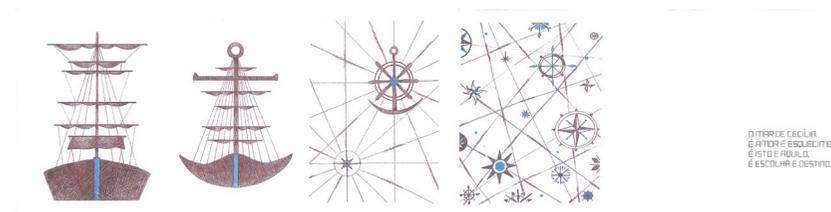


Imagem-chave: páginas 22 e 23

Resenha:

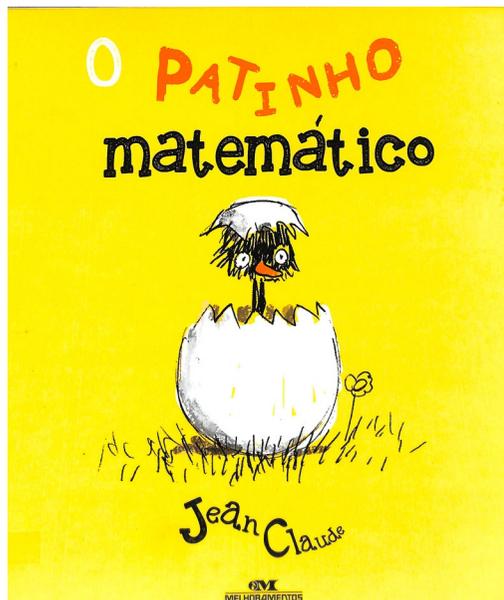
O livro é um convite para conhecer a obra de Cecília Meireles, uma das mais importantes poetisas do Brasil. Trata-se de um poema visual que se compõe em estrofes curtas com referências a obras da homenageada. A capa mostra um labirinto a indicar as várias possibilidades e percursos de leituras do texto da poeta, cujas delicadas ilustrações em grafite escuro vão se abrindo ao azul da cor do mar.

Resenhista: Benita Prieto

Palavras-chave:

Poesia, Cecília Meireles, mar.

O patinho matemático



Escritor:
Jean-Claude Alphen

Ilustrador:
Jean-Claude Alphen

Editora:
Melhoramentos

Ano de publicação:
2017

Número de páginas: 40



Imagem-chave: páginas 6 e 7

Resenha:

A clássica história do Patinho Feio é aqui contada de maneira lúdica através de operações matemáticas simples. Procurando se somar aos outros, a personagem vê que nem sempre $1+1=2$. Com ilustrações expressivas e de traço solto, o autor-ilustrador transmite, sem palavras (além dos números), a solidão e a busca do corajoso Patinho, que enfim se dá conta de que 1 é o bastante, lançando-se em voo livre pelo mundo.

Resenhista: Julia Lima L. Carvalho

Palavras-chave:

Identidade pessoal, Patinho Feio (personagem), releitura, matemática, solidão, diferenças.

Índice

2016

2017

2018

Palavras

O ódio que você semeia

1º lugar na lista do *New York Times*
ANGIE THOMAS



THE HATE U GIVE

Escritora:
Angie Thomas

Tradutora:
Regiane Winarski

Editora:
Galera Junior

Ano de publicação:
2017

Número de páginas: 378

Resenha:

Starr tem dezesseis anos e vive em um bairro negro da periferia de uma cidade dos EUA, mas estuda em uma escola particular de um bairro de classe média branca. Esta experiência permite que a menina vá descobrindo as contradições e dificuldades em transitar por estes dois universos, numa sociedade onde o preconceito é um traço constituinte. Para além deste cotidiano já tão difícil, Starr se vê envolvida em uma situação ainda mais radical: ela testemunha seu amigo Khalil ser

morto por um policial branco. A partir daí, toda a complexidade do racismo, do preconceito e do ódio vai se descortinar e ter influência decisiva na vida da personagem e de sua família. Sem maniqueísmos ou concessões a um olhar simplista, ela narra seu percurso para sobreviver e compreender um mundo onde parece não haver lugar para a tolerância e a convivência com as diferenças.

Resenhista: Denise Ramalho

Palavras-chave:

Racismo, preconceito social, intolerância, violência, família, amizade, Estados Unidos, diferenças sociais.

Quando você não está aqui

Índice

2016

2017

2018

Palavras

María Hergueta

QUANDO VOCÊ NÃO ESTÁ AQUI



Tradução Márcia Leite



Escritora:
María Hergueta

Ilustradora:
María Hergueta

Tradutora:
Márcia Leite

Editora:
Pulo do Gato

Ano de publicação:
2017

Número de páginas: 36

Resenha:

Frases curtas e ilustrações feitas a crayon, que aludem ao traço da infância, contam esta história sobre individualidade e reconhecimento da importância do outro. Desde a capa, em que duas crianças estão sentadas, mas uma está rabiscada de vermelho, acompanhamos o menino narrador tornar-se o reizinho da casa quando a irmã não está presente. Pouco a pouco, no entanto, o egoísmo infantil perde espaço para o sentimento de solidão e para uma questão

fundamental que altera o rumo da narrativa: “com quem vou brincar quando você não está aqui?” Com delicadeza e simplicidade, o livro aborda os afetos da relação entre irmãos e poderia dispensar o texto verbal, como ocorre no desfecho.

Resenhista: Francisco Camêlo

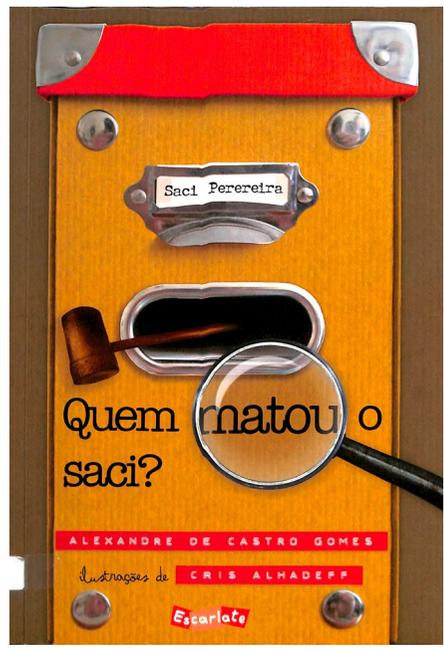


Imagem-chave: páginas 18 e 19

Palavras-chave:

Irmãos, afetos, infância, solidão, identidade pessoal, alteridade.

Quem matou o saci ?



Escritor:
Alexandre de Castro Gomes

Ilustradora:
Cris Alhadef

Editora:
Escarlate

Ano de publicação:
2017

Número de páginas: 108

Resenha:

Uma festa para comemorar o aniversário do Saci reúne os entes mágicos do nosso folclore, porém a comemoração esfria: o aniversariante é encontrado morto. A partir daí, a história ganha contornos policiais. Com muito humor, os convidados vão sendo interrogados por detetives que, de posse da folha corrida de cada um, tentam desvendar o mistério: quem matou o Saci? De modo bastante criativo e inusitado, as figuras do folclore brasileiro são apresentadas ao leitor através de fichas

criminais com perfil e fotos como personagens de uma trama policial. O desfecho guarda uma surpresa para o leitor.

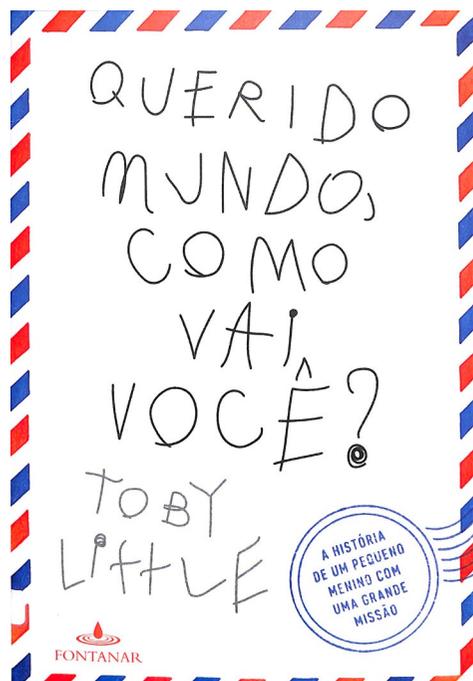
Resenhista: Denise Ramalho

Palavras-chave:
Folclore, Saci-Pererê (personagem), narrativa policial, humor, aniversário.



Imagem-chave: páginas 80 e 81

Querido mundo, como vai você? A história de um pequeno menino com uma grande missão



Escritora:
Toby Little

Tradutor:
Hildegard Feist

Editora:
Fontanar

Ano de publicação:
2017

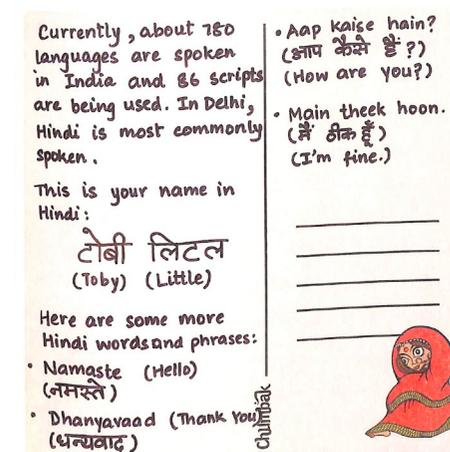
Número de páginas: 248

Resenha:

Curioso e cheio de perguntas sobre o planeta, Toby, um menino de cinco anos, pede ajuda à mãe para se corresponder com pessoas de todas as nacionalidades. Forma-se, então, uma rede que une países, os mais distantes, composta de informações sobre festas, dados históricos, doenças, hábitos, costumes, receitas culinárias, e notícias extraordinárias, como a de um japonês cujo animal de estimação é um pinguim e a de um elefante batizado que leva seu nome no Chade. Ao

longo do livro praticamente biográfico e de trocas epistolares, vemos fotos de cartões postais, desenhos e cartas.

Resenhista: Maria Clara Cavalcanti de Albuquerque



9. Índia
Uma das cartas que Toby escreveu foi para Tanya, em Nova Delhi. Ela nos enviou um monte de informações, inclusive uma carta decorada com uma tradicional estampa indiana (na página seguinte).

Imagem-chave: página 45

Palavras-chave:

Correspondência, países, amizade, culturas, curiosidades.

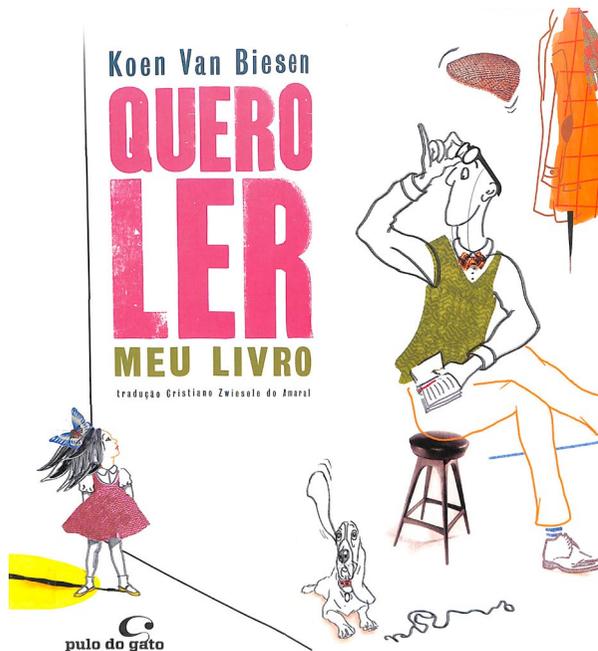
Índice

2016

2017

2018

Palavras



Quero ler meu livro

Escritor:

Koen Van Biesen

Ilustrador:

Koen Van Biesen

Tradutor:

Cristiano Zwiesele Amaral

Editora:

Pulo do Gato

Ano de publicação:

2017

Número de páginas: 44

Resenha:

O vizinho quer ler, mas os barulhos do apartamento ao lado não deixam. Como resolver o conflito? Numa narrativa repleta de onomatopeias, que reforçam as ações dos personagens, o livro fala sobre convivência, relação entre gerações e incentivo à leitura. O projeto gráfico divide o livro em duas partes (dois apartamentos): as páginas pares representam o apartamento barulhento e as páginas ímpares o apartamento do vizinho leitor. As ilustrações apresentadas

com muito humor trazem linhas, grafismos e cores vibrantes. Um desfecho inesperado dá destaque ao terceiro personagem da narrativa: o cachorro.

Resenhista: Augusto Pessôa

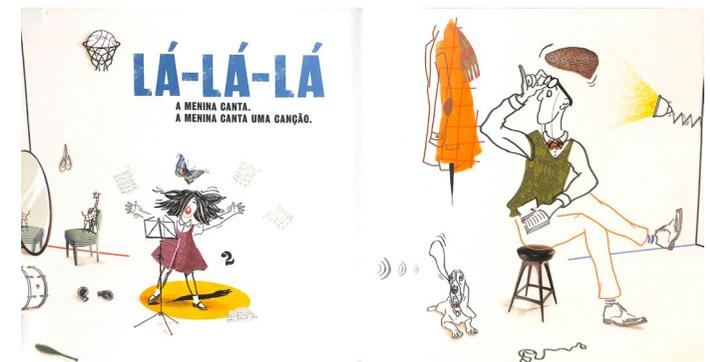


Imagem-chave: páginas 12 e 13

Palavras-chave:

Leitura, livro, infância, convivência, vizinhos.

Uma noite para João e outros poemas



Escritor:
Peter O'Sagae

Ilustradora:
Sandra Jávera

Editora:
Paulinas

Ano de publicação:
2017

Número de páginas: 38

Resenhista: Eliana Yunes

Palavras-chave:
Cantigas de ninar, São João (festa popular),
poesia, releitura, Bíblia, cultura popular.

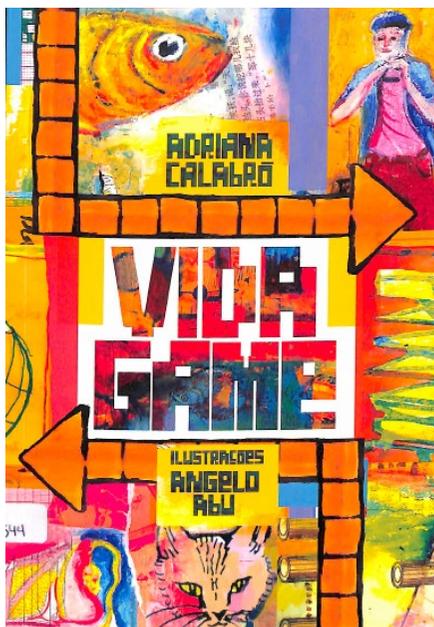
Resenha:

Uma série de curtos poemas em torno do João que virou santo e é venerado popularmente em festas do interior, lembra, aqui, sua história de profeta, também associada ao primo que, afinal, divide a história em antes e depois dele. Os versos e as canções de ninar convidam a releituras, assim como as imagens seduzem pela delicadeza dos traços em aquarela.



Imagem-chave: página 34

Vida Game



Escritora:
Adriana Calabro

Ilustrador:
Angelo Abu

Editora:
Peirópolis

Ano de publicação:
2017

Número de páginas: 102

Resenha:

Para Fernando, um pré-adolescente, a vida é um game e está cheia de obstáculos a serem vencidos. Escrito como tal e em forma de diário, sem cair em estereótipos ou chavões, o livro apresenta a jovens leitores um menino que enfrenta dificuldades e busca incansavelmente recolher informações sobre o pai que morreu antes dele nascer. No final da obra, um caderno reúne as ilustrações que formam um game, retomando as fases da narrativa.

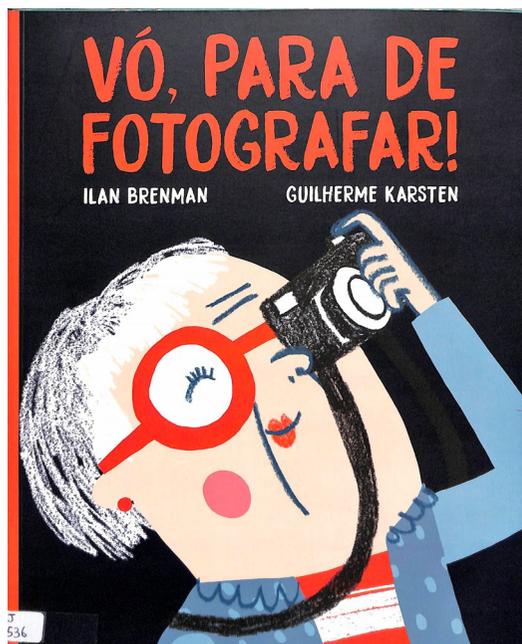
Resenhista: Maria Clara Cavalcanti de Albuquerque

Palavras-chave:
Jogos de computador, adolescência, memória, família.



Imagem-chave: páginas 80 e 81

Vó, para de fotografar!



Escritora:
Ilan Brenman

Ilustrador:
Guilherme Karsten

Editora:
Melhoramentos

Ano de publicação:
2017

Número de páginas: 30

Resenha:

Narrativa curta e de bom humor mostra a perseguição de uma avó à sua neta, para fotografá-la em todas as primeiras experiências da vida. E o que parecia uma mania despropositada guarda uma bela surpresa, para encanto da menina. As imagens lúdicas situam o cotidiano da criança em traços sobrepostos ao desenho plano com lápis de cera. Também propõem ao final uma cumplicidade com a avó e com o leitor.

Resenhista: Eliana Yunes

Palavras-chave:
Avó, neta, fotografia, humor, memória, álbum de retrato.



Imagem-chave: página 26

Índice

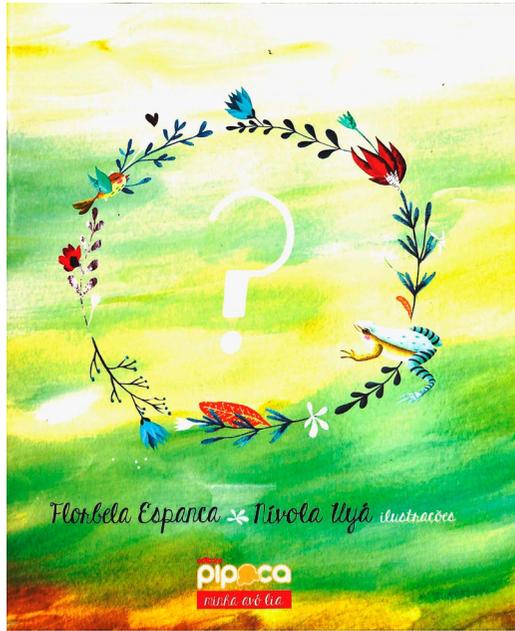
2016

2017

2018

Palavras

?



Escritora:
Florbela Espanca

Ilustradora:
Nivola Uyá

Editora:
Pipoca

Ano de publicação:
2017

Número de páginas: 16

Resenha:

Um poema curto, composto por ilustrações delicadas e poéticas, apresenta a autora portuguesa a crianças brasileiras. Os traços em aquarela trazem o clima encantatório do texto, como cenário sugestivo.

Resenhista: Eliana Yunes

Palavras-chave:
Transcendência, imaginário, poesia, infância.

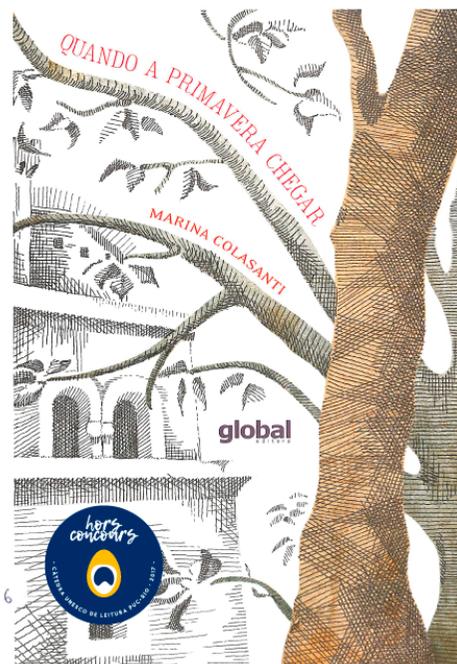


Imagem-chave: páginas 80 e 81



PREMIADOS ANO 2017
HORS CONCOURS

Quando a primavera chegar



Escritora:
Mariana Colasanti

Ilustradora:
Mariana Colasanti

Editora:
Global

Ano de publicação:
2017

Número de páginas: 112

Resenha:

O universo do era uma vez não faz parte apenas do imaginário da infância. É o que comprova este livro, onde estão reunidos dezessete contos tecidos com a agulha do real e a linha da fantasia. Revelando desejos inconscientes e percorrendo imagens e espaços arquetípicos associados aos contos de fadas, a obra mostra a leitores de diferentes idades o extraordinário, o insólito e o inexplicável da vida através de uma linguagem alegórica e poética. As ilustrações em bico de pena são

feitas pela autora-ilustradora e passeiam pelo universo do maravilhoso: um crisântemo na palma da mão de uma mulher, um rei que precisa de um povo, uma cicatriz inexistente, um lavrador em busca de cinco ciprestes, os escuros olhos de vidro de um autômato, a ida de uma velha à casa da morte e a espera de um homem pelo verde nos sulcos da terra quando a primavera chegar.

Resenhista: Francisco Camêlo

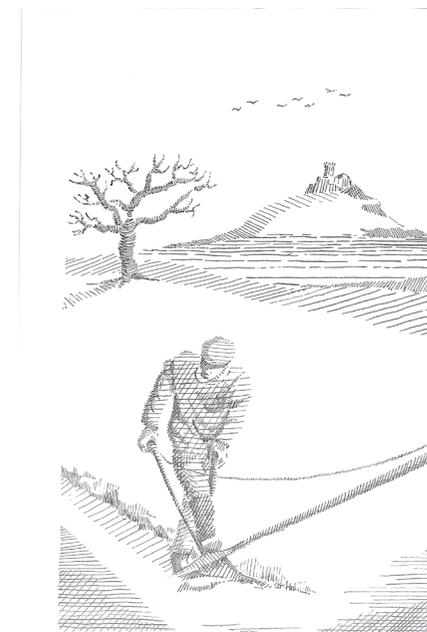


Imagem-chave: página 72

Palavras-chave:

Conto maravilhoso, fantasia (imaginação), arquetípos, feminino, morte.



Quando crianças e jovens
experimentam a porosidade da leitura,
personagens se tornam íntimos.

“livremente inspirado em Walter Benjamin”



PREMIADOS ANO 2018

DISTINÇÃO

A história de Inês de Castro

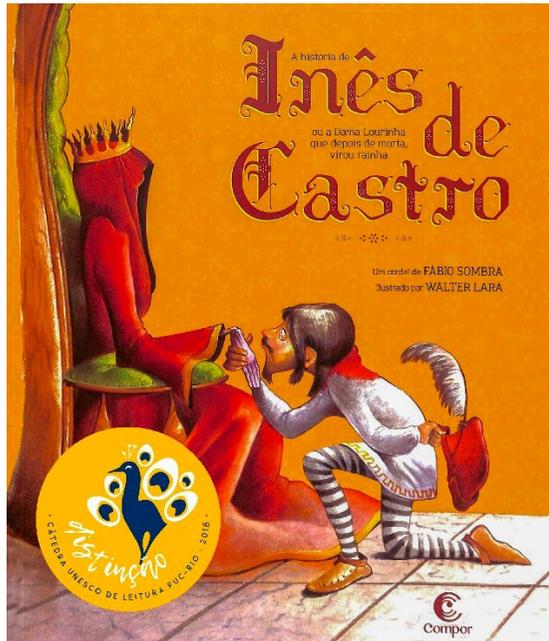
Índice

2016

2017

2018

Palavras



Escritor:
Fábio Sombra

Ilustrador:
Walter Lara

Editora:
Compor

Ano de publicação:
2018

Número de páginas: 34



Imagem-chave: páginas 30 e 31

Resenha:

O cordel, uma linguagem típica da literatura popular brasileira, mas com origem em Portugal, reconta uma clássica história de amor de além-mar com triste desfecho. A expressão “agora Inês é morta” ganha sentido e profundidade através de rimas e aquarelas sutis do ilustrador. O poema original camoniano apresenta uma tragédia real e eternizada pela literatura. O amor de Dom Pedro e Inês transborda comoção e cativa os leitores através dos versos e das caprichadas

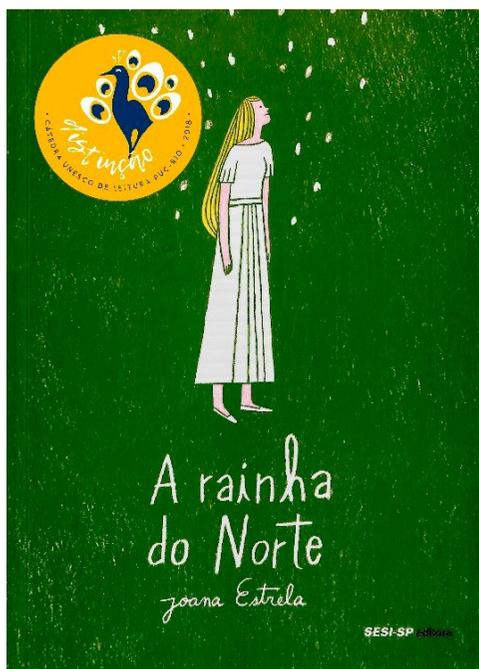
ilustrações, que nos levam àquela época de reis, rainhas e casamentos arranjados.

Resenhista: Julia Lima L. Carvalho

Palavras-chave:

Cordel, Portugal, conto, amor, reis e rainhas, Inês de Castro (personagem).

A rainha do Norte



Escritora:
Joana Estrela

Ilustradora:
Joana Estrela

Editora:
SESI-SP

Ano de publicação:
2018

Número de páginas: 56

Resenha:

Baseada em uma lenda das amendoeiras em flor, a narrativa em clima de oriente medieval reconta uma história de amor que precisa enfrentar diferenças de tempo e espaço para fazer felizes os enamorados. Contudo, algo acomete a donzela que adoece sem que o esposo rei e guerreiro possa encontrar uma solução entre seus sábios. Como enfrentar um mal desconhecido e salvar sua amada? Quem virá em seu auxílio? O que ele mesmo pode fazer enquanto espera? Uma história sensível,

ilustrada com traços delicados que colaboram para o clima de lenda que envolve a narração. Estão presentes nas imagens os tons pastéis, a textura do traço e as padronagens de formas geométricas que remetem ao cenário da trama. O traço do lápis também aparece no texto aparentemente todo escrito à mão.

Resenhista: Eliana Yunes

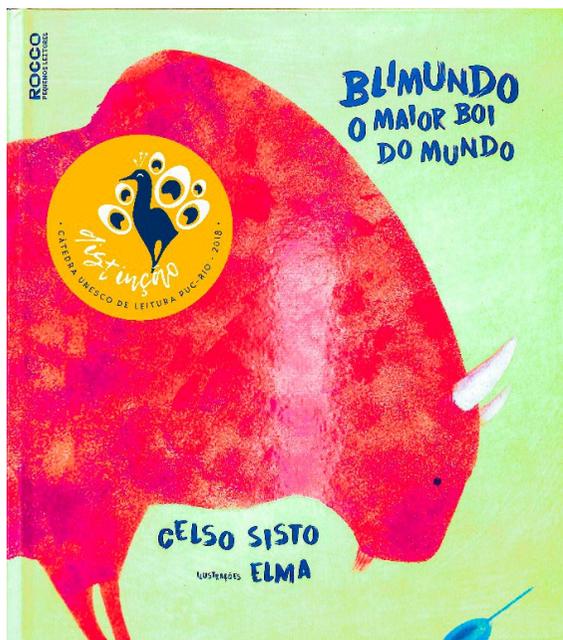


Imagem-chave: páginas 32 e 33

Palavras-chave:

Lenda, história de amor, enfermidade, saudade, estrangeiro.

Blimundo, o maior boi do mundo



Escritor:
Celso Sisto

Ilustrador:
Elma

Editora:
Rocco

Ano de publicação:
2018

Número de páginas: 42

Resenha:

Neste reconto da tradição oral de Cabo Verde, o maior boi do mundo vive num reino dominado pelo tirano Rei Morgado. Blimundo é o único que não se curva aos desmandos do déspota. Até que entra na história Arcádio, um rapaz que conhece o grande segredo de Blimundo e se oferece para derrotá-lo. Será que ele vai conseguir? Quem vencerá? A liberdade ou a tirania? O autor traz nessa releitura um manifesto apaixonante sobre o direito à liberdade. Ora criando uma

musicalidade cativante que lembra cantigas de tradição popular, ora resgatando palavras (com precisas explicações de rodapé) e lengalengas cabo-verdianas, o texto constrói uma atmosfera de oralidade. A edição, em capa dura, tem impactantes ilustrações em aquarela. São manchas que se transformam em imagens de grande beleza e dialogam de forma expressiva com a narrativa.

Resenhista: Augusto Pessôa

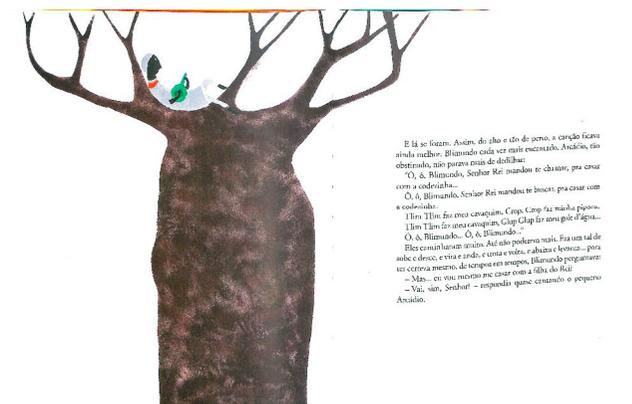
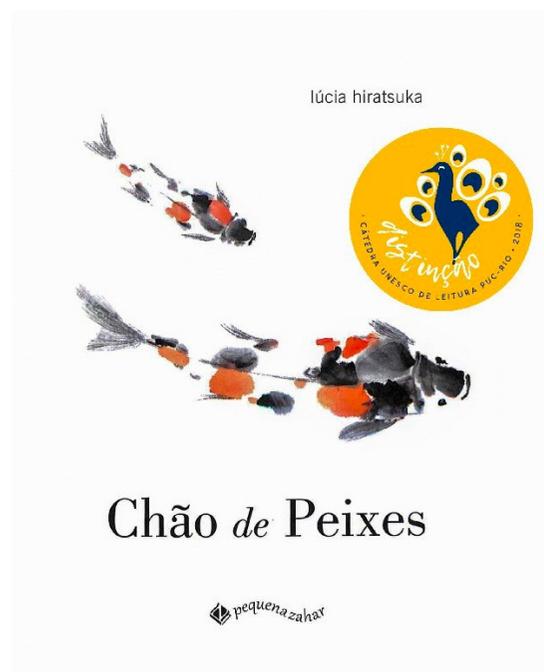


Imagem-chave: páginas 28 e 29

Palavras-chave:

Reconto, boi, Cabo Verde, liberdade, tirania, cultura popular.

Chão de peixes



Escritora:
Lucia Hiratsuka

Ilustradora:
Lucia Hiratsuka

Editora:
Pequena Zahar

Ano de publicação:
2018

Número de páginas: 44

Resenha:

Com pinceladas seguras e ao mesmo tempo mágicas, a ilustradora-autora lança mão de haicais japoneses para um passeio na natureza entre paisagens, animais, plantas e frutas. Utiliza a antiga arte japonesa sumi-ê, com a tinta sumi, mistura de fuligem e água, para dar grande rapidez e leveza aos traços. Estes apenas sugerem as figuras e o ambiente, criando poesia no jogo dos versos entre sombra e luz. São estrelas ou vaga-lumes que enfeitam os céus? Que mistério guarda o gato

com seus olhos de cristal? Por que a abóbora inveja a elegância da berinjela? Caminhando por um quintal de memórias, o leitor se sente convidado a criar suas próprias imagens.

Resenhista: Maria Clara Cavalcanti de Albuquerque

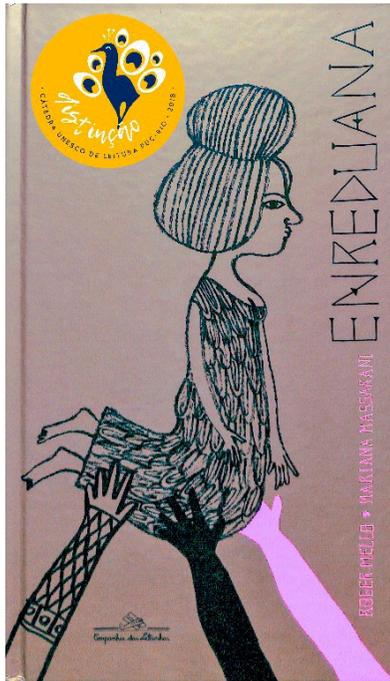


Imagem-chave: páginas 18 e 19

Palavras-chave:

Haikai, natureza, memória, animais, pintura japonesa.

Enreduana



Escritora:
Roger Mello

Ilustradora:
Mariana Massarani

Editora:
Companhia das Letrinhas

Ano de publicação:
2018

Número de páginas: 44

Resenha:

A releitura do passado possibilita o conhecimento de narrativas soterradas pela versão oficial da história. É o que ensina sem didatismo este livro, sobre Enreduana, a primeira mulher escritora e filósofa. Pela voz do menor grão de areia do deserto, o leitor contemporâneo conhece a vida desta sacerdotisa, nascida na Mesopotâmia em 2.300 a.C e casada com Inana, a deusa do amor e da fertilidade, a quem dedicou inúmeros poemas escritos em argila. Devido ao envolvimento

com a política, desperta a inveja dos homens, inclusive a do irmão, que trama sua expulsão do reino de Ur. Qual pode ser o desfecho? Com um projeto gráfico precioso, a obra tira partido da intensidade das cores laranja e rosa para criar uma atmosfera que remete ao clima do deserto e à força da mulher, enquanto as imagens recuperam o traço dos desenhos sumérios. A narrativa extremamente sofisticada exige do leitor atenção e releitura.

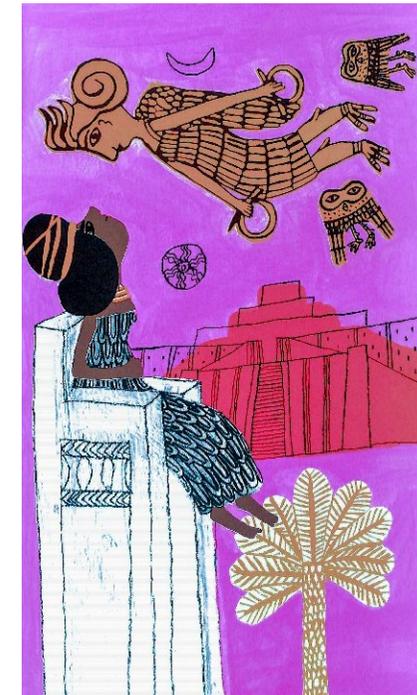


Imagem-chave: página 15

Resenhista: Francisco Camêlo

Palavras-chave:
Enreduana, mulher, escrita, Mesopotâmia.

Índice

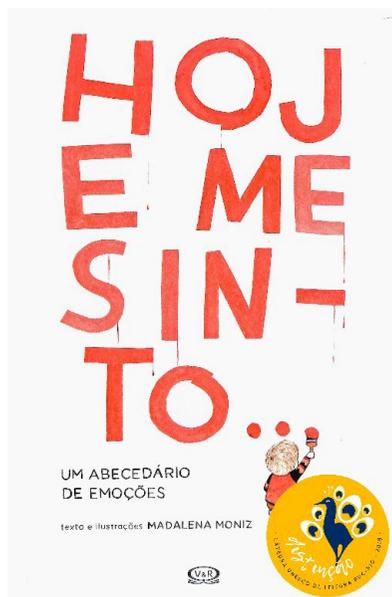
2016

2017

2018

Palavras

Hoje me sinto: um abecedário de emoções



Escritora:
Madalena Moniz

Ilustradora:
Madalena Moniz

Editora:
V&R

Ano de publicação:
2018

Número de páginas: 58

Resenha:

Neste original abecedário, palavra e imagem são linguagens complementares e contam emoções que um personagem vai sentindo a cada dia. De A a Z, traz, nas páginas pares, uma letra do alfabeto acompanhada de um sentimento. A cada palavra corresponde uma ilustração, em aquarela e tinta-da-china, que amplia as possibilidades de leitura. Ora em cores quentes, ora em cores frias, as imagens reforçam os sentimentos da personagem, apresentam semelhança com a formato das

letras e dão narratividade à história. Ao final, há um convite ao leitor para falar das próprias emoções.

Resenhista: Francisco Camêlo

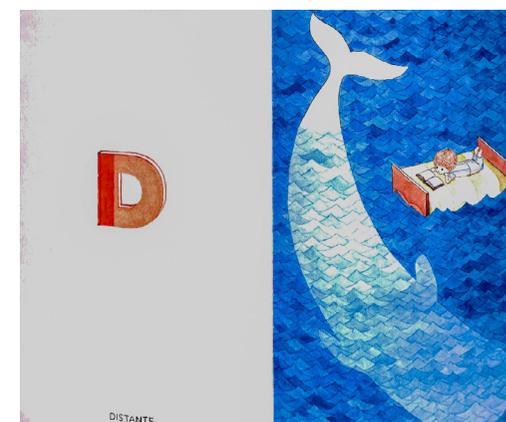


Imagem-chave: páginas 10 e 11

Palavras-chave:

Abecedário, sentimento, relação palavra e imagem, cotidiano, narratividade.

Muito Esquisito

Índice

2016

2017

2018

Palavras



Escritor:
Alexandre Brito

Ilustrador:
Gustavo Piqueira

Editora:
Pulo do Gato

Ano de publicação:
2018

Número de páginas: 64



Imagem-chave: páginas 32 e 33

Resenha:

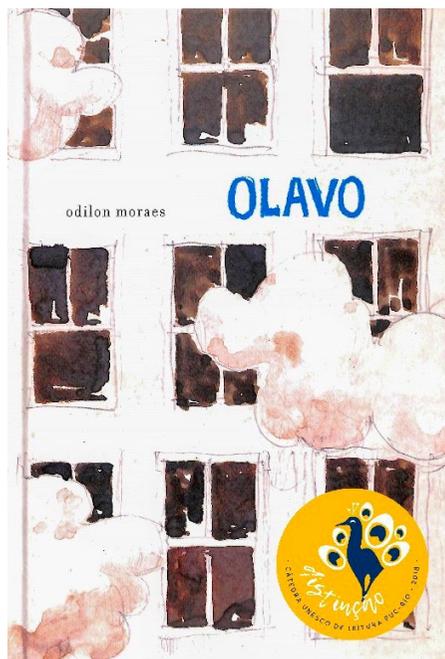
Muito esquisito! Um livro com poemas verbais e gráficos independentes, o que garante muita originalidade ao projeto leve e preciso. Misturando gravuras antigas de animais com largas pinceladas que formam corpos inusitados, batiza os poemas visuais com nomes muito estranhos. Intercalando as diferentes linguagens de verbo e de imagem, provoca uma leitura curiosa tanto das rimas quanto das composições surpreendentes. A estrutura da obra convoca o leitor a exercitar

seu imaginário tanto num universo quanto no outro: prevalecem os jogos lúdicos das palavras e das figuras.

Resenhista: Marcela Fernandes de Carvalho

Palavras-chave:
Nonsense, poesia, animais.

Olavo



Escritor:
Odilon Moraes

Ilustrador:
Odilon Moraes

Editora:
Jujuba

Ano de publicação:
2018

Número de páginas: 52

Resenha:

“Olavo era um menino triste”. A primeira frase deste livro, onde palavra e imagem se complementam à perfeição, anuncia do que se trata a história: uma narrativa sensível e delicada sobre a melancolia na infância. Feito em tom sépia, o personagem, cujo nome intitula a obra, conhece a tristeza não porque algo lhe falte. Assim como pessoas são felizes com a vida, ele é simplesmente triste. Numa manhã, quando um presente misterioso é deixado à sua porta, outro sentimento invade

a sua vida. Mas a alegria inicial, representada em outra cor, transforma-se em dúvida. Será que o embrulho é mesmo para ele? O que pode guardar o presente? Essa angústia aparece em linguagem econômica e é ilustrada com o traço característico do autor, aquarela e lápis. O texto desconstrói de forma sutil e tocante a relação do leitor com os afetos da primeira à última página.

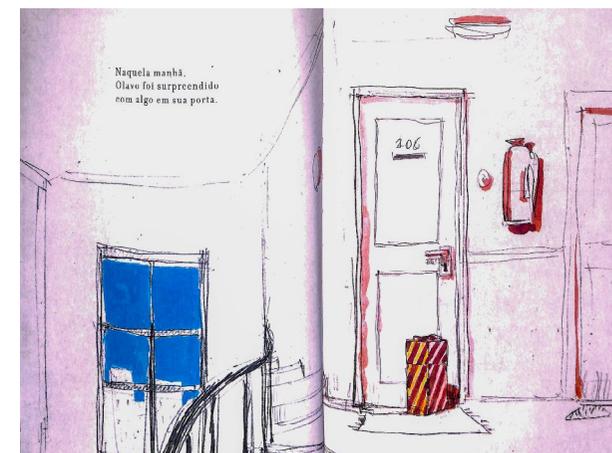


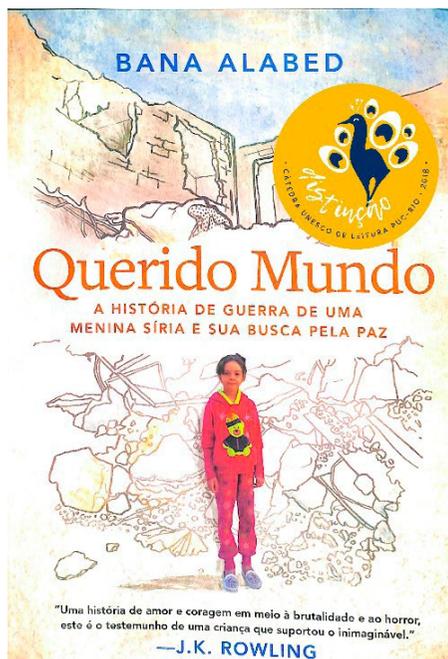
Imagem-chave: páginas 32 e 33

Resenhista: Francisco Camêlo

Palavras-chave:

Infância, tristeza, melancolia, relação palavra e imagem, afetos.

Querido mundo – a história de uma menina síria e sua luta pela paz



Escritora:
Bana Aled

Tradutora:
Claudia Gerpe Duarte

Editora:
Cortez

Ano de publicação:
2018

Número de páginas: 58



Imagem-chave: página 89

Resenha:

Uma das maiores crises humanitárias é vista pelos olhos de uma criança de sete anos, Bana, que dá uma nova e aterrorizante perspectiva do que foi a guerra em Aleppo. O livro é mais do que o relato de uma guerra avassaladora que mata indiscriminadamente civis e arrasa cidades. Em meio aos horrores de uma infância interrompida pela guerra, um sentimento de resistência e esperança leva Bana a usar a força de comunicação do Twitter para alertar pessoas do mundo inteiro sobre o

que estava acontecendo em sua cidade natal. Nem os quatro anos de guerra enfrentados por sua família conseguiram abalar seus sentimentos de amor à sua comunidade. O texto é entremeado por comentários posteriores de sua mãe, que revelam uma ligação extremamente forte com a família e sua luta para que os filhos tivessem uma infância que se aproximasse da normalidade, como se vê na força interior da pequena Bana. O livro contém fotos da família e de Aleppo

antes, durante e após a guerra.

Resenhista: Maria Clara Cavalcanti de Albuquerque

Palavras-chave: Guerra, família, esperança, Aleppo, Internet.

Índice

2016

2017

2018

Palavras

Um livro pra gente morar



Organizadora:

Sílvia Oberg

Ilustradora:

Daniel Cabral

Editora:

Positivo

Ano de publicação:

2018

Número de páginas: 48

Resenha:

A partir de uma ideia de Lobato e de Bojunga – a de que os livros dão gosto de neles morar – foi montada esta original antologia poética, com obras de autores selecionados com esmero em torno de um fio temático que envolve a casa, percebida em múltiplas dimensões e afetividades. O livro tem primoroso acabamento gráfico e as ilustrações favorecem o tom poético, lidando com letras e formas geométricas em cores reticuladas.

Resenhista: Eliana Yunes

Palavras-chave:

Casa, antologia, poesia, livro.



Imagem chave: páginas 14 e 15

O bestiário particular de Parzifal

Índice

2016

2017

2018

Palavras



Escritora:
Hiro Kawahara

Ilustradora:
Hiro Kawahara

Editora:
SESI-SP

Ano de publicação:
2018

Número de páginas: 80



Imagem-chave: páginas 8 e 9

Resenha:

Parzifal foi criada na floresta com os seres imaginários que ela mesma inventou quando criança. Um dia, já crescida, decide ir para a cidade, retornando alguns anos depois para apresentar a filha aos amigos. Mas esse reencontro não acontece a contento. E quando ela volta à floresta para pedir ajuda para um grave problema, acontece algo ainda mais frustrante: o laço de amizade entre eles se rompe e, com ele, alguns limites entre dimensões da realidade e da imaginação.

O projeto gráfico é caprichoso e detalhista, com capa e contracapa de falsas guardas com imagens dos seres fantásticos. A narrativa visual, do tipo *graphic novel*, é muito bem orquestrada e a utilização de margens largas e do branco do papel evidencia ilustrações cheias de cor e imaginação que parecem resultar de técnicas predominantemente digitais.

Resenhista: Salmo Dansa

Palavras-chave:
Graphic novel, histórias em quadrinhos, seres imaginários, imaginação, floresta, família.



PREMIADOS ANO 2018

SELEÇÃO

A menina dos livros

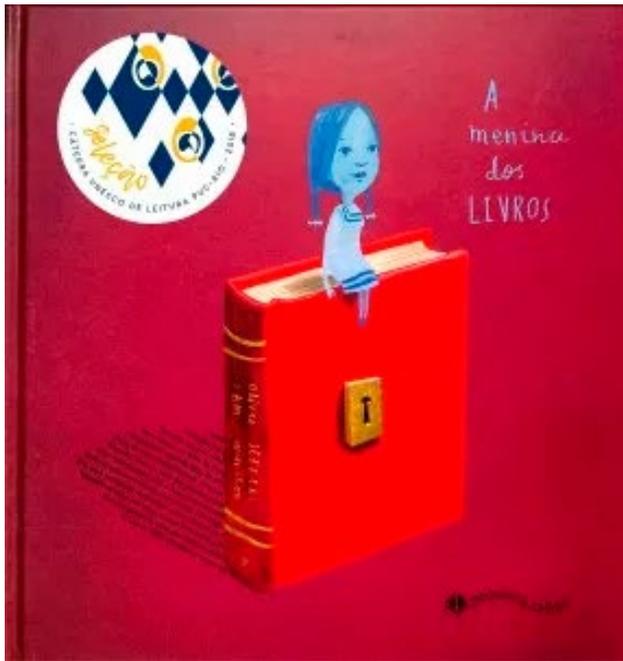
Índice

2016

2017

2018

Palavras



Escritores:

Oliver Jeffers e Sam Winston

Ilustradores:

Oliver Jeffers e Sam Winston

Editora:

Pequena Zahar

Ano de publicação:

2017

Número de páginas: 36

Resenha:

Quantas histórias cabem numa história? O livro traz a imaginação da personagem-narradora que dá título à obra e convida o leitor a segui-la. Em cada página, os autores apresentam uma cena de aventura em que combinam, com maestria, desenhos de linha e elementos ou cenários compostos por blocos de texto, acompanhados por uma narrativa leve e fluida. As imagens são compostas como “paisagens tipográficas” com influência da poesia concreta, trazendo

trechos de clássicos da literatura e cantigas populares que surpreendem o leitor ao subverter o papel tradicional da imagem e do texto. Os blocos de texto formam imagens e a história contada usa o recurso de uma escrita caligráfica, semelhante ao traço que dá forma às personagens, potencializando e ampliando limites das duas linguagens.

Resenhista: Salmo Dansa

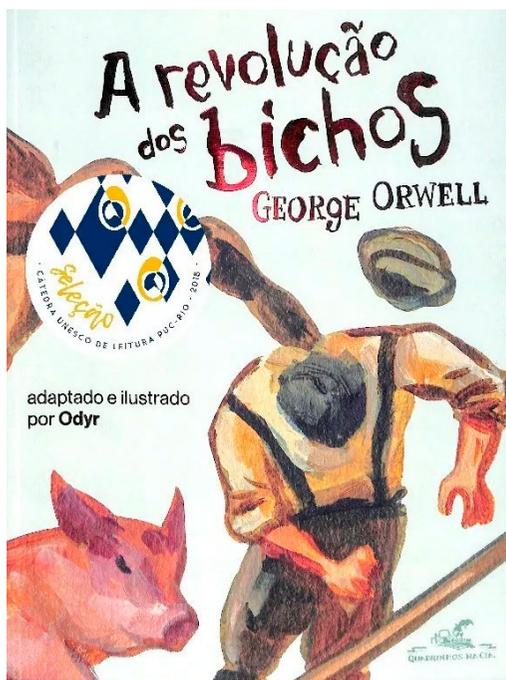


Imagem-chave: páginas 8 e 9

Palavras-chave:

Livros clássicos, imaginação, poesia concreta, tipografia, design gráfico, cantiga popular, livro.

A Revolução dos Bichos



Escritores:
George Orwell

Adaptador e ilustrador:
Odyr

Tradução:
Heitor Aquino Ferreira

Editora:
Quadrinhos na Cia.

Ano de publicação:
2018

Número de páginas: 176

Resenha:

Adaptação para os quadrinhos da obra-prima de George Orwell escrita em 1945 durante a Segunda Guerra Mundial. Os animais de uma granja se revoltam contra seu dono e tomam conta do lugar. O livro fala de forma precisa sobre tirania e desvios de poder. As ilustrações impressionistas trazem uma grande carga dramática. Com pinceladas vigorosas e grande quantidade de tinta acrílica, as imagens têm movimento e representam com perfeição o clima sombrio do texto.

Resenhista: Augusto Pessôa

Palavras-chave:
História em quadrinhos, revolução, tirania, adaptação (literatura), Revolução dos bichos (narrativa), liberdade.

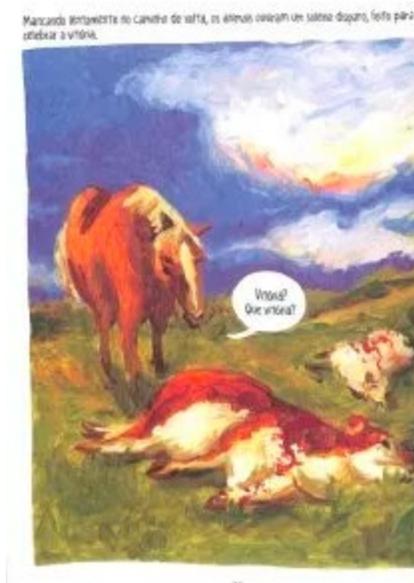


Imagem-chave: página 138

Aboborela

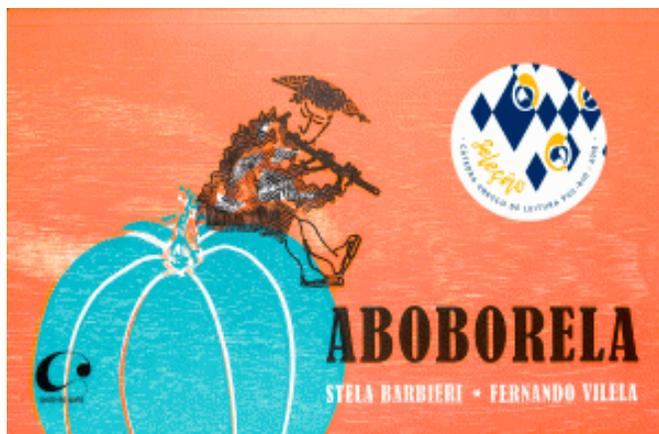
Índice

2016

2017

2018

Palavras



Escritora:

Stela Barbieri

Ilustrador:

Fernando Vilela

Editora:

Pulo do Gato

Ano de publicação:

2018

Número de páginas: 44

Resenha:

A história é protagonizada por Shen, um rapaz simples que ajuda as pessoas em troca de sua subsistência e sonha em encontrar uma companheira. Depois de ganhar uma flauta de um velhinho, sua vida começa a mudar trazendo-lhe novos desafios e aventuras que vão demonstrar o valor da humildade e da coragem, configurando-se como um típico conto maravilhoso. O livro tem capas flexíveis, com orelhas, formato horizontal e o sentido de abertura diferenciado, com folheamento

de baixo para cima. As ilustrações trazem elementos da xilogravura, técnica tradicional na impressão de livros no oriente, e foram produzidas para impressão em três cores (preto, verde e cor de abóbora). A cor é a ligação entre as narrativas verbal e visual, sendo a abóbora um elemento mágico das principais transformações que ocorrem na história, inspirando também o título do livro.

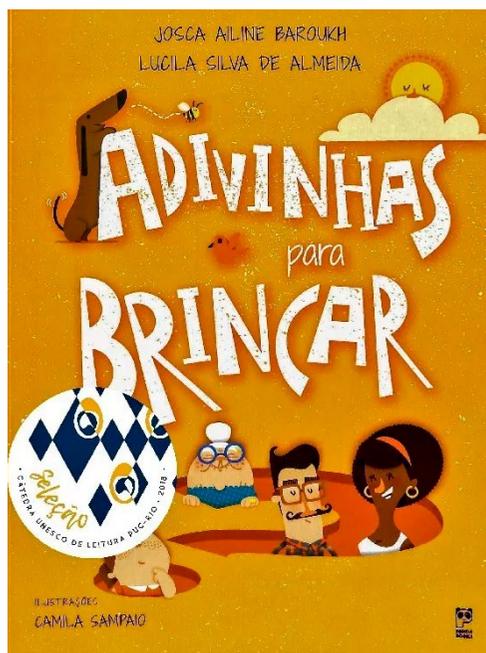
Resenhista: Salmo Dansa



Imagem-chave: páginas 32 e 33

Palavras-chave:

Conto maravilhoso, conto oriental, imaginação, legumes, instrumentos musicais.



Adivinhas para brincar

Escritores:

Josca Ailine Baroukh e Lucila Silva de Almeida

Ilustradora:

Camila Sampaio

Editora:

Panda Books

Ano de publicação:

2018

Número de páginas: 48

Resenha:

O que é, o que é? Tem capa sobre capa do mesmo tecido? Adivinha, adivinhão: qual o vinho que não tem álcool? Estas e mais de setenta adivinhas estão distribuídas em cinco sessões do livro: sobre alimentos, animais, natureza, corpo humano e objetos. Misturando algumas bem conhecidas com outras inusitadas, tornam-se divertidas pelas rimas e imagens. As ilustrações feitas em vetor acompanham a brincadeira de forma engraçada e colorida. Ao final, encontram-se as respostas por sessões.

Palavras-chave:

Adivinhas, cultura popular, humor, brinquedos e brincadeiras.

Resenhista: Maria Clara Cavalcanti de Albuquerque



Imagem-chave: página 25

Amoras

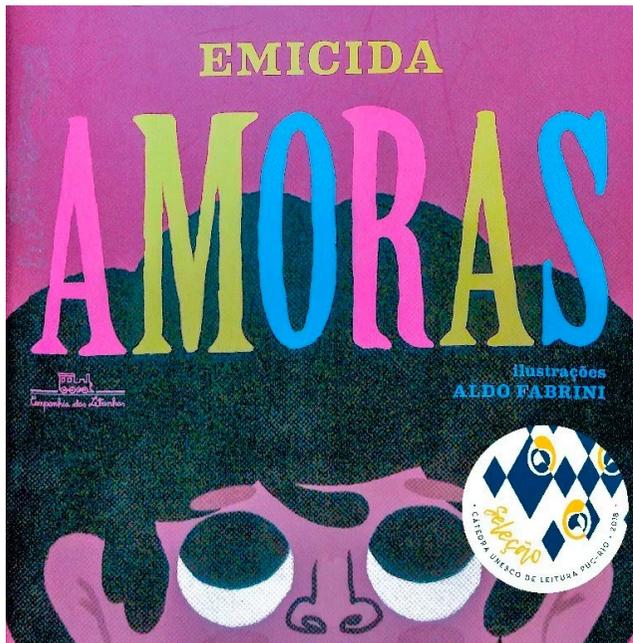
Índice

2016

2017

2018

Palavras



Escritor:

Emicida

Ilustrador:

Aldo Fabrini

Editora:

Companhia das Letrinhas

Ano de publicação:

2018

Número de páginas: 44

Resenha:

Um passeio por um pomar de amoras desperta a curiosidade de uma menina negra. Na companhia do pai, a pequena vai descobrir um pouco mais da história que tem em comum com personalidades de sua cor. Ao final, a que conclusão ela poderá chegar? Com muita delicadeza, a história aborda o reconhecimento da identidade negra pelos olhos da infância. A linguagem ritmada guarda semelhança com a sonoridade do rap e as coloridas ilustrações lembram grafites. Frases

em caixa alta ganham destaque como ecos de seus pensamentos.

Resenhista: Francisco Camêlo

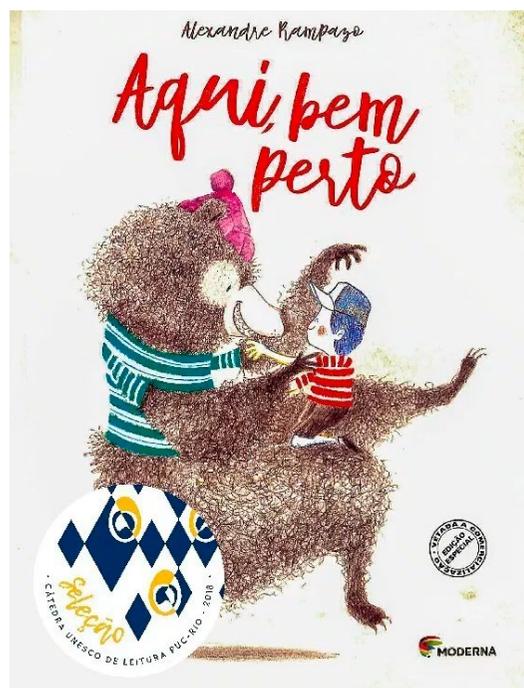


Imagem-chave: páginas 12 e 13

Palavras-chave:

Infância, negritude, identidade cultural, religiões africanas.

Aqui, bem perto



Escritor:
Alexandre Rampazo

Ilustrador:
Alexandre Rampazo

Editora:
Moderna

Ano de publicação:
2018

Número de páginas: 64

Resenha:

A delicadeza do texto e das imagens conta a relação de afeto entre um menino e seu grande amigo urso. A cumplicidade entre os dois no cotidiano encanta enquanto o menino cresce, até a partida do urso. Como lidar com essa perda? Às vezes, a resposta pode estar bem perto. Durante a leitura vão ficando outras perguntas: quem será esse urso? Um amigo imaginário? Seu pai? Um irmão mais velho? Só o passar do tempo poderá trazer a resposta. As ilustrações minimalistas ampliam

a compreensão do texto e sugerem leituras diversas.

Resenhista: Maria Clara Cavalcanti de Albuquerque

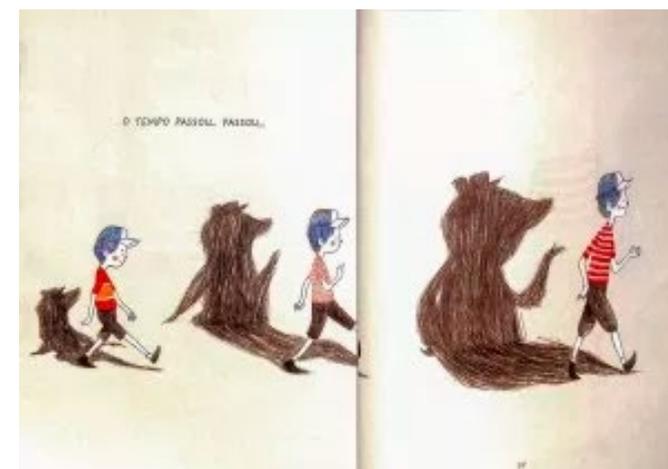


Imagem-chave: páginas 56 e 57

Palavras-chave: Família, afeto, perda, morte, imaginação.

Caixa de contos – crie suas próprias histórias

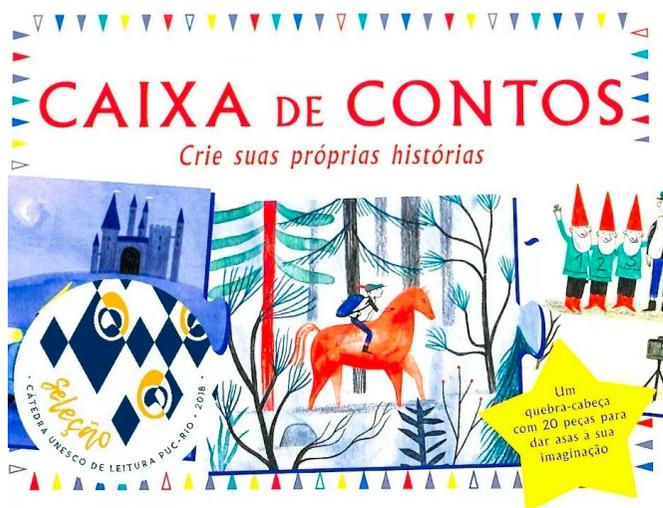
Índice

2016

2017

2018

Palavras



Ilustradora:
Anne Laval

Editora:
V&R

Ano de publicação:
2018

Número de páginas: 40



Imagem-chave: peça da primeira narrativa

Resenha:

Livro em formato de caixa cujas páginas são peças de um quebra-cabeça trazendo ilustrações nas duas faces das peças com imagens, em lápis de cor, delicadas e que convidam o leitor para montar novas narrativas. Esta edição propõe duas: a primeira (ou será a segunda?) conta a história de uma princesa curiosa que sai pelo mundo e se perde na floresta até que é encontrada por uma bruxa que a leva para sua casa. Para derrotar um coelho branco gigante que destrói

palácios, um jovem pede ajuda a bruxa, que lhe dá uma cenoura encantada e a companhia da princesa. Mas que fim terá a bruxa? A segunda (ou será a primeira?) traz um rapaz que se despede da família e parte em viagem, encontrando um grupo de anões às voltas com um lobo terrível. Ele decide enfrentar o lobo, mas será que vai ganhar alguma recompensa por isso? Qual será? O livro é interativo e estimula a imaginação e a criatividade.

Resenhista: Augusto Pessôa

Palavras-chave:

Livro de imagem, livro brinquedo, princesas, bruxa, contos de fada, leitura, narrativas interativas, narrativa.

Dois meninos de Kakuma


Escritora:

Marie Ange Bordas

Fotógrafa e ilustradora:

Marie Ange Bordas

Editora:

Pulo do Gato

Ano de publicação:

2018

Número de páginas: 72


Imagem-chave: página 56

Resenha:

Um menino somali, outro sudanês, estão no mesmo campo de refugiados de Kakuma, no Quênia. Ali se encontram e, no relato de suas histórias pungentes à espera de poder voltar para a terra natal, uma utopia se desenha diante do quadro de miséria e guerra de seus países. Sem recorrer a outro apelo que o de uma narrativa sensível, em escuta atenta ao que os meninos recolhem de suas experiências e das de seus amigos, a narração comove, por extrair do testemunho, a confirmação de

que a infância habita a pátria da esperança. O texto é acompanhado por fotografias com algumas intervenções de ilustração e traz, em sequência, informações e dados sobre o campo de refugiados, de forma igualmente tocante, e confirma sutilmente o que o olhar dos meninos, inocente, mas não ingênuo, conta ao leitor envolvido desde a primeira página.

Resenhista: Eliana Yunes

Palavras-chave:

Infância, refugiados, exílio, memória, guerra, África.

Escrito e desenhado por Enriqueta

Índice

2016

2017

2018

Palavras



Escritor:

Liniers

Ilustrador:

Liniers

Tradutora:

Roberta Fabrício Valério

Editora:

V&R

Ano de publicação:

2018

Número de páginas: 71



Imagem-chave: páginas 62 e 63

Resenha:

A pequena Enriqueta ganha uma caixa de lápis de cor e decide escrever uma história. Na companhia de seu gato Feline, cria a personagem Emília e imagina uma fantástica aventura. Utilizando as figuras já consagradas em seu trabalho nos quadrinhos, o autor cria um jogo narrativo metalinguístico: uma história é criada dentro da história por uma “autora” que é também personagem. As ilustrações combinam os consagrados quadrinhos de Enriqueta com desenhos que reproduzem

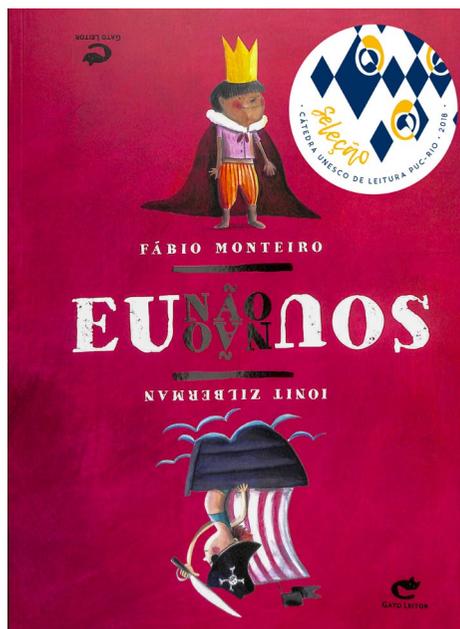
o traço infantil marcando a história que a menina cria. Essa combinação reforça os dois níveis da narrativa, estimulando a imaginação do leitor.

Resenhista: Denise Ramalho

Palavras-chave:

História em quadrinhos, metalinguagem, narrativa, personagens, imaginação.

Eu não sou não



Escritor:

Fábio Monteiro

Ilustrador:

Ionit Zilberman

Editora:

Gato Leitor

Ano de publicação:

2018

Número de páginas: 32

Resenha:

O que somos? O que desejamos ser? Até onde podemos ir com nossa imaginação? Essa é a proposta do livro: brincar de imaginar, escolher o que se quer e o que não se quer ser; e o melhor – descobrir novas possibilidades, jogar com o tempo e com a ideia de começo e fim. O projeto gráfico trabalha texto e imagem como um conjunto único para gerar uma diversidade de sentidos. O modo como palavras e ilustrações se espalham pelas páginas é inusitado e propõe novos modos de

ler na brincadeira de girar o livro ou de virá-lo de ponta-cabeça. A leitura se transforma em um instigante jogo para a imaginação e o desejo do leitor, convidando-o a seguir com suas reflexões e escolhas.

Resenhista: Denise Ramalho

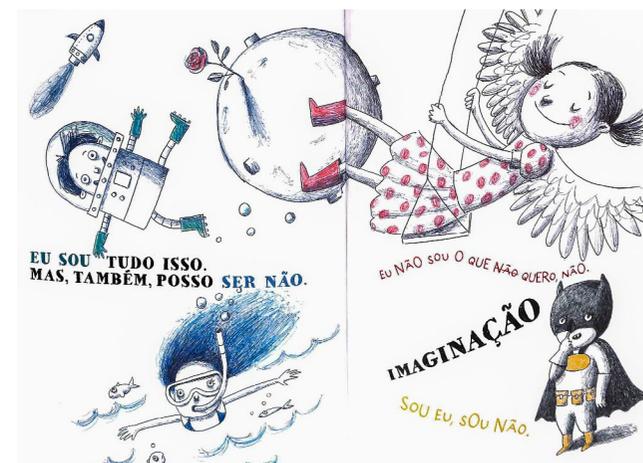


Imagem-chave: páginas 24 e 25

Palavras-chave:

Imaginação, brinquedos e brincadeiras, desejo, identidade, leitura.

Lulu e o urso

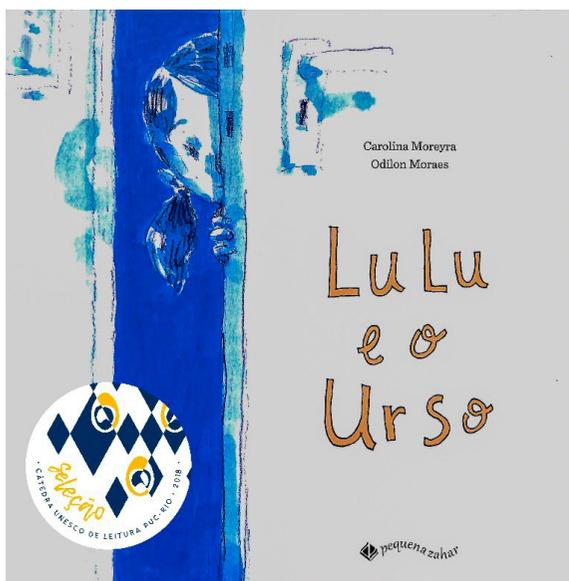
Índice

2016

2017

2018

Palavras



Escritora:
Carolina Moreyra

Ilustrador:
Odilon Moraes

Editora:
Pequena Zahar

Ano de publicação:
2018

Número de páginas: 42

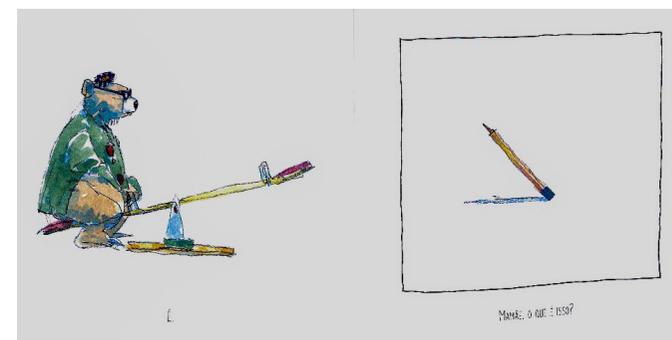


Imagem-chave: páginas 22 e 23

Resenha:

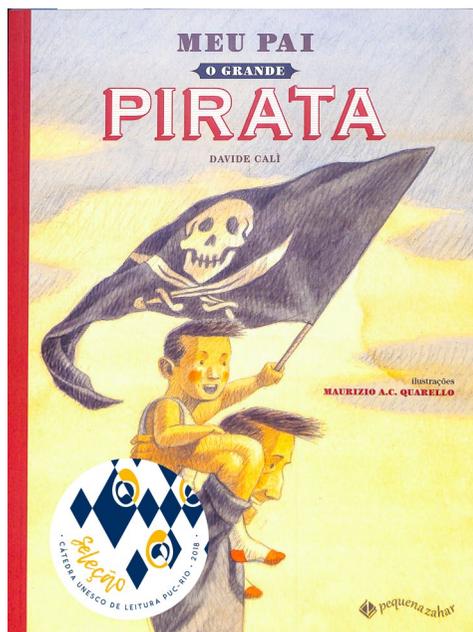
Uma menina brinca próxima à mãe. Elas estão lado a lado, mas cada uma em um espaço representado pelas páginas pares e ímpares. Enquanto remexe em alguns objetos, a criança pergunta à mãe o que é aquilo; na sequência, uma narrativa vai-se construindo com base nessas descobertas, até que a magia acontece. As ilustrações são produzidas com aquarela e contornos de lápis, de aspecto delicado e informal. Os objetos são representados com cores, enquanto a mãe e a filha estão unidas

pela mesma cor. Cada cena tem uma moldura, de espessura semelhante à das figuras, e a ausência dela em algumas cenas é significativa sobre o limite entre realidade e imaginário.

Resenhista: Salmo Dansa

Palavras-chave:
Objeto, família, trabalho, brinquedos e brincadeiras, imaginação.

Meu pai o grande pirata



Escritor:
Davide Cali

Ilustrador:
Maurizio A. C. Quarello

Editora:
Pequena Zahar

Ano de publicação:
2018

Número de páginas: 48

Resenha:

Narrado por um menino que convive com o pai por apenas duas semanas no ano, o livro fala da relação de amor, admiração e da fantasia que cresce alimentada pelo desejo de ambos. No processo de amadurecimento do filho, o grande pirata dará lugar ao pai trabalhador, mas vai ser preciso algum tempo para que o menino cresça e aprenda a amá-lo dessa forma. O texto é preciso, tocante e guarda um segredo. O projeto gráfico contribui inegavelmente para a dinâmica da história. As

ilustrações, muito expressivas, surpreendem a cada página. A paleta de cores muda ao longo da história de acordo com as diferentes situações.

Resenhista: Ana Maria Portella

Mas ele nunca trazia tesouros para casa.
- Papai, por que você nunca traz nenhum tesouro para casa? - eu perguntava.
E ele começava a rir.
- Porque os tesouros estão num lugar seguro que só eu e o Tatuado conhecemos. E por isso?

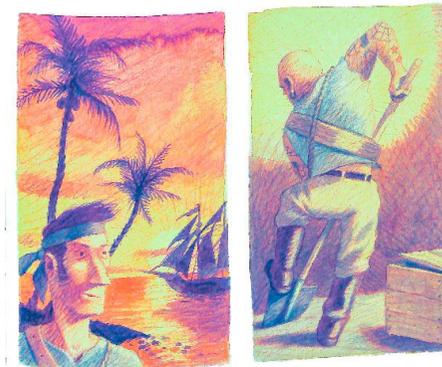


Imagem-chave: página 7

Palavras-chave:

Relações familiares, trabalho, piratas, pai, perda, imaginação.

O encontro da cidade criança com o sertão menino



Escritor:
Marco Haurélio

Ilustrador:
Laerte Silvino

Editora:
Editora do Brasil

Ano de publicação:
2018

Número de páginas: 32

Resenha:

Escrito em estrofes de seis versos e sete sílabas poéticas, forma consagrada do cordel, o texto, assim como as imagens em xilogravura, homenageia grandes cordelistas e repentistas do Nordeste. Em torno do afetuoso colo de uma avó leitora de folhetos, netos da grande São Paulo e do interior de Alagoas encontram no imaginário dos versos um lugar de acolhimento e diversão, construindo a identidade de primos apesar das diferenças. As gravuras com traços precisos em três cores

(preto, verde, rosa), além do branco do papel, ocupam as páginas duplas e representam as histórias dentro das histórias, envolvendo os dois meninos e os fantásticos personagens de narrativas tradicionais. O projeto gráfico atualiza os antigos folhetos e torna contemporânea a leitura de cordel.

Resenhista: Marcela Fernandes de Carvalho



Imagem-chave: páginas 8 e 9

Palavras-chave:

Diferenças, cidade, sertão, literatura de cordel, relações familiares, releitura.

Índice

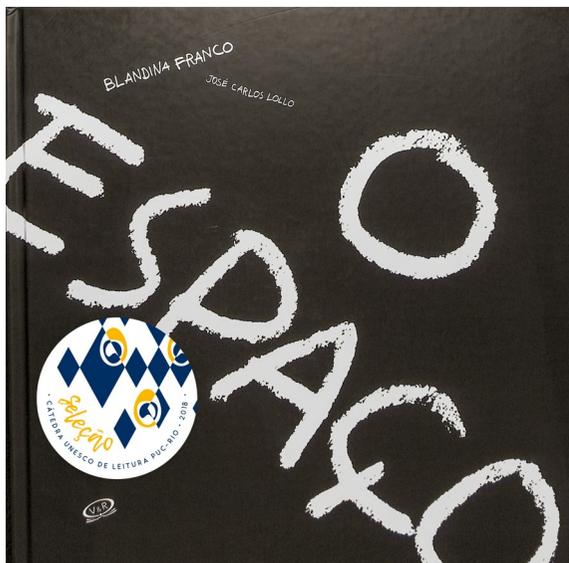
2016

2017

2018

Palavras

O espaço



Escritora:
Blandina Franco

Ilustradora:
José Carlos Lollo

Editora:
V&

Ano de publicação:
2018

Número de páginas: 40

Resenha:

Livro em capa dura, de formato grande, quadrado, a pretexto de um dente de leite que cai e abre um espaço na arcada do menino, traz uma viagem às avessas. Partindo do espaço sideral, aproxima pouco a pouco o foco, permitindo reconhecer o planeta, a cidade, a rua e a casa, até que...bem! As cores do preto à luz, em lápis cera, narram o périplo circular, com cenários amplos, poucas palavras e alguma surpresa.

Resenhista: Eliana Yunes

Palavras-chave:
Universo, infância, descoberta.



Imagem-chave: páginas 24 e 25

O menino que tinha medo, mas muito medo



Resenha:

O menino tinha medo suficiente para alimentar uma cidade inteira de pessoas medrosas. Quando ele se protegeu, o medo se espalhou. E o que foi que aconteceu? As ilustrações de traço fino e leve, divertidas aquarelas, tornam a complexidade do texto acessível e lúdica.

Escritor:
Cláudio Martins

Ilustrador:
Cláudio Martins

Editora:
Paulinas

Ano de publicação:
2018

Número de páginas: 32

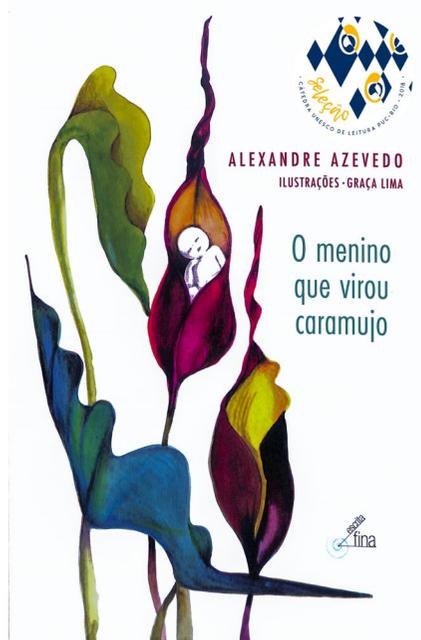
Resenhista: Marcela Fernandes de Carvalho

Palavras-chave:
Medo, monstros, humor.



Imagem-chave: página 27

O menino que virou caramujo



Escritor:
Alexandre Azevedo

Ilustrador:
Graça Lima

Editora:
Escrita Fina

Ano de publicação:
2018

Número de páginas: 40

Resenha:

Se alguém quisesse aprender como é possível escrever uma biografia como literatura, sem descartar informação, deveria ler este livro. Aqui o autor se debruça sobre a poesia de Manoel de Barros e com ela escreve também poeticamente vida e obra deste poeta que se dizia não-biografável por desimportantes e inúteis serem seus versos. E não se trata de falsa imodéstia. Sua compreensão expositiva do mundo passa pelas miudezas que só um poeta vê. As ilustrações, em cores

e delicadezas, acompanham o poema como se o refizessem originalmente em imagens polidas nos traços e na sutileza dos ângulos, pelos quais a infância percebe o chão em que se move.

Resenhista: Eliana Yunes

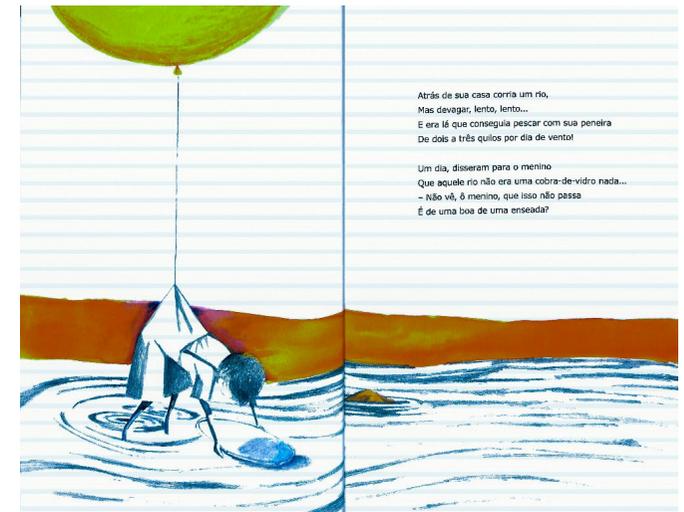
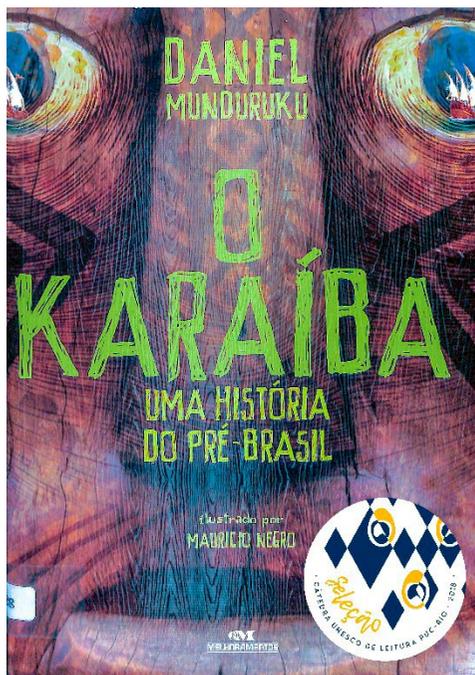


Imagem-chave: páginas 14 e 15

Palavras-chave:

Infância, natureza, imaginário, poesia, Manoel de Barros – crítica e interpretação.

O Karaíba: uma história do Pré-Brasil



Escritor:

Daniel Munduruku

Ilustrador:

Mauricio Negro

Editora:

Edelbra

Ano de publicação:

2018

Número de páginas: 128

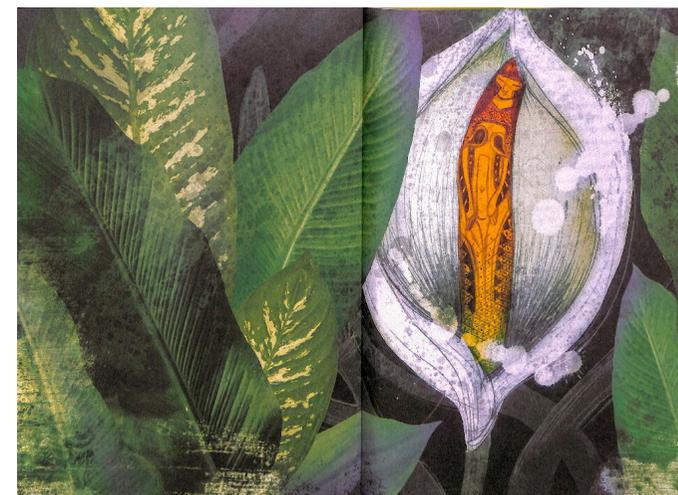


Imagem-chave: páginas 68 e 69

Resenha:

Confessando que a obra é quase verdadeira e quase falsa, o autor mescla suas memórias de diferentes fases da vida, infância, juventude e maturidade, com os recursos da ficção que injetam a interpretação do vivido no relato de ocorrências factuais. A narrativa aproxima o leitor do ponto de vista da personagem ao narrar os episódios com emoção e militância que apelam para os valores da cultura indígena de povos diversos, espoliados e esquecidos pela colonização europeia. Ao

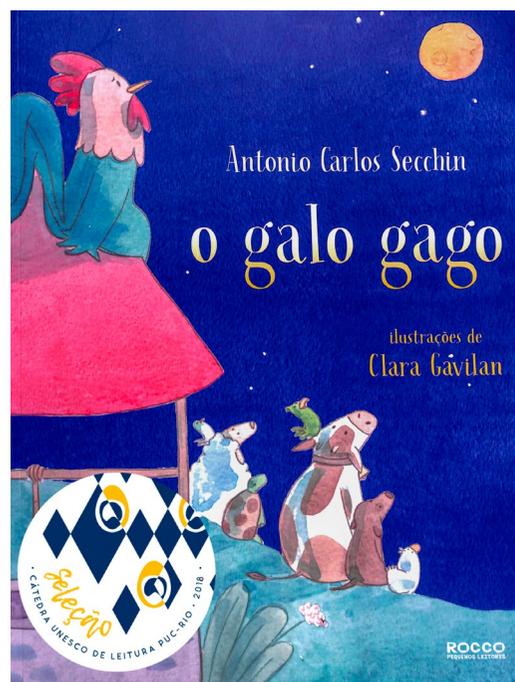
narrar a saga familiar e na oportunidade de se tornar escritor, partilha o vivido e o imaginado com assinatura própria. Eventuais ilustrações em páginas duplas recuperam elementos e pintura indígenas.

Resenhista: Eliana Yunes

Palavras-chave:

Indígena, autobiografia, memórias, preconceito.

O galo gago


Escritor:

Antonio Carlos Secchin

Ilustrador:

Clara Gavilan

Editora:

Rocco

Ano de publicação:

2018

Número de páginas: 40

Resenha:

Em versos rimados, o poeta conta o drama de um galo gago incapaz de cantar para tecer a manhã. Apreensivos com a possibilidade de que o dia não nasça, os animais reúnem-se em assembleia para ajudá-lo a fazer o sol raiar, mas todos os planos fracassam. Até que a tartaruga tem uma ideia. Quem a pode imaginar? De maneira bem-humorada e criativa, com referências a Esopo, a fábula discute temas como as diferenças e a solidariedade, enquanto homenageia a poesia de João Cabral de Mello

Neto, ampliando o canto com outras vozes. As ilustrações em aquarela acompanham a narrativa, retratando-a com leveza e alegria.

Resenhista: Francisco Camêlo



Imagem-chave: páginas 8 e 9

Palavras-chave:

Fábula, poesia, animais, gagueira, diferenças, solidariedade, humor.

Os convidados da Senhora Olga

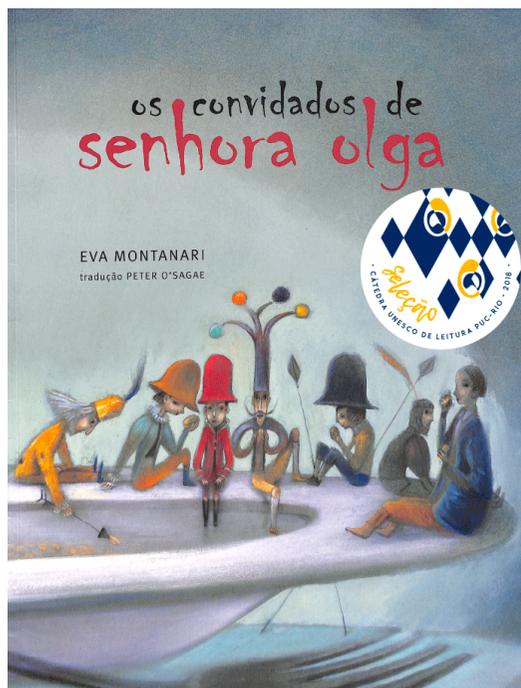
Índice

2016

2017

2018

Palavras



Escritora:
Eva Montanari

Ilustradora:
Eva Montanari

Editora:
Jujuba

Ano de publicação:
2018

Número de páginas: 30

Resenha:

Com um traço extremamente suave, em tom sépia, as folhas de guarda poderiam anunciar o segredo da história. Mas... a personagem velhinha que mora no alto da colina, todas as noites recebe convidados extraordinários para quem prepara delícias. Por conta das histórias que lhe contam, dona Olga conhece o mundo. Ela viaja em narrativas extraordinárias que não terminam até a hora em que o sono chega. Quando ela se recolhe, a neta volta para casa de mãos vazias, prontas para, no dia seguinte,

encontrar os novos convidados para aquela senhora de ouvidos delicados... A delicadeza das imagens, em traços a lápis de cor, sugere o sono e o sonho que envolvem personagens reais e fictícias.

Resenhista: Eliana Yunes

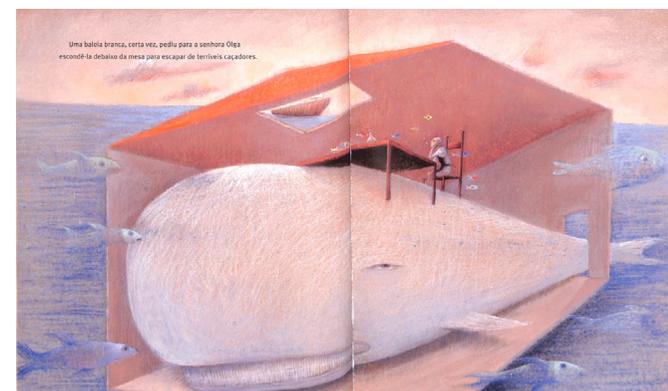
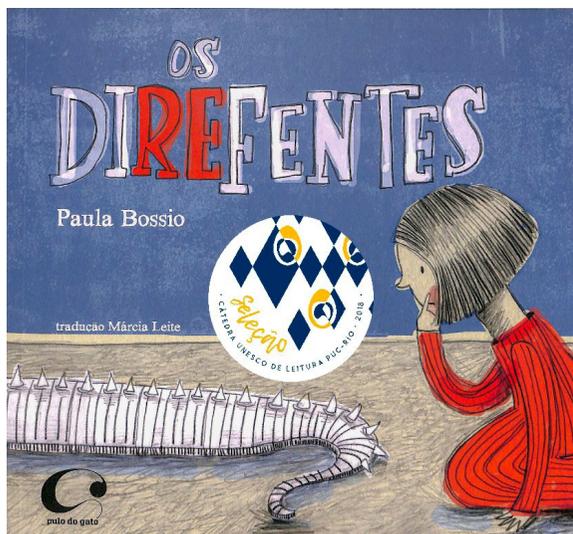


Imagem-chave: páginas 14 e 15

Palavras-chave:

Avó, oralidade, memória, biblioteca, literatura clássica, personagens.



Os difeentes

Escritora:

Paula Bossio

Ilustradora:

Paula Bossio

Tradutora:

Márcia Leite

Editora:

Pulo do Gato

Ano de publicação:

2018

Número de páginas: 35

Resenha:

Certo dia, uma menina percebe que o mundo está cheio de diferenças. Ela começa a reparar que as paisagens e, principalmente, as pessoas estão muito estranhas. Será que só ela é normal? Sua conclusão será surpreendente. Texto e imagem compõem um bloco único de significado, já que as ilustrações com seus traços nonsense traduzem a visão da menina sobre as diferenças. O final da história traz uma surpresa capaz de gerar reflexão sobre o tema proposto. Adivinhe qual é?

Resenhista: Denise Ramalho

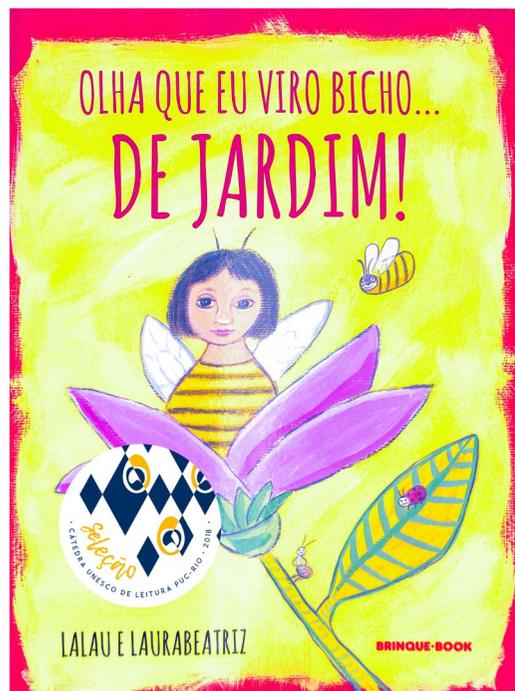
Palavras-chave:

Diferenças, identidade, conflito, descoberta.



Imagem-chave: páginas 16 e 17

Olha que eu viro bicho de jardim!



Escritor:
Lalau

Ilustrador:
Laurabeatriz

Editora:
Brinque-Book

Ano de publicação:
2018

Número de páginas: 32

Resenha:

Muitas personagens homenageadas neste livro são recorrentes na literatura e nas canções brasileiras, mostrando o fascínio inesgotável por esses seres diminutos que habitam os jardins e o nosso imaginário. Apresentando doze animais através de analogias com o universo da criança, associa suas imagens a personagens infantis. Essa aproximação cria uma atmosfera poética que se traduz em espontaneidade e beleza, com um toque de humor nas relações entre o texto poético,

o comentário descritivo e a ilustração. As imagens são artesanais e coloridas, feitas com tinta densa e contornos de pincel, retratando cenas de fantasia e brincadeiras que se aproximam, com autonomia, do conteúdo dos versos.

Resenhista: Salso Dansa

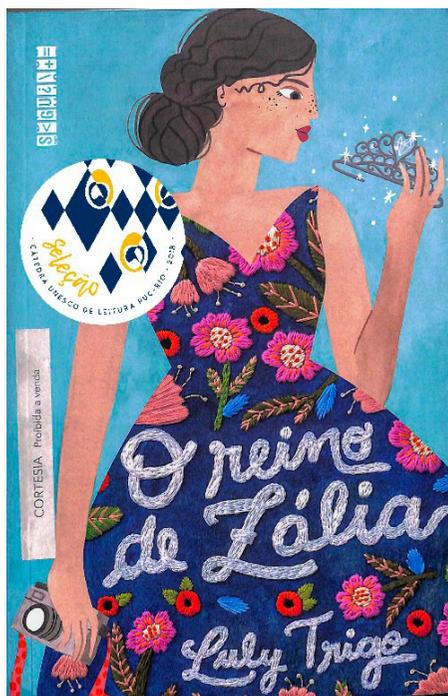


Imagem-chave: páginas 20 e 21

Palavras-chave:

Insetos, jardim, brinquedos e brincadeiras, fantasia, poesia.

O reino de Zália



Escritora:

Luly Trigo

Editora:

Seguinte

Ano de publicação:

2018

Número de páginas: 440

Resenha:

Galdino é um reino formado por um conjunto de ilhas tropicais cujo herdeiro do trono é o irmão mais velho de Zália, criada em um colégio interno e afastada dos problemas da monarquia. Morto o irmão em um atentado e o pai enfermo, ela assume a regência e descobre uma face desconhecida de seu país: o sofrimento do povo, os impostos altíssimos, o desvio de dinheiro, os salários atrasados, as precárias instalações de escolas e hospitais e um grupo de Resistência que procura mudar

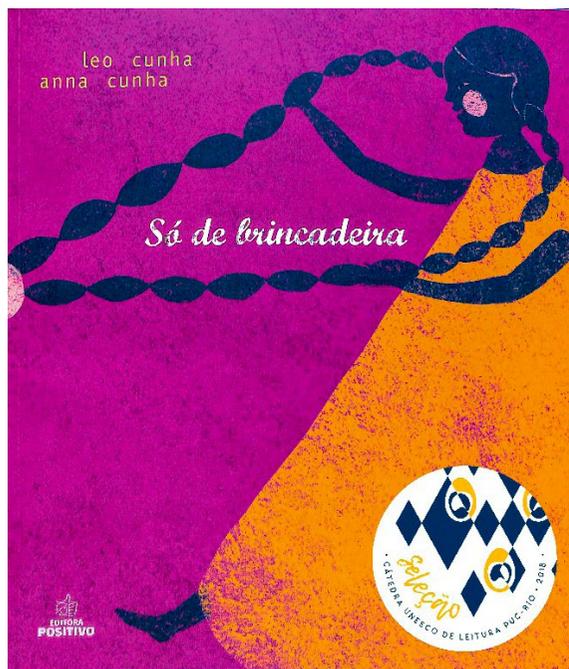
essa realidade. Em sua busca por justiça social, a princesa regente tem de lidar com as consequências das investigações, enquanto precisa se decidir entre um amor do passado e um novo romance. Conseguirá Zélia mudar o reino? Sua escolha amorosa será a mais certa?

Resenhista: Maria Clara Cavalcanti de Albuquerque

Palavras-chave:

Corrupção, princesa, amor, justiça social.

Só de brincadeira



Escritora:
Leo Cunha

Ilustradora:
Anna Cunha

Editora:
Positivo

Ano de publicação:
2018

Número de páginas: 56

Resenha:

Brincar de poesia não tem fim? Nesse tom “só de brincadeira”, autor e ilustradora brincam com as palavras e as imagens, entre formas, métricas, ritmos, rimas e cores. A motivação para a poesia se estende do esperado ao inusitado no universo da infância. As ilustrações ocupam páginas duplas e formam o cenário lúdico das brincadeiras.

Resenhista: Catharina Epprecht

Índice

2016

2017

2018

Palavras

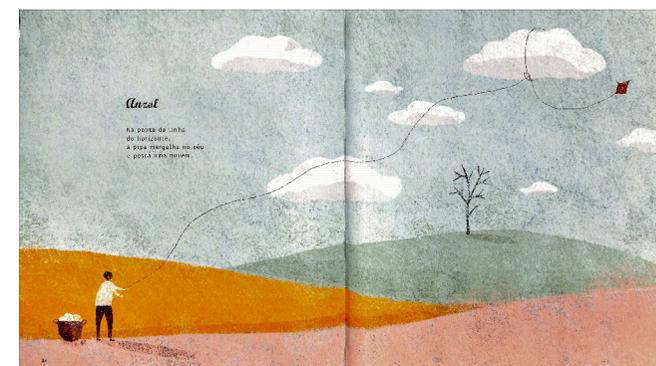


Imagem-chave: páginas 34 e 35

Palavras-chave:

Poesia, brinquedos e brincadeiras, cotidiano, imaginação.

Talvez eu seja um elefante



Escritor:
Jean Claude

Ilustrador:
Jean Claude

Editora:
Melhoramentos

Ano de publicação:
2018

Número de páginas: 48

Resenha:

Perdido dos seus, como saber quem você é? Um coelho, perdido na floresta se pergunta sobre sua identidade, sem poder comprovar as respostas que obtém de outros animais. O lúdico preside os diálogos, figurados em imagens cativantes destes encontros e seus personagens. Conhecer-se desde o nome é uma busca e uma construção. O coelho está a caminho de saber alguma coisa sobre si mesmo... e o que será?

Resenhista: Eliana Yunes

Palavras-chave:
Identidade, alteridade, animais, infância.

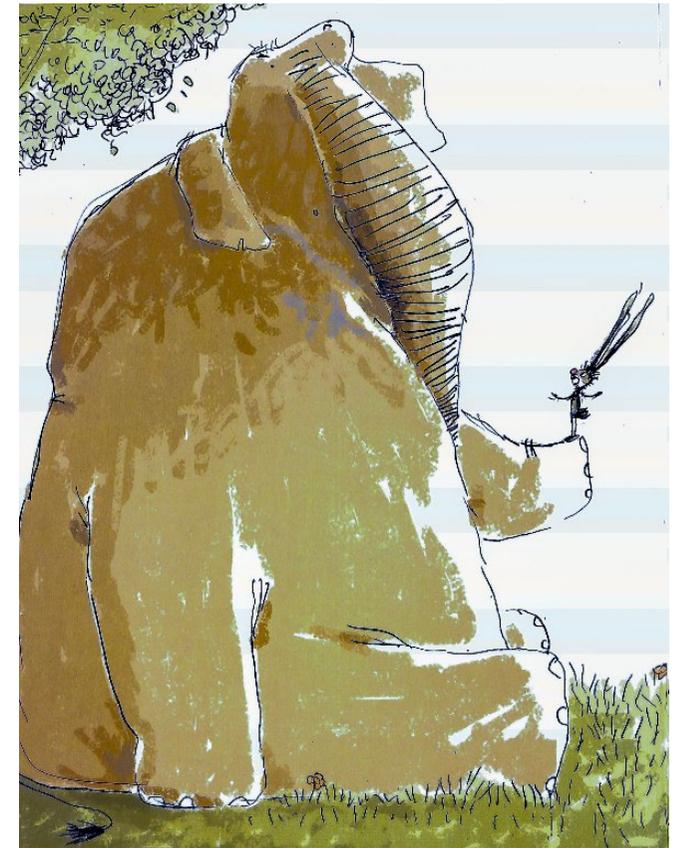


Imagem-chave: páginas 34

Tinha um livro no meio do caminho



Escritora:
Rosana Rios

Ilustradora:
Ana Matsusaki

Editora:
Editora do Brasil

Ano de publicação:
2018

Número de páginas: 78



Imagem-chave: páginas 36 e 37

Resenha:

Movida pela demolição de várias casas em seu bairro e pela visão de um livro jogado em meio a escombros, a autora (personagem) revisita seu passado, criando crônicas extremamente líricas sobre a presença dos livros e da leitura em sua vida. Os textos apresentam a narradora, ainda pequena, aprendendo a ler, descobrindo o primeiro livro, se encantando com as histórias que o mundo conta, até se tornar escritora e replicar a paixão pela leitura em quem, agora, a lê. As ilustrações, desenhos

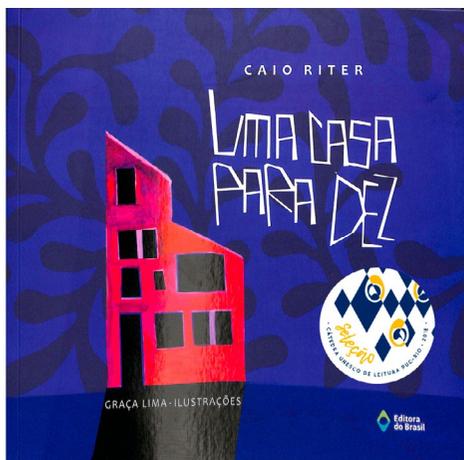
em que há uma superposição de elementos, ampliam os temas narrados em cada crônica e sublinham seu caráter memorialista. O projeto gráfico se adequa a proposta das narrativas, já que cada folha inicial das crônicas aparece em cor vermelha, chamando a paixão para o texto. Citações de textos lembrados ou escritos em outras obras aparecem em azul, como marca da memória que se pode visitar através do que se lê.

Resenhista: Denise Ramalho

Palavras-chave:

Livro, leitura, memória, escritor, paixão, crônica, formação do leitor.

Uma casa para dez



Escritora:
Caio Ritter

Ilustradora:
Graça Lima

Editora:
Editora do Brasil

Ano de publicação:
2018

Número de páginas: 32



Imagem-chave: páginas 18 e 19

Resenha:

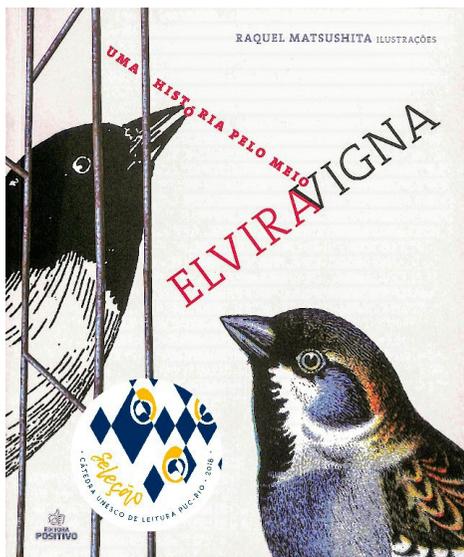
À moda das histórias cumulativas tradicionais, em geral em compasso musicalizado, aqui vem uma nova história, com ritmo e rimas cadenciadas, em que os animais, a cada estrofe, chegam a uma casa que se lota. Então, o remédio será buscar uma solução lúdica para o aperto da situação. Em papel cartão, em técnica mista e cores vivas, a ilustradora enche de humor as cenas que esboçam as chegadas e partidas.

Resenhista: Eliana Yunes

Palavras-chave:

Histórias cumulativas, animais, rimas, humor, casa.

Uma história pelo meio



Escritora:
Elvira Vigna

Ilustradora:
Raquel Matsushita

Editora:
Positivo

Ano de publicação:
2018

Número de páginas: 56

Resenha:

Mais do que uma história, este livro trata dos modos de contar em texto e imagem. Narrativas encaixadas abrem espaço para a reflexão e divagação do leitor. As imagens misturam diferentes técnicas de ilustração e propõem rupturas, tais como o texto escrito, que deixa espaço para a projeção do leitor. Assim, as personagens protagonizam história com tempos e pontos de vista múltiplos, tanto no texto como na imagem, convidando o leitor a pensar sobre liberdade, metamorfoses, natureza e meio ambiente.

Resenhista: Julia Lima L. Carvalho

Palavras-chave:
Passarinho, leitura, ponto de vista, meio ambiente.

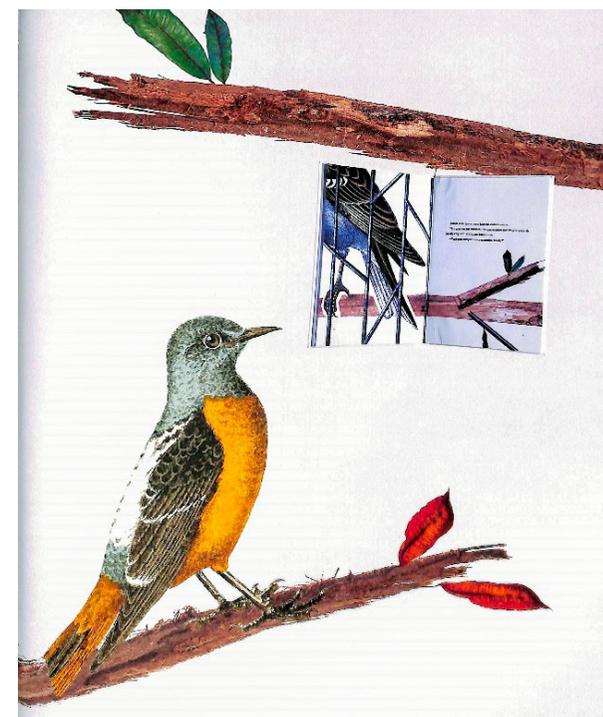
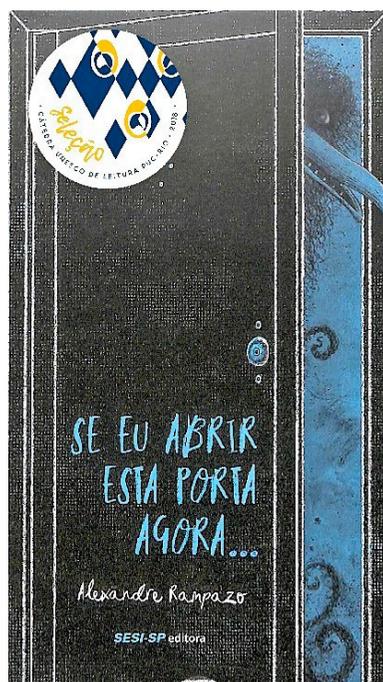


Imagem-chave: páginas 36 e 37



Se eu abrir esta porta agora...

Escritora:
Alexandre Rampazo

Ilustradora:
Alexandre Rampazo

Editora:
SESI-SP

Ano de publicação:
2018

Número de páginas: 56

Resenha:

Uma porta desenhada na capa de um livro é, por si só, uma metáfora capaz de atizar a fantasia do leitor porque, para a imaginação, as capas dos livros sempre se parecem com portas. A obra joga com os dois lados dessa proposição: um perigo iminente pode surgir ao abrirmos a porta. Mas será que essa apreensão não pode se transformar numa boa surpresa? Essas possibilidades são exploradas a cada página, que vai rerepresentar a metáfora pela alternância entre a questão do título e

a imagem da porta, sempre seguidas de um comentário. A porta aberta com uma imagem ilustra as possibilidades dessa expectativa. Em formato sanfonado, o livro traz duas sequências, uma em cada face: a primeira relacionada ao medo e a segunda à alegria em que a impressão em duas cores, azul e preto as simboliza. O projeto gráfico traz ainda um belo *slipcase* com os mesmos elementos visuais do livro.

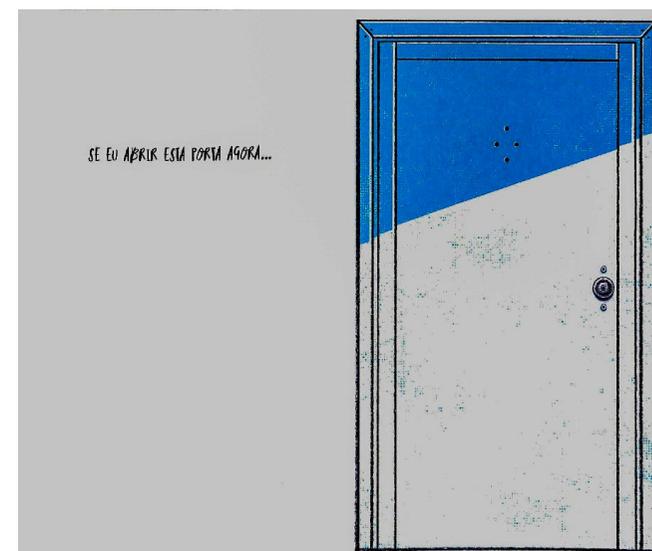


Imagem-chave: páginas 2 e 3

Resenhista: Salmo Dansa

Palavras-chave:
Medo, monstro, surpresa, alegria, porta .

Você faz, eu faço também



Escritora:
Marcelo Jucá

Ilustradora:
Vanessa Prezoto

Editora:
Bambolê

Ano de publicação:
2018

Número de páginas: 40

Resenha:

Um simpático porco-espinho está encantado pela raposa. Ela é a mais legal, repete ele ao longo de todo livro. Ele a elogia, compara as qualidades dela com a de outros animais, segue-a e a copia em tudo que ela faz. Inclusive em um primeiro malfeito. Até que ela faz outra bobagem. Será que ele também vai repeti-la? Os amigos da floresta o alertam sobre essa identificação perigosa. Nesta jornada de autoconhecimento e descoberta de si, a linguagem escrita e visual é delicada, dando

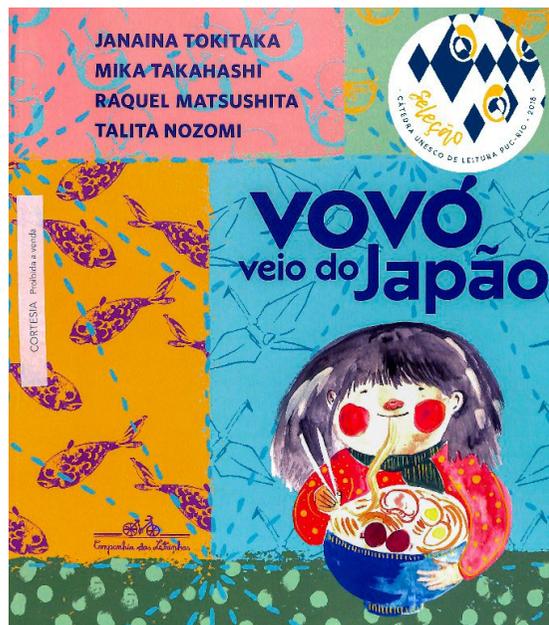
o tom do carinho e do cuidado entre amigos-personagens. A ilustração em lápis de cor alcança uma simplicidade que acompanha uma ingenuidade requintada.

Resenhista: Catharina Epprecht

Palavras-chave:
Fábula, animais, amizade, identidade, autoconhecimento, autoestima.



Imagem-chave: página 15



Vovó veio do Japão

Escritoras:

Janaina Tokitaka, Mika Takahashi, Raquel Matsushita, Talita Nozomi

Ilustradoras:

Janaina Tokitaka, Mika Takahashi, Raquel Matsushita, Talita Nozomi

Editora:

Companhia das Letrinhas

Ano de publicação:

2018

Número de páginas: 80

Resenha:

Nas quatro histórias que compõem o livro, conhecemos um pouco mais sobre a cultura japonesa pelo olhar e paladar de quatro meninas e suas relações com as avós. Cada conto é narrado por uma autora-ilustradora com ascendência japonesa e traz um traço diferente para cada história. Em uma mistura de memória e fantasia infantil, cada uma representa uma estação do ano e é protagonizada por alguma receita regada a afeto e nostalgia.

Resenhista: Julia Lima L. Carvalho

Palavras-chave:

Japão, avó, estações do ano, comida, receita, memória.



Imagem-chave: páginas 42 e 43



PREMIADOS ANO 2018
HORS CONCOURS

As cores do escuro e os meninos de Plutão



Escritor:
Ziraldo

Ilustrador:
Ziraldo e Vitor Moura

Editora:
Melhoramentos

Ano de publicação:
2018

Número de páginas: 40



Imagem chave: páginas 30 e 31

Resenha:

Premonição? Decisão? Este ícone da literatura dita infantil no Brasil abre o livro confessando de saída que vai contar aos leitores “esta última história”. Sua entrada na literatura para crianças – e no caso, para adultos de imaginário poético – foi registrada justamente no simbólico e deslocado *Flicts*, uma cor que não encontra seu lugar até que chegue à Lua, na celebração do primeiro pouso no satélite, em 1969. Agora ele vai ao encontro do último planeta, desqualificado como tal, buscando

dar sequência justamente a *O Menino da Lua*, um desaparecido. Para falar dos meninos de Plutão, no fim escuro do sistema planetário onde ninguém os vê, confirma que “só de perto, de pertinho” é que se descobre que lá se esconde ele, “onde a história se encerra” com um sugestivo recado aos terráqueos: “cuidem bem de seu planeta, eu vou ficar por aqui”. Impossível não fazer associações. As imagens, em cores fortes e composições que cobrem as páginas duplas, são um trabalho

em computação que faz o autor mesmo identificá-lo como “um livro de artes gráficas”, apesar de seu traço inconfundível.

Resenhista: Eliana Yunes

Palavras-chave:

Planetas, imaginário, ludismo, intertextualidade.

The left side of the slide features a dark blue background with a white diagonal line that separates two triangular sections. The top-left triangle is smaller, and the bottom-right triangle is larger, meeting at a point in the middle of the left edge.

Pesquisadores



Aline Frederico é pesquisadora em literatura infantil e mídia para crianças, leitura digital e multimodalidade. Atualmente realiza estágio pós-doutoral no Programa de Literatura e Crítica Literária da PUC-SP, após ter completado em 2018 o doutorado em Educação e Literatura Infantil pela Universidade de Cambridge, no Reino Unido. Tem ainda mestrado em Literatura Infantil pela Universidade da Colúmbia Britânica, Canadá, e graduação em Editoração pela USP. Sua experiência profissional inclui anos trabalhando como editora e designer editorial de materiais impressos e digitais para crianças e jovens. Seus interesses de pesquisa são transdisciplinares, atravessando as áreas de letras e literatura, comunicação e mídia, educação e design.

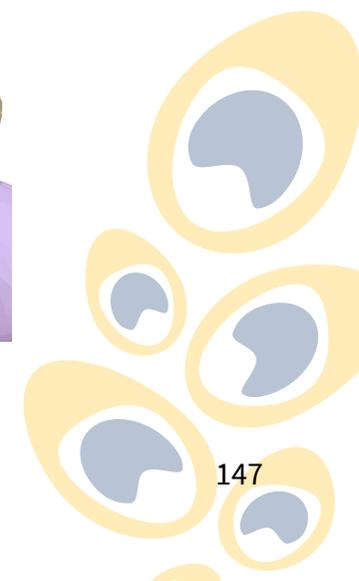
Ana Portella é graduada em Biblioteconomia pela Universidade Santa Úrsula, com pós-graduação em Leitura - Teoria e Práticas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Trabalha, desde 1997, como contadora de histórias e integra o Grupo Mil e Umas... de Contadores de Histórias. A partir de 2008, começou a atuar como integrante do grupo Leitura Em Cena (leitura dramatizada). É autora do livro *Brazilian Folktales* (Libraries Unlimited, 2006).





Augusto Pessôa é contador de histórias, ator, cenógrafo, figurinista, arte educador, dramaturgo e escritor. Bacharel em Artes Cênicas (Habilitação em Interpretação e Habilitação em Cenografia) pela UNI-RIO. Tem ministrado oficinas e cursos de Formação de Leitores e Contadores de Histórias desde 1993.

Benita Prieto é curadora, consultora, produtora e mediadora de projetos de leitura. Estudou Engenharia Eletrônica, Teatro e fez especializações em Literatura Infantil e Juvenil e em Leitura: Teoria e Práticas. Escritora e Contadora de Histórias do Grupo Morandubetá. Criou o Simpósio Internacional de Contadores de Histórias. Leitor-Especialista e votante para os prêmios da FNLIJ – Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil de 1995 a 1998. Desde 2012 pesquisa e ministra cursos sobre promoção de Leitura e Literatura Digital. É Coordenadora da Red Internacional de Cuentacuentos e Presidente da Ações & Conexões - Associação Cultural de Portugal





Catharina Epprecht é mestre em Antropologia Social pelo PPGSA/UFRJ e doutora em Literatura Comparada pela UERJ, estuda literatura brasileira contemporânea, com ênfase na relação ética-afetividade.

Dinair Fonte é graduada em Letras - Português / Literatura pela Universidade Gama Filho, com especialização em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em Filosofia pela Universidade Estácio de Sá (UNESA), em Literatura Infantil e Contação de História na Escola (2015) pelo Centro Universitário de Araraquara (SP) e mestrado em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Integra a equipe de professores da Escola Parque na Zona Sul do Rio de Janeiro há dez anos. Atua na Biblioteca Infantil da unidade Gávea, que atende crianças de um a seis anos. É cantora popular e lírica, tendo estudado canto livre no Villa-Lobos e no Conservatório Brasileiro de Música, ambos no Rio de Janeiro. Também é contadora de histórias, escritora e ministra cursos para professores sobre literatura infantil e juvenil e contação de histórias.





Guto Lins é designer formado pela ESDI e professor do departamento de Artes e Design da PUC-Rio. É sócio de Adriana Lins na Manifesto Design, atuando, principalmente, na área da cultura e do entretenimento. São os responsáveis pela atual identidade visual da obra adulta de Monteiro Lobato, pela Editora Globo. Já teve seu trabalho exposto e premiado em diversas mostras e tem participado como palestrante e expositor de eventos literários nacionais e internacionais. Autor e ilustrador premiado de diversos livros infantis e juvenis, venceu o Prêmio de Fomento à Cultura 2011, oferecido pelo SESC-Rio, na categoria Literatura Jovem. É mestre em Literatura, Cultura e Contemporaneidade (PUC-Rio) e cursa atualmente o programa de doutoramento em Design e Sociedade (PUC-Rio), pesquisando alternativas de mediação de leitura.

Francisco Camêlo é doutorando em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-Rio e pesquisador do Instituto Interdisciplinar de Leitura PUC-Rio (iiLer) e da Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio. É mestre em Literatura, Cultura e Contemporaneidade (PUC-Rio/PUC), com bolsa FAPERJ Nota 10. Investiga estratégias de miniaturização nas artes visuais e na literatura, a partir de Walter Benjamin.





Julia Lima L. Carvalho é mestre em Design, formada e pós-graduada pela PUC-Rio, com pesquisa sobre ilustração e narrativa nos livros infantis. Desde 2009, desenvolve projetos editoriais e de animação para diferentes meios como designer, ilustradora e animadora.

Salmo Dansa é professor e pesquisador com Bacharelado em Comunicação Visual (Faculdade da Cidade, 1991); Complementação Pedagógica em Artes (AVM, 2018); Mestrado e Doutorado em Design (PUC-Rio 2004, 2018). Estágio de Doutorado Sanduíche (Universität Bremen, 2017). Professor substituto no curso Comunicação Visual Design (EBA - UFRJ, 2012 - 2014). Professor de Artes (FAETEC, 2019). Pesquisador Residente na International Youth Library (Munique, 2008); Pesquisador do Grupo GLLIJ (Cátedra UNESCO de Leitura, 2018 - 2019). Tem experiência na área de Artes e Design, com ênfase em Desenho, Design gráfico, Ilustração, Processo criativo e Publicidade.





Lúcia Fidalgo é Professora Assistente da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) na FACC-CBG, no curso de Gestão da Informação. Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É bibliotecária, professora, escritora e contadora de histórias do Grupo Morandubetá. Especialista na área de Leitura. Ministra cursos e palestras na área de Leitura, Bibliotecas, Narração Oral e Literatura Infantil e Juvenil. Recebeu o prêmio de revelação do ano de 1997, com o livro *Menino Bom*, publicado pela editora Dimensão. Membro da equipe criadora do Proler 1992-1996, desenvolveu um trabalho de formação de leitor em todo o Brasil.

Marcela Fernandes de Carvalho é graduada em Design pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), mestre em Literatura, Cultura e Contemporaneidade. É professora colaboradora do projeto *dsg1001* no DAD na PUC-Rio e leciona no curso A.E.I.O.U. Ministra o curso “Do tecer ao texto e vice-versa” pelo *iiLer/CCE* PUC-Rio. É ilustradora e escritora. Como contadora de histórias, foi responsável pela sala de leitura da escola Espaço Educação e integrou a equipe de biblioteca do CEAT, atualmente é responsável pela biblioteca volante da Casa da Mangueira. Foi contemplada com o prêmio da FUNARTE – Interações Estéticas Residências Artísticas em Pontos de Cultura 2010 – desenvolvido no Instituto de artes TEAR. Desenvolve o Clube de Costura_ ateliê de costura com histórias oferecido no CEAT e em outros espaços.





Maria Clara Cavalcanti é psicóloga, especialista em Leitura, Teoria e Prática pela Pontifícia Universidade Católica PUC-Rio e Literatura Infantil e Juvenil pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É integrante do Confabulando Contadores de Histórias, que há 23 anos vem trabalhando com o resgate da tradição oral, pesquisa de contos populares, promoção de leitura, capacitação de professores e formação de contadores de histórias. É autora de livros infantis e juvenis. Vem ministrando oficinas de Contação de Histórias, Formação de Mediadores de Leitura e Culturas Populares em diferentes estados do Brasil.

Nanci Gonçalves da Nóbrega é pós doutora em Letras PUC-Rio, possui doutorado em Ciência da Informação pela UFRJ. Professora Aposentada da Universidade Federal Fluminense. Como coordenadora da Biblioteca do iiLer e do Grupo de Ledores do iiLer, foi responsável pela reorganização e dinamização das bibliotecas da Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio (2008-2019), da Casa da Leitura/PROLER (1992-1996), do Museu Histórico Nacional (1986-1991) e do Colégio Bennett (1980-1986). Foi bibliotecária do Museu Nacional (1976-1979). Áreas de interesse e pesquisa: Biblioterapia, Antropologia da Informação, Arquétipos na Literatura Infantil (especialmente a Bruxa e o Trickster), Escrita Criativa, Memória e Acervos.





Denise do Passo Ramalho é graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1982) , Mestrado em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1997) e Doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2006). Coordenou projeto de leitura que funcionou na ONG Obra de Promoção dos Jovens/ Sociedade Brasileira para Solidariedade. Atualmente é pesquisadora da Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio . Tem experiência na capacitação de professores na área de ensino de Língua Portuguesa, Literatura e Leitura , atuando principalmente com formação do leitor.

Luiza Trindade Oiticica possui graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2011) . Atuou com editoração na José Olympio Editora - Grupo Editorial Record, de 2006 a 2007, com pesquisa em Teoria da Comunicação na UFRJ, de 2007 a 2009, e com assessoria de imprensa junto à Fundação Biblioteca Nacional, de 2009 a 2011. Tem experiência com atividade docente (especialmente no pré-vestibular comunitário - Centro Educacional Anísio Teixeira (CEAT) (2003)). Trabalhou na Cátedra UNESCO de Leitura e no Instituto Interdisciplinar de Leitura da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, participando diretamente da organização de eventos acadêmicos e culturais, da editoração de livros e revistas, e das publicações em mídias digitais. Tem experiência em docência, produção, editoração, pesquisa, jornalismo e assessoria de imprensa.





Eliana Yunes possui graduação em Filosofia e Letras pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira / Santa Dorotéia (1971), mestrado em Linguística/Semiologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1974); e doutorado em Linguística pela Universidade de Málaga (1976), em Literatura Comparada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1986), com pós-doutorado em Leitura pela Universidade de Colônia (1991) e em Formação de Leitores na CNRS, Paris (2006). Foi Professora associada da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1975-2017) e segue professora visitante em diversas universidades públicas brasileiras e do exterior. Tem estudos interdisciplinares nas áreas de artes, educação, políticas públicas, comunicação e teologia e é consultora de instituições públicas e privadas para formação de leitores em perspectiva interdisciplinar. Criou para a Biblioteca Nacional o Programa Nacional de Leitura (Proler), é assessora do Cerlalc/Unesco e, cofundadora da Cátedra Unesco de Leitura PUC-Rio, dirigiu-a entre 2006-2013, quando passou ao Instituto Interdisciplinar de Leitura da PUC-Rio (iiLer) cujo setor de pesquisas e publicações coordena. Presidiu seu Conselho de Desenvolvimento até 2017. Colabora com redes de ensino e pesquisa em educação e cultura e desenvolve programas e projetos de pesquisa em parceria com institutos e centros de referência sobre leitura.



Palavras de Honra

Livro : a troca

*Lygia Bojunga*¹

Pra mim, livro é vida; desde muito pequena os livros me deram casa e comida.

Foi assim: eu brincava de construtora, livro era tijolo; em pé fazia parede; deitado, fazia degrau de escada; inclinado, encostava num outro e fazia telhado.

E quando a casinha ficava pronta eu me espremia lá dentro pra brincar de morar em livro.

De casa em casa eu fui descobrindo o mundo (de tanto olhar prá paredes).

Primeiro, olhando desenhos; depois, decifrando palavras.

Fui crescendo; e derrubei telhados com a cabeça.

Mas fui pegando intimidade com as palavras.

E quanto mais íntimas a gente ficava, menos eu ia me lembrando de consertar o telhado ou de construir novas casas.

Só por causa de uma razão: o livro agora alimentava a minha imaginação.

Todo dia a minha imaginação comia, comia e comia;

e de barriga assim cheia me levava pra morar no mundo inteiro: iglu, cabana, palácio, arranha-céu, era só escolher e pronto, o livro me dava.

Foi assim que, devagarinho, me habituei com essa troca tão gostosa que

- no meu jeito de ver as coisas -

é a troca da própria vida; quanto mais eu buscava no livro, mais ele me dava.

Mas como a gente tem mania de sempre querer mais,

eu cisei de um dia alargar a troca: comecei a fabricar tijolo pra - em algum lugar - uma criança juntar com outros e levantar a casa onde ela vai morar.

¹ Mensagem de Lygia Bojunga para o Dia Internacional do Livro Infantil e Juvenil, de 1984, traduzida e divulgada nos 64 países membros do IBBY.

Resistir pela imaginação

O politicamente correto está rondando a literatura infantil e juvenil. Recentemente, os livros Peppa, de Silvana Rando e Enquanto o sono não vem, de José Mauro Brant foram recolhidos de livrarias e bibliotecas; ambas as obras foram consideradas impróprias para crianças e jovens devido a suas temáticas: o primeiro aborda a relação conflituosa de uma menina negra com o cabelo, ao passo que o segundo é uma releitura em versos do conto clássico “Pele de Asno”, que toca na questão do incesto. A propósito da retirada de circulação deste último, disse à época o Ministro da Educação: “Faremos ação de proteção das crianças, para que elas não tenham acesso a uma literatura inadequada às suas faixas etárias”. A discussão em torno do que seria uma literatura apropriada ou inadequada a crianças e jovens é um dos aspectos que também motivou a querela em torno do preconceito em Caçadas de Pedrinho, de Monteiro Lobato, a reescrita politicamente correta das versões de Chapeuzinho Vermelho em que o Lobo Mau é reconduzido a uma reserva ambiental, a suposta incitação ao suicídio do Menino que espiava para dentro, de Ana Maria Machado, e

a “apologia” ao comunismo dos Meninos sem Pátria, clássico de Luiz Puntel. Esta breve reflexão parte da discussão sobre o politicamente (in)correto para pensar temas transversais à infância e juventude na literatura infantil e juvenil, gênero não só tutelado por adultos, mas também considerado por alguns professores universitários como um “patinho feio” dos estudos literários.

Para refletir sobre infância, juventude e assuntos polêmicos ou “proibidos” na literatura infantil e juvenil, vai-se mapear rapidamente o surgimento da noção de infância de um ponto de visto histórico-social e filosófico para, em seguida, comentar e recomendar algumas obras em que há embates da criança com o real. No que diz respeito à palavra “real”, toma-se ela, aqui, como a dimensão da realidade, dimensão esta que se encontram a morte, a pobreza, a repressão e a violência, temas que não devem ser escamoteados dos leitores, pequenos ou grandes. Assim, ao tratarem de assuntos usualmente subtraídos das crianças e dos jovens, essas narrativas infantis e juvenis não buscam preservar o “mito da in-

fância feliz”¹.

Leia-se, a propósito, um trecho de um texto de Bartolomeu Campos de Queirós, “... das saudades que não tenho”:

Nasci com 57 anos. Meu pai me legou seus 34, vividos com duvidosos amores, desejos escondidos. Minha mãe me destinou seus 23, marcados com traições e perdas. Assim somados o que herdei foi a capacidade de associar o amor ao sofrimento.

Morava numa cidade pequena do interior de Minas, enfeitada de rezas, procissões, novenas e pecados. Cidade com sabor de laranja-serra-d’água, onde minha solidão já pressentida era tomada pelo vigário, professora, padrinho, beata, como exemplo de perfeição. [...]

Em minha infância amei tudo – os rios, as aves, as pedras, as nuvens – sem nunca gostar de ninguém. Mais forte que o desejo de gostar prevalecia o medo de sofrer. E assim sendo que minha infância foi o lugar do desalento. Sentia, sem saber formular, que a dor do parto é também de quem nasce. Meu pai não passeou comigo montado em seus ombros, nem minha mãe cantou cantigas de ninar para me trazer sono. Mesmo nascendo com 57 anos

¹ A expressão “mito da infância feliz” é o título de um livro de Fanny Abramovich.

Francisco Camêlo

estava aos 60 obrigado a ser ainda criança. E ser menino era honrar pai com seus amores ocultos. Gostar da mãe e seus suspiros de desventuras. Amar a Deus sobre todas as coisas, mesmo tendo a mão do vigário passeando sobre minhas pernas.

Declamada nas festas da escola, escrita nos livros de poesias, ensinada nas aulas de religião estava a felicidade das crianças. Falavam de nossos corações inocentes, de nossa alegria divina, e lamentavam que a infância não voltasse jamais. Eu, como criança e mediante a tudo, estava condenado a ser feliz a qualquer preço. E para que me tornasse um adulto ainda mais repleto de felicidade, me negavam, me castigavam, me obrigavam a tomar os adultos como meus filhos. Nesse tempo, eu me equilibrava entre a nostalgia de ter nascido e o medo da morte.

Aí, Bartolomeu não desenha a infância como um despontar da existência, tampouco a criança está à sombra das bananeiras, debaixo dos laranjais, como no poema de Casemiro de Abreu. O que cala profundamente é a dor da infância do menino, relido pelo adulto em dicção melancólica ao ponto de prolongar na escrita a dor do nascimento pela vida inteira, para retomar a expressão de Clarice Lispector em Água Viva.

Em um artigo traduzido recentemente no Brasil (“Cuidado com as polêmicas veladas”), Peter Hunt enumera algumas controvérsias geradas pelos livros para crianças e jovens, dentre as quais a de que qualquer um pode ser especialista em livros infantis e a de que esse tipo de literatura é simples e fácil. Essas duas atitudes estão correlacionadas e ligadas a questões de conteúdo tal como este é percebido pelos adultos que, muitas vezes, se chocam com o conteúdo de algumas histórias infantis que não preservam o mito da “inocência da infância”. Por vezes, o adulto, que fica enrubescido com o conteúdo dos livros infantis, é o mesmo adulto que escreve, seleciona e compra o livro para a criança. Mas o que choca este leitor adulto? O que ou a quem ele tem tenta proteger quando se preocupa com o conteúdo dos livros infantis?

Para Hunt, trata-se de uma tentativa de proteger uma visão adulta da infância: “Muitos adultos têm uma relação desconfortável com as suas próprias infâncias e utilizam os livros infantis como um espaço onde podem criar um mundo ideal, inocente, independentemente da realidade (p.84)”. O pretexto de proteger a infância ignora, escamoteia e exclui a

possibilidade de se discutir a violência, o medo, a morte, o sexo, a diversidade sexual, como se esses assuntos não fizessem parte da vida. Daí a importância de uma biblioteca ter em seu acervo obras que tratem dessas temáticas. Se questões de gênero ou de violência não são discutidas, os papéis estereotipados do que é ser menino ou menina e a aceitação da violência tornam-se a norma. Nesse movimento argumentativo e olhando para a cena contemporânea, pode-se dizer que a não abordagem de assuntos polêmicos na literatura infantil (e no dia a dia) impossibilita uma relação saudável entre crianças e adultos e visa à manutenção de um status quo de base tradicional ou fundamentalista.

O historiador Philippe Ariès, no clássico estudo sobre a história da criança e da família, mostra que a partir do século XVIII criou-se um lugar social para a infância. Anteriormente, não havia uma distinção da infância em relação ao mundo adulto, conseqüentemente não existia uma consciência das particularidades da infância. Assim, desde cedo, logo após o desmame, a criança, um “adulto em miniatura”, era integrada ao mundo dos adultos para

que pudesse superar rapidamente essa fase e se tornar um indivíduo produtivo para a comunidade. A partir da Era Moderna, com a sociedade industrial e a ascensão da ideologia burguesa, promove-se a separação entre o espaço público e a vida privada e, por conseguinte, a separação da infância da idade adulta. Se, na Idade Média, as crianças não possuíam vestimentas que as distinguissem dos adultos – veja-se, por exemplo, a iconografia da sociedade medieval – a partir da segunda metade do século XVIII, criou-se para elas um sistema educacional, cultural e sanitário responsável pelo controle dos corpos e dos espaços destinados à criança e ao adulto, como mostrará Michel Foucault em “Os recursos para o bom adestramento”, de Vigiar e punir.

Já as relações entre infância e filosofia produziram ao longo dos séculos tipos específicos de pensamento, como ensina Jeanne Marie Gagnebin em “Infância e pensamento”. Duas linhas filosóficas, ambas platônicas, percebem a infância de modos distintos. A primeira, via Santo Agostinho, pensa a infância como o signo do pecado original, que marca a espécie humana, e da

disponibilidade do homem para mal. Esse ponto de vista, que não considera a infância como a idade da inocência, atravessa o pensamento cartesiano e ensina que, para retirar a criança da zona de vizinhança com o primitivo, é preciso adestrá-la com regras, ensinamentos e conteúdos, a fim de controlar atitudes selvagens e purificar sua alma. Outra linha filosófica, igualmente platônica, que chega até nós por Montaigne e Rousseau, assegura que uma educação satisfatória não é aquela que domestica as pulsões infantis, mas a que respeita o tempo de cada criança e cria os meios adequados para que ela possa crescer e desenvolver sua inteligência e potencialidades. Essas duas linhagens filosóficas apresentadas rapidamente aqui encaminham a reflexão para o campo da pedagogia, que está no bojo da literatura infantil.

Por nascer no seio da pedagogia, e não da literatura, é que a literatura infantil enfrenta, desde a origem, uma polêmica: a LIJ pertence à literatura ou à pedagogia? Sua função é entreter ou educar? Essa questão é antiga e remonta ao século XVII. Na sua gênese, os contos folclóricos, que serviram de matéria-

prima para a literatura infantil, não eram destinados às crianças, mas aos adultos, que os utilizavam como meio de contestação político-social. Essas narrativas possuíam um teor político e colocavam em discussão a exploração feudal e temas como a morte e a violência. A partir da Era Moderna, com a ascensão dos valores burgueses e o surgimento da noção de infância, essa literatura sofreu adaptações e mudou de função e destinatário. Se, anteriormente, as narrativas folclóricas serviam para refutar o sistema feudal, no século XVIII, essas histórias transformaram-se em contos de fadas, seus temas foram suavizados e passaram a transmitir a visão e os valores burgueses às crianças e aos jovens. Desse modo, a literatura deixa de contestar as relações de poder e passa a assumir a função de educar a criança². Essa breve consideração sobre a mudança de forma e função de alguns textos da literatura infantil nem de longe quer resolver a querela se a LIJ pertence ao campo artístico ou ao campo pedagógico. Interessa menos apaziguá-la e mais perseguir as respostas criativas de autores, ilustradores e editores que brincam com o caráter fronteiro da literatura infantil, criando livros ousados,

Francisco Camêlo

inventivos, polissêmicos, como os de Angela Lago, Roger Mello, Odilon Moraes e Rui de Oliveira. Ao fim e ao cabo, a literatura infantil e juvenil é a que acolhe mais leitores e pontos de vista.

E por falar numa literatura que acolhe leitores, a de Monteiro Lobato é uma casa onde crianças e adultos podem morar. São inúmeras as contribuições de Lobato, autor ainda hoje lido e relido, graças à sua obra dinâmica, constituída por uma série de personagens cujos pontos de vista deslocam a opinião do leitor através de seus posicionamentos diante das histórias narradas e/ou contadas. Nesse sentido, a complexidade do humano está pulverizada nas personagens do Sítio do Picapau Amarelo: Dona Benta, avó de Pedrinho e Narizinho; tia Nastácia, a cozinheira contadora de histórias; o Visconde de Sabugosa, um sabugo de milho muito sábio; e a irreverente Emília, uma ex-boneca de pano. Todos esses personagens lobatianos testam nossos traços, as nossas características diante de assuntos diversos.

Monteiro Lobato evidenciou nos seus livros

assuntos da sociedade brasileira e mundial. Dentre as obras lobatianas que integram o realismo à literatura infantil, destaca-se *A chave do tamanho*, livro publicado em 1942 e que tem como pano de fundo a Segunda Guerra Mundial. Essa obra realista conta a violência para crianças de um modo particular, tendência essa que será acentuada, posteriormente, por escritores que não farão concessões ao falar para o público infantil e juvenil sobre morte, medo, violência sexual e questões de gênero e sexualidade. Lygia Bojunga, Bartolomeu Campos de Queirós, Wander Piroli, Henry Corrêa de Araújo, Ana Maria Machado, Ana Cláudia Ramos, Flávio Carneiro e Georgina Martins são autores pós-lobatianos que escrevem com criatividade e sucesso sobre essas temáticas.

Na esteira das reformulações e transformações da literatura infantil e juvenil na década de 1970, o escritor mineiro Wander Piroli publica, em 1975, o livro *O menino e o pinto do menino*, obra que causou furor à época por possuir um título ambíguo, em alusão à genitália masculina. Conta-se a história de Bumba,

um menino de quatro anos, que recebe um presente inusitado da professora: um pintinho amarelo. A partir de então, vê-se às voltas com problemas familiares para ter o pequeno animal consigo no apartamento em que mora com a mãe, o pai, as irmãs e a empregada. A narrativa se situa no ambiente urbano e traz para a literatura infantil temáticas como a morte, as relações familiares e os conflitos internos da criança:

- Olha, mãe – disse Andrea. – Ele não está piando mais.
- Acho que ele vai morrer – disse Silvana.
Todos olharam em silêncio, o pintinho encolhido dentro da caixa. Debaixo da penugem amarrotada seu coração batia devagar, compassadamente. Suas pálpebras estavam semifechadas.
- Ele vai morrer – Bumba choramingou.
O pai passou a mão no rosto do menino, apertou o rosto do menino, apertou carinhosamente o seu queixo:
- Ele está dormindo. (p. 34)

Em 1995, Lygia Bojunga publica *O abraço*, narrativa sobre um estupro e de seu impacto na vida de Cristina. Neste livro, a violência não é expulsa da infância e se apresenta ao leitor

² Cf. PONDÉ, Gloria. “Literatura infantil e realidade”. *Literatura Infantil II – Cadernos da PUC-RJ*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1981.

Francisco Camêlo

Índice

2016

2017

2018

pela perspectiva do narrador-personagem que sofre a violência:

Foi susto? Foi dor? Fiquei paralisada. Ele me forçou pro chão; montou em mim; desmanchou o nó da gravata cinzenta e deu um puxão nela (vai me matar?); passou a gravata pela minha boca, volteou ela uma vez, deu um nó, mas, quando foi apertar, me olhou, parou, e aí aconteceu uma coisa esquisita: o olho dele riu pra mim (p. 28).

Em 1995, Lygia Bojunga publica *O abraço*, narrativa sobre um estupro e de seu impacto na vida de Cristina. Neste livro, a violência não é expulsa da infância e se apresenta ao leitor pela perspectiva do narrador-personagem que sofre a violência:

- *Vamos brincar de ser?*
- *Vamos! Eu vou ser a princesa!*
- *Eu vou ser a fada!*

Mariana e Lili falaram aos mesmo tempo. Elas adoravam essa brincadeira.

- *Eu vou ser a bruxa! disse Dudu*
- *Mas, Dudu, homens não podem ser bruxas! Você pode ser um mago...*
- Dudu não queria, ele gostava mesmo era de ser a bruxa. (p.4)*

À época da publicação, *O menino que brincava de ser* foi alvo de uma apresentação equivocada e sensacionalista. O livro foi rotulado pela mídia como um “livro gay” para crianças e rapidamente foi retirado da lista de compras escolares, prejudicando a distribuição da obra. Não bastasse este efeito, outro reflexo da divulgação sensacionalista foi a substituição da imagem da capa com a intenção de apagar a o rótulo de “livro gay para crianças”³. O caso de *O menino que brincava de ser* é um caso exemplar do que falamos anteriormente, sobre o controle por que passa o livro infantil antes de chegar às mãos das crianças e a manutenção de papéis estereotipados e de valores estabelecidos e não questionados.

Entre as obras destinadas à leitura dos jovens, destacam-se *A distância das coisas*, de Flávio Carneiro, e *Alice no espelho*, de Laura Bergallo. O primeiro, uma narrativa policial de suspense, enfoca a história do Pedro, que perdeu o pai num acidente de carro quando tinha três anos e, agora, aos quatorze recebe a notícia de que sua mãe morreu. A narrativa

começa com Pedro indo morar com o tio paterno, que não lhe deixou ir ao enterro da mãe nem visitar seu túmulo. Desconfiado de que a mãe está viva, o adolescente, qual um detetive, investiga os segredos que envolvem a suposta morte da mãe.

O segundo livro juvenil, *Alice no espelho*, trata dos padrões estéticos impostos às adolescentes, como é o caso de Alice, personagem principal do livro, uma jovem de 15 anos que não se conforma com a imagem que vê refletida no espelho: ela não se vê magra, mas imensamente gorda: “- A bunda continua enorme! Suspirou Alice, de costas para o espelho, espichando o pescoço para ver melhor o traseiro enfiado num shortinho amarelo. Estou uma monstra horrorosa, como sempre” (p. 16). Para se enquadrar em um determinado padrão físico, Alice se submete a sacrifícios alimentares, que acabam levando à bulimia e anorexia: “Acho que está doente. Já reparou que ela vai sempre ao banheiro logo depois das refeições? E ainda fica um tempão lá dentro, com aquele som ligado aos berros? (p.28)”.

³ Cf. PONDÉ, Gloria. “Literatura infantil e realidade”. *Literatura Infantil II – Cadernos da PUC-RJ*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1981.

Francisco Camêlo

Muitos outros livros poderiam constar desta breve reflexão sobre o embate da literatura infantil e juvenil com o real. Dentre eles, citamos alguns laureados com os selos Cátedra e lidos pelos especialistas do Grupo de Estudos em Literatura Infantil e Juvenil (GELIJ): Olavo, de Odilon Moraes; A casa e o mundo lá fora: cartas de Paulo Freire para Nathercinha, de Nathercia Lacerda; Dois meninos de Kakuma, de Marie Ange Bordas; O passeio, de Pablo Lugones e Alexandre Rampazo; Cachinhos de Prata, de Leo Cunha e Rui de Oliveira; Blimundo, de Celso Sisto; Coração de inverno, coração de verão, de Leticia Sardenberg e Alexandre Rampazo. As questões consideradas “polêmicas”, presentes nesses livros, suscitam um debate sobre nossas experiências de diante do mundo real. O que nós temos a dizer sobre elas? A resposta talvez possa ser a de que a resistência será pela imaginação.



Moral da história? Emoções e ética na literatura infantil hoje

O mundo já não trabalha mais por “moral da história” e, aliás, desde sempre o aprendizado se dá de maneira muito mais efetiva sendo discreto e indireto. Assim, ao tratar aqui a ética, afasta-se moralismos ou pedagogismos; o que se busca é um trabalho em torno dos valores e de alguma sabedoria para um bem-viver, que invariavelmente é um bem-viver comum, partilhado. Mais especificamente, vai se ensaiar um olhar sobre o que tem sido apresentado às nossas crianças no campo literário a contribuir, em pequenos e belos passos, para sua formação emocional e intelectual.

Antes de qualquer “ensinamento”, porém, o que há de mais belo e ético no terreno da infância é a fabulação, sobretudo em um mundo cada vez mais ligado à eficiência e à técnica. Proporcionar mais espaço e recursos para imaginação é a maior potência da literatura. Daí a importância do puro deleite. Uma jornada, uma piada, uma pulga atrás da orelha. O prazer de ler, mesmo para quem ainda não se alfabetizou. Se o exercício da imaginação é passo fundamental para a formação intelectual, também é indispensável para a saúde men-

tal. O deixar-se caminhar e se envolver com personagens e histórias com quem a criança fundam seu pacto é o valor primeiro da literatura infantil. Cabe lembrar da passagem feita nesse período da vida, da intensa imaginação a um acesso mais restrito e controlado ao imaginário.

A escritora portuguesa Maria Gabriela Llansol, que trabalhou em duas escolas em seu longo exílio na Bélgica, apontou com argúcia que “na passagem de animal a homem, quase sempre o animal perde em júbilo o que ganha em linguagem, exatamente como as crianças de sete, oito anos perdem o poder de desenhar como crianças”.¹ É da manutenção e da promoção desse júbilo de que se está aqui a falar. Incentivar acessos menos restritos no diálogo com o mundo. Permitir que esses corações continuem selvagens, e não é por outro motivo que animais têm tanto apelo no universo infantil.

Ainda dentro da fabulação, mas não apenas nela, há outro ângulo, outra quase obrigação ética na citada passagem de momentos da

infância, na qual a literatura pode e deve ser grande companheira. Como o caderno dos versos de Chico Buarque, o livro também pode ser amigo, dar abrigo, ajudar a resolver problemas, não apenas nos anos próximos (anteriores e posteriores ao bê-a-bá), mas mesmo adiante, quando a vida se abre “num feroz carrossel”. A construção desse vínculo enriquecerá a vida mesmo muito além da infância.

E ainda que enorme, essa é uma das importâncias da vida literária. Pois claro que o conteúdo das histórias, aquilo que as crianças apreenderão direta ou indiretamente, como em qualquer outro momento de suas vivências, também é parte fundamental de sua formação. Conteúdo transmitido não apenas pelo fundo, mas também pela forma, num entrelaçamento ético-estético que fortalece as afecções e apreensões.

Ao dedicar um olhar pelo que passou recentemente pela literatura infantil, podemos começar pelo que não cabe nas palavras. O encantamento dos livros de imagens, como

¹ Onde vais, drama-poesia (Lisboa, Relógio d'água, 2000).

Catharina Epprecht

os belos e divertidos *Jornada e Missão*, de Aaron Becker, e *Bocejo e Telefone sem fio*, de Illan Brenman e Renato Moriconi, ou o instigante *A onda*, de Suzy Lee. Ou, entre as histórias há muito contadas, *Chapeuzinho Vermelho*, *João e Maria* e *Os três porquinhos*, de Rosinha, sem esquecer do delicado *A flor do mato*, de Marcelo Pimentel. Nesses livros, não há mediação da palavra. Tudo fica entre a criança e o livro. E esse tudo pode ser enorme, pode ser uma brincadeira sem fim ou uma sucessão de sentimentos, remetendo ou não a pensamentos formais. A narratividade visual pode ter caminhos diferentes dos da escrita e se a palavra soa por apenas um segundo, podendo marcar e ressoar, as imagens estão lá, pelo tempo que se quiser contemplá-las. E como brilham os olhos das crianças diante das ilustrações, lendo/vendo por si mesmas ou em contações de histórias. Se às vezes há curiosidade em saber logo o que virá em seguida, também se pode ficar longamente contemplando uma página, seja ela minimalista ou cheia de detalhes. Estarão os pequenos nesse momento apenas sentindo, estarão buscando algo dentro de si, fora no mundo, estarão silenciosamente divagando?

A relação mais direta entre ilustração e leitor também é construída em *A Caixa de contos*, de Anne Laval, com o aspecto interativo de o leitor ser ainda escritor e poder montar sua história. Essa interação mais direta, como se vê nos livros com abas e texturas, que instigam crianças menores, pode ser mais um encanto, auxiliando na passagem para a narratividade e a literariedade.

Ainda nessa seara, Este livro está te chamando (não ouve?), de Isabel Minhós Martins e Madalena Matoso foi uma interessante novidade, com um contínuo chamamento ao leitor, não apenas verbal e mental, mas mesmo físico, trazendo algo de performático apenas com ilustrações e palavras e para crianças um pouco mais velhas do que o público mais usual dos livros com abas e texturas. Não abra este livro, de Andy Lee, não chega ao performatismo, mas insiste no chamado em forma de uma grande brincadeira, atijando a curiosidade e mesmo certa implicância. E Se eu abrir essa porta agora, de Alexandre Rampazo, é outro que envolve curiosidade e interação, mas com uma estrutura narrativa, com referências e com mensagens mais refinadas do que a pura brincadeira. Uma obra

bem mais completa, no sentido de funcionar em várias frentes, o livro de Rampazo trata da imaginação e da realidade, do alívio e do medo, entre outras situações e sentimentos.

As emoções, aliás, foram um eixo temático a ganhar muita atenção dos autores. E esse é um terreno precioso para se cuidar das questões éticas. Sentimentos apareceram de maneiras diferentes, muitas vezes atrelados a questões de convivência, em histórias sobre amizade ou família, mas também elaboradas de maneira menos relacional e mesmo direta. Algumas obras chegam a ser nada literárias, são quase informativas. Mas há outras como *Hoje me sinto*, de Madalena Moniz, ou o *Monstro das cores*, de Anna Llenas, com interessantes propostas literárias, por exemplo “desembaraçando” sentimentos, como sugere Anna Llenas ao monstro de seu livro. Nessa educação sentimental, *Hoje me sinto* é mais criativo e menos “terapêutico” do que o outro, que recorre mais às palavras. O diálogo entre o verbete e a ilustração se faz mais amplo e fala mais ao corpo, à sensibilidade e aos sentimentos. O grande livro de Anna Llenas talvez seja *Vazio*, de que trataremos um pouco adiante.

Catharina Epprecht

Índice

2016

2017

2018

Todd Parr, com sua coleção politicamente correta de traços agradáveis de inspiração ingênua e cores animadas, não poderia ficar de fora de um O livro dos sentimentos (nem tão recente, aliás, publicado no Brasil em 2011). Mas seu O livro da gratidão vai além. Sem buscar ilustrar um breve “emocionário”, como o primeiro, e sem atrelar explicitamente “virtudes” e afetos, demonstra como a alegria é índice e promotora das chamadas virtudes.

Se a alegria, a amizade, a tolerância, a solidariedade surgem em muitos títulos, outros dão conta de emoções mais sombrias e momentos mais delicados da vida. A perda, a despedida e outras passagens mais doídas estão nas obras mais diversas como *Lina e o balão*, de Komako Sakai e Lucia Hiratsuka (esse delicadamente escrito e ilustrado para crianças bem pequenas), *O passeio*, de Pablo Lugones e Alexandre Rampazo; *Aqui bem perto*, também de Rampazo, *Lino*, de André Neves, *Meu pai, o grande pirata*, de Davide Cali, *O livro do adeus*, de Todd Parr, ou *Dudu e o plástico bolhas*, de Stela Greco Loduca (Esse último na esteira da investigação de objetos não estruturados como nos livros de Patricia Auerbach *O lenço*, *O jornal* e *A garrafa*).

Esses operam uma curiosa inversão ao sugerir usos de elementos de que a imaginação já daria conta, mas também, justamente por essa sugestão, instigando as ideias infantis a buscarem ainda outras formas de brincar.)

A saudade é mais um sentimento presente em algumas das obras que passam pela despedida. Mas ainda há obras como *Lulu e o urso*, de Carolina Moreyra e Odilon Moraes, *10 motivos para você vir logo aqui em casa*, novamente da dupla Lugones-Rampazo, *Antonia*, de Anke de Vries ou *Sr, Tigre solto na selva*, de Peter Brown, em que trabalham as duplas solidão-companhia, saudade-retorno, as duas primeiras obras de maneira mais sutil, a outras duas um pouco mais esquemáticas.

E já que se falou em solidariedade mas, também, em sentimentos menos celebrados, *Ernesto*, de Blandina Franco e José Carlo Lollo, merece destaque. A obra chega a ser violenta, gerando uma cumplicidade com o protagonista solitário e alvo de críticas e de maledicências de todos. “Dizem que o Ernesto é feio”, que “não sabe falar direito”, “que dá medo nas pessoas”... O desconforto no primeiro “Fim.” do livro é forte. E é aí que

Blandina e Lollo dão uma segunda chance às emoções.

Outro incompreendido é *Tom*, de André Neves, não apenas ele, mas seu mundo de silêncio. Nessa obra, porém, bem mais poética, a abertura é outra. Se em *Ernesto*, há apenas chance de reconciliação (a depender da empatia do leitor), em *Tom* a conciliação ocorre e é narrada, mas seus meios são mais misteriosos. Por sinal, toda obra toca pela empatia, daí só funcionar mediante o pacto ficcional. Em *Ernesto*, a empatia passa por sentimentos tristes de exclusão, solidão, incompreensão, injustiça. Enquanto em *Tom* esses sentimentos não estão muito claros mas, por certo, que são alegrias. Alegria em forma de pássaros, música, dança, leveza. Caminhos completamente diferentes para sensibilizar, gerar uma inquietação ética que não se resume a valores decretados ou respostas prontas.

Nesse contexto da investigação de sentimentos no que podem ter de mais importante às pessoas, essa alegria ética, a abertura e a liberdade são temas que voltam

Catharina Epprecht

de diversas maneiras. A beleza das diferenças e a aceitação/valorização de si pontuam muitas obras, por exemplo *O monstro rosa e Em família*, ambos de Olga de Dios, *Você faz, eu faço também*, de Marcelo Jucá e Vanessa Prezoto ou *Se eu fosse um grande gigante*, de Guridi. (Esse último também explora a relação com o mundo dos adultos, outro tema mais insistente nos livros dos últimos anos, muitas vezes com críticas diretas, como mania de fotografar ou não sair do celular).

Ainda nessa linha, questões raciais, étnicas e de gênero emergiram com força, em obras poderosas como *Amoras*, de Emicida, *Que cabelo é esse*, Bela, de Simone Mota, *A cor de Coraline*, de A. Rampazo, entre muitas outras. Uma divertida desconstrução das “coisas de menino” e “coisas de menina” é realizada em *Pode pegar*, de Janaína Tokitaka, com coelhinhos que se emprestam e trocam acessórios e roupas, deixando a vida muito mais animada e prazerosa. A referência ao gênero é clara para os adultos, mas a celebração da experimentação, da flexibilidade e da criatividade vai além. Outras duas obras que merecem destaque ao falar da relação com a diferença são o cômico *Os*

direfentes, de Paula Bossio, e *Manu e Mila*, de André Neves, cuja busca das personagens é explicitamente a alegria, mas por caminhos opostos, o das pequenas e o das grandes coisas.

Também foram dois olhares, e mesmo afetos, em relação à vida – o de quem a sente “sempre como um novo horizonte de descobertas” e o de quem a encara mais como “uma despedida diária do que foi” – que inspiraram Odilon Moraes em seu *Olavo*. Por uma tarde, Olavo se permitiu não olhar para trás e sim respirar leve e alegremente o mistério, a esperança. O lampejo de felicidade contrasta com o tom geral do livro, deixando-o mais precioso.

Como já apontado, tristeza, mau-humor, inveja, raiva foram temáticas caras à produção recente da literatura infantil. E é importante a honestidade com que têm sido encarados esses sentimentos. O manual de boas maneiras deve ficar no passado, para dar lugar a um acesso mais natural e sincero aos afetos e, com eles, às relações entre as pessoas. Dentro da aceitação de emoções menos agradáveis, salta aos olhos o surgimento de um trabalho em cima de certa melancolia. Não mais o estar triste, o

sentimento passageiro, nem necessariamente uma crise, mas algo mais duradouro e mesmo um modo de vida. Além de *Olavo*, transitam ricamente nesse campo *Na beiradinha*, de Agnes de Lestrade e Valéria Docampo, e *Vazio*, de Ana Llenas. As três obras, em tom menor, falam de maneira muito sensível de um caminho menos espontâneo ou imediato à felicidade. Uma alegria mais difícil, ou mesmo a falta dela. Não há dramaticidade nas abordagens, nem em texto, nem ilustrações. Em *Olavo* e *Na beiradinha*, há mais lirismo e quietude, uma pacatez nesse diálogo com o mundo, com suas incógnitas e possibilidades. *Vazio* tem humor nas ilustrações, o que o torna mais leve. Também traz uma resolução mais formulada, o que em *Na beiradinha* fica em aberto, talvez na iminência (O urso azul de olhar vago de Agnes Lestrade está sempre pensando que amanhã fará ou será o que lhe afetou hoje. “Amanhã eu me inverneverei”...) Os três ainda parecem explorar a solidão tão típica da introspecção. Os protagonistas, Olavo, o urso e Julia, aparecem muito sozinhos em seus momentos. Ainda que se saiba de amigos ou vizinhos, eles não se envolvem. Apenas quando começa a descobrir como

Catharina Epprecht

Índice

2016

2017

2018

lidar com seu vazio é que Júlia se aproxima das pessoas de um jeito diferente.

No registro oposto, em tom maior, ainda na citada celebração da abertura, da criatividade, da possibilidade de se perder no mundo e dar voltas, sem se atrelar tão rigorosamente ao início-meio-fim, a pensamentos teleológicos que cerceiam e aprisionam, figuram novas edições de obras de duas grandes autoras de literatura “adulta” brasileira: Clarice Lispector e Elvira Vigna. *A mulher que matou os peixes*, do fim dos anos 1960, foi a última das obras infantis de Clarice a ganhar nova edição, com uma ilustração em colagem bem trabalhada, divertida e cheia de cor. As imagens acompanham o humor do texto e a elegância da autora-narradora, cuja história mata uma meia dúzia de animais, mas também faz viver outros tantos, antes de chegar aos peixes.

Se vida e morte se entrelaçam em Clarice, liberdade e cárcere estão em *Uma história pelo meio*, de Elvira Vigna (lançado pela primeira vez no início dos anos 1980 e agora também com novas ilustrações em colagem, entre outras técnicas). Com a sensação de ter pego o bonde andando, entra-se na

história justamente pelo meio, deixando propositalmente o leitor perdido, ou melhor, tentando se encontrar. Apesar de explicada e até antecipada, uma página “Em branco” também causa estranheza e inquietude. E essa é uma das “morais” dessa história: tudo está pelo meio, não buscar princípios nem fins talvez seja uma forma mais saudável de seguir e, quem sabe, se encontrar. Pouco a pouco, a tal história, que na verdade são histórias uma dentro da outra, encontram-se e o mundo do leitor começa a se harmonizar. Apesar disso, sabe-se que não há um término, não há palavra final. Na obra há sempre um recomeço, ou novo ponto de vista, que pode ser o de uma menina ou de um passarinho, ou ainda um olhar de longe, que deixará três personagens mais parecidos a reticências...

Caminho incontornável para se relacionar com o mundo, os afetos sempre estiveram presentes nas narrativas. O exemplo mais evidente são as “histórias de amor”. Na literatura infantil, os contos de esperteza por vezes amorais, por vezes “justiceiros”, muitas vezes parecem seguir a tradição que separa a inteligência do emocional. A produção recente, porém, parece cada vez mais atenta a uma confluência, a

ponto de tornar as emoções personagens. Mas também de usá-las de maneiras mais refinadas, não descansando na justificativa de uma simplificação para o bom entendimento. O lirismo é um belíssimo caminho, vizinho ao enigma e à abertura do não dito. O humor também é potente e cativante. São muitos os caminhos para se contar uma história.



Affectus ou *adfectus*, em latim, afeto. Estado de alma, sentimento, o que nos move, que mexe interiormente a alma de maneira positiva ou negativa. Conceito filosófico usado por grandes como Baruch Spinoza, cujo projeto, ao se debruçar sobre essa questão, envolve entender os afetos para cada vez mais utilizar-se deles de modo a tornar-se mais potente. Para Spinoza, o afeto é uma mudança ou modificação que acontece simultaneamente na mente e no corpo¹.

A vida está cada vez mais seca, mais fria, e nebulosa. As pessoas não estão diferentes. A contemporaneidade está efetivamente envolta pelo sentido do fugidio, do efêmero, do fragmentário e do contingente, isso traz grandes consequências. O mundo moderno se caracteriza como um turbilhão de contradições, ambiguidades e mudanças pulsantes. A “moderna humanidade” se vê em meio a uma enorme ausência de valores, mas ao mesmo tempo, em meio a uma desconcertante abundância de possibilidades. Os homens nesses tempos vivem misteriosas distorções e abismos sociais e pessoais

internos. Segundo Marshal Berman², o ser humano ousa individualizar-se, o sentido que possui de si mesmo e da história vem a ser um instinto apto a tudo, uma disposição para tudo. Mas a que preço?

O sujeito contemporâneo está sempre em busca de algo que acabe com o sentimento de fragmentação e efemeridade em que se encontra, vive a procura de algo que cesse sua agonia de viver nesse deserto de sofrimentos e desenganos, que se transformou o mundo, vive em busca de compreensão, da aceitação do ser humano idiossincrático que é.

Ser compreendido, ser aceito por alguém envolve um nível de empatia grandioso. Talvez, atualmente mais acalme o coração ser compreendido do que ser amado. Até porque, só é possível amar verdadeiramente o que se conhece. Só conhecendo é possível compreender. E só compreende quem está disposto a amar.

Neste sentido, para compreender e ser compreendido é preciso levar em conta a dimensão fundamental do afeto, é preciso

olhar para dentro, bem fundo, de si mesmo, e se apropriar do próprio espaço de subjetividade, porque só lá é possível saber o que nos afeta.

A literatura é um excelente caminho para ajudar a “espiar para dentro” e ver coisas que muita gente não consegue ver³. Espiar para dentro é o que pode mudar o mundo. Do ponto de vista humano, a literatura ajuda o ser humano a se constituir. Todo tipo de narrativa oferece uma verdadeira viagem para dentro e nos impulsiona a enxergar mais atentamente para fora de nós.

Com efeito, atualmente, é mais do que necessário ter a coragem de refletir sobre o que verdadeiramente nos afeta, o que nos faz plenamente satisfeitos em casa, no trabalho, em qualquer atividade que nos propusermos a realizar. E se esta atividade estiver ligada à literatura infantil a necessidade é ainda maior. Quem trabalha com Literatura neste mundo moderno, progressista, mas fragmentado, de coisas utilitárias, se vê instigado a perguntar de pronto: Para que serve a Literatura? Michèle Petit, no livro *A arte de ler: ou como resistir à adversidade*⁴, nos aponta que atualmente é

¹ SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

² BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar*. São Paulo, Companhia das letras, 1986.

³ MACHADO, Ana Maria. *O menino que espiava pra dentro*. 2. ed. São Paulo: Global, 2008, p.9

⁴ PETIT, Michèle. *A arte de ler: ou como resistir à adversidade*. São Paulo: Ed. 34, 2009.

possível dizer que todo o mundo é um espaço em crise. Crise que efetivamente se estabelece quando “transformações de caráter brutal - mesmo preparadas há tempo -, ou ainda uma violência permanente e generalizada, tornam extensamente inoperantes os modos de regulamentação, sociais e psíquicos, que até então estavam sendo praticados”⁵. É neste mundo real, líquido,⁶ que a literatura se faz necessária, porque ela é um instrumento de modificação.

A literatura como “bem-estar” é tão antiga quanto a crença de que ela pode ser nociva. “Seus poderes reparadores e satisfatórios, em particular, foram notados ao longo dos séculos”⁷. Em momentos de situações extremas, desarranjos internos, crises que afetam simultaneamente um enorme número de pessoas os livros podem servir de auxílio. Uma obra literária, às vezes, nutre a vida literalmente.

O professor Antonio Candido em seu texto O direito à literatura (1995)⁸ antes de adentrar ao tema que lhe foi confiado, direitos humanos e literatura, faz uma reflexão específica sobre direitos humanos e nos ensina que pensar em “direitos” tem um pressuposto: “reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo”⁹, já que a tendência mais profunda do ser humano é achar que seus direitos são mais urgentes que o do outro.

Segundo Candido, é necessário um grande esforço de educação e autoeducação para reconhecermos sinceramente esse postulado. E nessa questão, o ser humano é normalmente vítima de uma curiosa obnubilação, pois afirma uma coisa e faz outra; o próximo tem direito a certos bens fundamentais (casa, comida, educação etc.), mas será que quando o assunto é cultura, pensam mesmo que o outro, mais pobre, teria direito a ler um autor

ou um artista erudito?

O professor se apropria do ponto de vista do sociólogo francês Joseph Lebet, para falar sobre a distinção entre “bens compreensíveis” (cosméticos, enfeites, roupas extras) e “bens incompreensíveis” (casa, roupa, alimento) que, segundo ele, está diretamente ligado ao problema dos direitos humanos, porque “a maneira de conceber a estes depende daquilo que classificamos como bens incompreensíveis, isto é, que não podem ser negados a ninguém”¹⁰.

Cândido nos esclarece que são bens incompreensíveis não apenas os que asseguram a sobrevivência física, mas os que garantem a integridade espiritual. Alimentação, moradia, saúde, liberdade individual, etc., são certamente incompreensíveis, bem como a arte e a literatura. Por que não seriam?

⁵ PETIT, Michèle. A arte de ler: ou como resistir à adversidade. São Paulo: Ed. 34, 2009. p.20-21

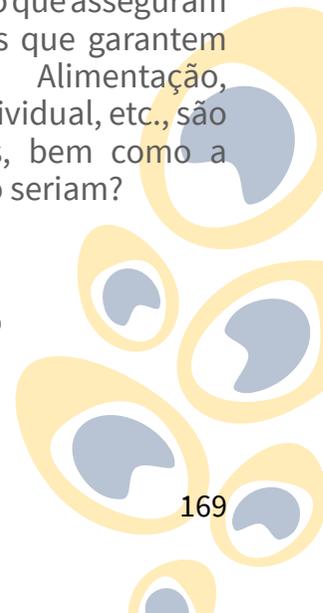
⁶ Zygmunt Bauman propõe o conceito de “modernidade líquida”, no livro de mesmo nome, em substituição ao já batido termo “pós-modernidade”, que, de acordo o filósofo, virou mais um qualificativo ideológico.

⁷ PETIT, Michèle. A arte de ler: ou como resistir à adversidade. São Paulo: Ed. 34, 2009, p.15.

⁸ CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. Vários escritos. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

⁹ Idem, p.235.

¹⁰ Idem, p.240.



O professor chama de literatura

[...] todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.¹¹

Deste modo, a literatura aparece como manifestação universal do ser humano em todos os tempos. “Não há povo e não há homem que possam viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação”.¹²

Para Candido, assim como sonhamos todas as noites, ninguém pode passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabuloso. “Isso parece corresponder a uma necessidade universal que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito”¹³

Nesse sentido, a literatura é “o sonho acordado das civilizações”.¹⁴ Portanto, como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura”.¹⁵ Assim, como atua em grande parte no inconsciente e no subconsciente, de acordo com Cândido, a literatura confirma o homem em sua humanidade. Ela é um fator indispensável de humanização.

Entendo aqui por humanização o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o

semelhante.¹⁶

Desta forma, a literatura seria o instrumento mais poderoso de instrução e educação. As obras literárias, de todos os níveis e tipos, satisfazem as necessidades básicas do ser humano. Por se processar nas camadas do inconsciente e do subconsciente, incorporando-se profundamente como um enriquecimento muito difícil de avaliar, ela enriquece e amplia a nossa visão de mundo.

Segundo Mario Vargas Llosa, enquanto existir, a literatura continuará sendo um denominador comum da experiência humana. Ler uma produção literária de qualidade é ainda aprender o que e como somos.

Nada nos protege melhor da estupidez do preconceito, do racismo, da xenofobia, do sectarismo religioso ou político e do nacionalismo excludente do que esta verdade que sempre surge na grande literatura:

¹¹ CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: Vários escritos. 4ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004, p.242.

¹² Idem, p.242.

¹³ Ibidem, p.242.

¹⁴ Antonio Candido altera um conceito do psicanalista Otto Ranke sobre o mito.

¹⁵ Idem.1995: p.242-243.

¹⁶ Idem, p.249.

*todos são essencialmente iguais. Nada nos ensina melhor do que os bons romances a ver nas diferenças étnicas e culturais a riqueza do legado humano e a estimá-las como manifestação da multifacetada criatividade humana.*¹⁷

Seguindo as palavras de Bartolomeu Campos de Queirós, a literatura existe para criar o desequilíbrio, buscar outro prumo, e não botar pano quente em inquietações mornas, ela propõe, denuncia, confirma, nega, bagunça certezas, fornece a oportunidade de vivermos os problemas dialeticamente; toda obra literária é um questionamento profundo do mundo.

Assim, a literatura não é uma experiência inofensiva, é

[...] uma aventura que pode causar problemas psíquicos e morais, como acontece com a própria vida, da qual é imagem e transfiguração. Isto significa que ela tem

*papel formador de personalidade, mas não segundo as convenções; seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade. Por isso, nas mãos do leitor o livro pode ser fator de perturbação e mesmo de risco. Daí a ambivalência da sociedade em face dele, suscitando por vezes condenações violentas quando ele veicula noções ou oferece sugestões que a visão convencional gostaria de proscrever. No âmbito da instrução escolar o livro chega a gerar conflitos, porque o seu efeito transcende as normas estabelecidas.*¹⁸

Osefeitosbenéficosdaliteraturaàhumanidade ocorrem em primeiro lugar no plano da linguagem. Literatura é linguagem. Na leitura de uma obra literária o leitor passa a viver um mundo onde só há linguagem, mas que deve se sustentar como se sustenta o mundo real. Construir um como se, como quem constrói uma ponte entre duas margens, e ter esse misto de paciência e de irresponsabilidade que as crianças têm quando brincam, para localizá-lo e povoá-lo e habitá-lo até as últimas

consequências.¹⁹

Segundo Llosa, sem literatura escrita uma sociedade se exprime com riqueza de nuances, clareza, correção e profundidade do que a que cultivou os textos literários.

Com efeito, a literatura contribui para o desenvolvimento, formação, e estabilização e desenvolvimento de uma língua, como patrimônio coletivo, mantém o exercício, o frescor da língua, que é o principal fator de criação de identidade, de comunidade. Ela proporciona o aprendizado, de forma lúdica e segura, ao mesmo tempo em que permite o acesso das novas gerações aos valores. Possibilita a diversidade das ideias, a capacidade de reflexão.

Yolanda Reyes transcreve em seu texto O lugar da literatura na educação (2012), típicas definições do que seja “literatura” para se referir a uma crença, segundo ela, ainda muito vigente em práticas e currículos acadêmicos;

¹⁷ VARGAS LHOZA, Mario. A importância da leitura. In: Substantivo Plural. Disponível em: <http://www.substantivoplural.com.br/a-importancia-da-literatura/> Acesso em: 24 abr. 2015.

¹⁸ CANDIDO, Antonio. O direito a literatura. In: Vários Escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 243-244

¹⁹ REYES, Yolanda. Ler e Brincar, tecer e cantar. São Paulo: Pulo do Gato, 2012, p 46-47.

Dinair Fonte

Índice

2016

2017

2018

tudo o que se deve saber de literatura é “muito daquilo que sobra e pouco daquilo que basta; ou seja, definição e rótulos (...) Primeiro a letra morta; depois, quando tivermos aprendido o bastante, e se for o caso, virá o prazer... O problema é que depois pode ser demasiado tarde”²⁰. Para a educadora, a literatura, se ensinada desta forma, não costuma dar outras oportunidades.

O mundo autônomo nascido a partir da leitura de um livro de poemas, conto, ou romance, não termina na última página do livro. Ele permanece vivo, incorporado como vivência. Por isso, é um engano pensar que o caráter humanizante e formador da literatura vem da quantidade de informação que ela propicia ao leitor.

A literatura não transmite nada. Cria. Dá experiência plena ao que, sem ela, ficaria no caos do inominado e, conseqüentemente, não existente para cada um. E, o que é fundamental,

ao mesmo tempo em que cria, aponta para o provisório da criação.²¹

Mesmo não sendo, evidentemente, um remédio para todos os males, a literatura é, sem dúvida, a base para a construção de uma sociedade mais humana e acolhedora, portadora de um clima onde os seres humanos possam ver implantados ideais de paz, respeito, cordialidade e honestidade.²²

No universo infantil, o trabalho com literatura, tendo como recurso a contação de histórias, principalmente na faixa etária de 1 a 6 anos, favorece o desenvolvimento humano da criança em diversos aspectos. As narrativas de ficção possibilitam que as crianças possa ter contato com outras realidades além da sua, vivenciem realidades outras, bem diferentes daquelas onde estão inseridas. Isso faz com que elas projetem seus temores, desejos, adquiram experiências emocionais, maturidade, que as ajudem a ir além dos seus

limites individuais.

Ana Maria Machado²³, no livro *Uma rede de casas encantadas*, ensina que “a linguagem simbólica permite que sigamos várias vidas, com intensidade afetiva”²⁴ e que isto é um ganho enorme para as crianças e para os adultos, além de ser uma excelente oportunidade de adquirir informação e construir conhecimento. Toda criança tem direito a essa experiência e qualquer profissional que trabalhe com literatura tem o dever de colaborar para que isso aconteça.

De acordo com Ana Maria Clark Peres, atualmente, não é mais possível, enxergar a criança como um ser incapaz, uma tabula rasa, para a qual cabe aos adultos selecionar o que sua pouca inteligência é capaz de absorver. A criança da contemporaneidade é aquela que “vivencia obstáculos, rupturas, barreiras, limites, perdas, falta: uma criança desejante e sempre singular. Criança inventiva, apta, portanto, a escolher seus rumos e seus

²⁰ Idem, p. 17-18.

²¹ LAJOLO, Marisa. *O que é literatura*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 43.

²² YUNES, Eliana. *Professor leitor: uma aprendizagem e seus prazeres*. Ilustr. Bruno Palma e Silva. Curitiba: Hum Publicações, 2016. (Coleção Mediações).

²³ MACHADO, Ana Maria. *Uma rede de casas encantadas*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2012.

²⁴ Idem, p.15

próprios textos, sem maiores ‘ajudas’ do adulto”.²⁵

Para Silva²⁶, o termo “criança desejante”, destacado por Peres, designa uma criança-leitora, pronta para buscar, procurar nos livros o seu desejo, para aprender de acordo com suas próprias experiências e escolhas, não menospreza a inteligência e a sensibilidade infantis. Assim, o papel do profissional de educação está no sentido de mediador entre objeto de aprendizagem e criança, de facilitador da experiência do livro e da leitura.

Com efeito, pensar sobre os afetos, sobre as próprias ações e as ações com os outros, refletir sobre o processo de conhecimento e de transferência de conhecimento, para qualquer profissional que trabalhe ou deseja trabalhar com educação, sobretudo com literatura infantil e juvenil, é de suma importância, porque a ausência de desejo no fazer diário

é sua derrota. Sem desejo, sem amor, o profissional se torna apenas um cumpridor de deveres, que valoriza o quadradinho, a medição, o excesso de razão, descartando qualquer afeto positivo que possa irromper. Torna-se incapaz de compreender²⁷.

É preciso prestar muita atenção no tempo da própria emoção, dos sentimentos, das vivências interiores que são deixadas de lado, porque é importante parecer sério, excessivamente racional, senão não passa credibilidade, não valida à instituição que a cada dia que passa deixa de enxergar crianças, enxerga apenas números. Professor de literatura e/ou mediador de leitura transbordando emoção? Não serve, não dá conta. Tem de produzir, produzir, produzir, de forma rápida, de forma cada vez mais racional, mais racionalizada...

Não, ao contrário! Ao contrário!

As crianças não nos deixam esquecer a importância do tempo para respeitar o nosso próprio afeto, o respeito a si mesmo. É a capacidade de afetar e ser afetado que nos torna seres humanos. E elas sabem disso.



²⁵ SILVA, Carla Damas. Revista Literatura em Debate, v. 8, n. 14, p. 86-109, ago. 2014, p.98.

Disponível em: <http://revistas.fw.uri.br/index.php/literaturaemdebate/article/view/1440> Acesso em: 24 abr. 2015.

MACHADO, Ana Maria. Uma rede de casas encantadas. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2012, p.15.

²⁶ Idem.

²⁷ GREGÓRIO FILHO, Francisco. Ler e contar, contar e ler: caderno de histórias. São Paulo: Letra Capital, 2008.

Lúcia Fidalgo

Na beirada da Literatura Infantil

Penso na palavra beirada como algo estreito e pequeno, que fica junto a borda, e tenho a sensação de ver algo que pode logo cair. Lembro do tempo de criança e nas camas juntas dos seis irmãos, onde eu ficava na beirada e era só alguém sonhar com mais pressa que eu rolava da cama durante a noite, e o tombo era certo.

Um rápido olhar sobre a Literatura Infantil e Juvenil nos dias de hoje mostra o quanto essa Literatura é grande, no sentido das novidades, dos conteúdos, do encantamento, e das surpresas. Mas o quanto ainda é frágil quando, em escala de valores, ela é muitas vezes vista como menor, com menos prestígio na sociedade leitora. É como se estivesse na beirada do literário...

Mas essa Literatura, é lida por muitos, crianças, jovens, adultos... sem ser engessada, ela perpassa as idades, e faz sentimentos aflorarem sem preconceito. O que a torna por vezes bem mais interessante. Rimos, choramos, sentimos medo e vontade de ler novamente, ler muitas vezes desejando ter escrito aquelas palavras, ter contado aquela história, do jeito que nossos olhos leram, ou nossos ouvidos ouviram.

O que será que a faz tão mágica assim?

Talvez porque discuta questões atuais com sutileza, trazendo à tona temas que estão diante de nossos olhos e não queremos ver. E quem sabe? - falando com crianças eles possam ser palatáveis. A diversidade cultural, a questão de gênero, os refugiados, a morte e tantos outros temas que, por vezes, deles fogem os adultos, mas que estão aí querendo sempre nos provocar a pensar e agir.

Ao leitor ela permite um olhar crítico e reflexivo, tenha ele a idade que tiver, sua percepção e entendimento vai depender do que ele sente ao ler ou escutar a história que mora dentro do livro.

Lembro bem de um fato ocorrido no Salão do livro para Crianças, da FNLIJ, quando apresentava a Coleção Brasileirinhos, da Editora Paulus, onde tenho 13 títulos. Conversando com alguns leitores no espaço da Biblioteca sobre cada um dos personagens, ia contando a história deles. Portinari, Machado, Drummond, Tarsila...e, de repente, uma menina que parecia nem estar prestando atenção, pois desenhava sem olhar nem um instante para mim, parou por alguns segundos

e perguntou bem alto:

-Porque todos morrem?

Eu sorri...puxei o ar... e quando ia responder, ela, mais rápida que eu, afirmou:

-Porque tudo morre, né! Cachorro, gato, vó, vô...

Fiquei pensando se a morte não tinha visitado aquela menina tão pequena, e talvez naquele momento ela tivesse tendo um reencontro com ela, e quem sabe um entendimento?

Lobato foi o divisor de águas na Literatura Infantil e, quando traz um Sítio de um Picapau Amarelo onde onça vive com cuca, com saci e boneca que fala, mostra ao leitor o quanto é amplo e potente o universo imaginário da criança.

Um peixe, uma menina com o nariz arrebitado que casa com um príncipe cheio de escamas, onde uma aranha tece os vestidos de casamento. Tudo isso é tão mágico quanto consolador. Tanto quanto olhar para o céu e ver as constelações, acreditar que elas são

Lúcia Fidalgo

Índice

2016

2017

2018

estrelas e que, se caírem, trazem com elas desejos. Lobato, neste ano que passou ganhou uma certa independência editorial e tantos vêm relendo Lobato, com maioridade.

Crer na fantasia, é dar uma chance para o possível, mesmo que seja uma hipótese.

Por isso, por permitir que o leitor se sinta preenchido, essa Literatura não deveria ficar na beirada, deve ganhar o lugar de destaque, “ o meio da cama “, nada de tolo, nem tão pouco com lição de moral e didatismo, ou para ensinar o português. Mas um gênero literário de respeito, onde crianças e adultos podem juntos fazer a mesma leitura e conversar sobre ela, e saber o que cada um pensa e sente sobre e ter o tempo da conversa, rico para descobertas...

Ha uma campanha Leia para uma criança... Porque não Ler para minha criança? Essa criança que habita em nós, e que nos faz gritar quando precisamos dizer que o Rei está nu e na falta coragem. Coragem de afirmar que obra literária para crianças e jovens, como para adultos, não tem função didática, e não faz apologia a isso ou aquilo, mas tem o gosto de quero mais, mesmo que doa.

Querer o livro para ser seu, como objeto de desejo, de vontade de viver uma história eterna com ele, como a felicidade clandestina de Clarice. Creio que a Literatura tranquiliza, mas também inquieta para pensar e refletir sobre o que temos dificuldades de falar e de entender

Um livro lido por todas as idades. Seria esse um critério de qualidade em Literatura Infantil e Juvenil? Pode ser, mas há tantos outros. Um critério seria ser o de ser inquietante? Talvez, quando trata de temas que a sociedade tenta esconder enquanto a criança o experimenta, como no livro **Antônio**, de Hugo Monteiro Ferreira, que com sutileza usa outras histórias para encorajar o personagem a revelar o que o aflige.

Não há ingenuidade nesses textos, há seriedade e sutileza.

Mas e as ilustrações? Critério de qualidade e de escolha de um livro, sim. A lembrar a frase de Alice no livro de Lewis Carol: “Para que serve um livro sem figuras, nem diálogos? ”

Cada vez mais as chamadas ilustrações vem mostrando sua importância quando se conta

uma história de qualidade... imagem não é amparo para apoiar o que o texto diz... a imagem pode, sozinha, contar a história.

Além disso há o projeto gráfico do livro, seu formato, o papel, a tipografia, a disposição delas, o acabamento... tudo isso é um conjunto para garantir a acolhida de um livro. Penso que todo livro publicado deveria ter o cuidado e o esmero de quem edita Literatura infantil e juvenil.

Diante dessas questões há outras que devemos discutir.

Vivemos hoje no Brasil, um outro momento em relação a produção de livros infantis e juvenis. As compras governamentais não são mais como antes, algumas editoras importantes fecharam e além disso o número de publicações vem diminuindo assustadoramente.

Porém as Bibliotecas das Escolas Públicas, quando existem, ainda tem em seu acervo preciosidades que foram compradas em programas de governos, algumas escondidas entre as estantes, ou em caixas fechadas esquecidas no canto de uma sala à espera de alguém que venha libertá-las. O PNBE,

Lúcia Fidalgo

um programa de distribuição de livros para bibliotecas, foi interrompido em 2015. Acervos aprisionados que poderiam estar sendo lidos por muitas crianças, jovens e adultos que muitas vezes não são apresentados a eles.

O que será que acontece? Acervos existem... Mas será que existem espaços adequados para recebê-los? Bibliotecas.... Escolares.... inovadoras, atraentes.

Que sentido teriam essas palavras? Espaços inovadores e atraentes com acervos assim, começam a fazer sentido.

Um estudo inédito que avalia o impacto da presença de bibliotecas escolares na aprendizagem dos alunos da educação básica foi lançado pelo Instituto Pró Livro (IPL) em abril de 2019. Segundo o portal do IPL, esse estudo tem por objetivo contribuir com a formulação de políticas e programas voltados à instalação de bibliotecas e de espaços de leitura em todas as escolas. Mas esta é uma aspiração tão antiga quanto a lei que determina bibliotecas em todos os Municípios.

Seria importante nesse estudo avaliar essas questões inovadoras e atraentes não só em

relação aos acervos e aos espaços, mas também em relação aos profissionais envolvidos com esses espaços e esses acervos. Bibliotecários, mediadores de leitura, professores precisam ser também inovadores e atraentes e para isso precisam ser leitores.

Que a Literatura Infantil não fique na beirada da escala de valor diante da sociedade leitora, que também não seja esquecida em caixas fechadas ou em estantes empoeiradas.

Mas que seja descoberta por todas as pessoas e também por Bibliotecários, Professores (não somente os de português), mediadores de leitura que acreditam na possibilidade que a Literatura Infantil e Juvenil tem de despertar no leitor o seu lado fantástico, imaginário e criativo abrindo condições para transformações e entendimento de assuntos complexos, mas que podem ser compreendidos quando narrados por personagens que vivem conflitos e situações parecidas com as nossas.

Esta é a experiência de estar desde os anos 80, com uma pesquisadora que dirigiu a FNLIJ, criou a Casa da Leitura, a Cátedra Unesco de Leitura e nos reuniu no GELIJ, para insistir que esta literatura não é menor; muito ao

contrário, temos lido obras capazes de dar conta do humano em sua plenitude.



Carta a um jovem leitor

Meu querido,

Talvez seja essa a mais difícil e inusitada carta escrita por mim. Certamente não é apenas um relato, mas um olhar amoroso sobre as leituras que te trouxeram até aqui. Ainda estão bem próximos na memória, os livros de imagens que te faziam rir e virar as páginas, ansioso, à procura de teus amados ursos e patos! E já agora, na sabedoria de teus dez anos, vejo despertar em ti aquilo que mais valorizo na trajetória do leitor: o olhar crítico, a percepção da qualidade dos textos, da beleza da escrita, das ilustrações que despertam outras narrativas e surpreendem.

Sei que agora selecionas mais cuidadosamente aquilo que irás ler, mas é assim mesmo. A leitura é paixão, entrega, e principalmente afinidade. Como passar horas com o que não nos interessa? Livros sobre viagens, mistérios e planetas te encantam! E ouço feliz, teus comentários, sempre tão pertinentes, tão claros a respeito das histórias.

Queria que soubesses que ultimamente tenho passado horas incríveis também lendo e comentando, analisando e tentando entender um pouco mais a atual literatura infanto-juvenil. Têm passado por minhas mãos e olhos livros da mais alta qualidade, surpreendentes

mesmo. Em nosso Grupo, o GELIJ, trocamos idéias, avaliando a qualidade dos livros que nos chegam. Fico imaginando quais seriam as tuas observações, o que o teu olhar detalhista me diria, a mim que tantas vezes te apresentei o melhor da literatura infantil. Fico pensando se veria outra vez teu entusiasmo contagiante, tua alegria como no dia em que fomos caçar Saci e prendemos o danado numa garrafinha. Ou quando entramos no Reino das Águas Claras... E quando nos perdemos no Labirinto do Minotauro e comemos, deliciados, os bolinhos de chuva da Tia Nastácia! Nunca mais esquecerei teus pedidos insistentes para voltarmos ao Sítio, porque lá era o lugar da fantasia e da aventura.

Será que hoje, quem escreve para crianças e jovens entende a extensão da magia que um bom texto desencadeia? Será que o amor à leitura poderá surgir a partir desses tantos livros? São perguntas que surgem quando me detenho sobre as obras para avaliação. O que percebo são muitos livros com belas edições, ilustrações primorosas e textos poéticos que refletem as tendências da atualidade. O mundo está em sofrimento, precisando urgentemente de mais amor, cuidado e respeito. As questões ficam martelando em nossas mentes, e tenho a certeza, meu querido, que na tua também. Em tempos sombrios precisamos embelezar

as coisas simples à nossa volta. E a literatura, refletindo as idéias de uma época, é importante instrumento de conscientização. São tantos os desafios propostos, tantas as idéias que surgem a cada obra que por vezes se torna uma tarefa difícil juntar informações e os vãos livres da imaginação. Precisaria do teu olhar, das tuas descobertas, das tuas idéias sobre diferentes sentimentos, memória, tolerância e tantos outros cuidados. Precisaria da tua voz para falar por mim.

Sei que não gostas que te chame de criança, mas é desse olhar de criança que preciso. Ele me servirá de guia e não deixará que eu esqueça jamais quem é o destinatário primeiro dessas obras. E antes de terminar queria te dizer mais uma vez que nunca haverá riqueza maior do que aquela que mora no teu interior. Cuide, respeite, ame! Descubra como tudo isso pode ser transformador! Assim será mais fácil entender a vida e o mundo. Não permita nunca que te subestimem, desvalorizem ou diminuam. Criança é a nossa maior história!

Com o amor e a cumplicidade de sempre,

Ana Portella

Maria Clara Cavalcanti

Dizem os ashanti, um povo que habita o país de Gana no continente africano, que houve um tempo que não havia histórias para se contar, pois todas pertenciam a Nyame, o deus do céu. Então Kuaku Ananse, que sabia bem a importância das histórias para a formação do homem e um melhor entendimento do mundo, subiu ao céu e comprou as histórias que o deus mantinha trancadas dentro de um baú. Daí, que quando ele voltou à terra e abriu o baú, as histórias se espalharam pelos quatro cantos do mundo.

E foi assim que, tal e qual o fio de Ariadne que conduziu Teseu através do labirinto, evitando que ele fosse devorado pelo Minotauro, algumas histórias caminham até hoje mundo afora sem que o tempo as devore.

Atravessam oceanos, ultrapassam fronteiras, derrubam muralhas impostas por línguas e culturas e, atraídas sabe-se lá por qual chamado, escapam da boca do tempo e vão se adaptando a novas terras e costumes procurando vozes que não as deixarão morrer.

Mas, por que essas histórias se tornam eternas enquanto outras caem no esquecimento? Por que atravessam os séculos sempre

encontrando quem as escutem e as queiram contar?

Essas “histórias sobreviventes”, e nelas estão incluídas os contos de fada, os mitos, as fábulas e lendas, se eternizam, principalmente, por lidarem, de forma bastante direta, com sentimentos que procuramos ocultar nas cavernas mais profundas de nosso inconsciente. Falam de medos os mais diversos, de paixão, ódio, inveja, ciúme, amor, cobiça, avareza, orgulho, bondade, amor, justiça...e...o que é ainda melhor, não aconselham, nem impõem caminhos, apenas indicam possibilidades, para encontrarmos nossas próprias soluções.

Por isso mesmo, ao contá-las, todo o cuidado é pouco! Tentar modificá-las a ponto de tirar delas sua riqueza, aquilo que as faz tão necessárias ao nosso coração é, no mínimo, um desrespeito a essas “velhas senhoras” que já foram suficientemente lapidadas através dos séculos.

Foi no final do século XV que surgiu o livro Pentameron, que é considerado o primeiro registro escrito das histórias de fada no ocidente. Compiladas por Giambattista

Basile tal e qual eram narradas pelos camponeses napolitanos, sem qualquer filtro ou preocupação em adocicá-las, o livro é considerado, atualmente, um documento histórico, que nos fala da mentalidade, dos usos, dos medos, dos desejos de nossos ancestrais medievais.

Nele encontramos, por exemplo, uma Cinderela que mata a primeira madrasta, uma Bela Adormecida que engravida de seu príncipe, dormindo, e pais e mães capazes das maiores atrocidades, mas também encontramos contos em que o amor faz acontecer milagres, o bem é recompensado e os fracos vencem os fortes.

Dessa fonte beberam, e ainda bebem, os principais compiladores e autores do mundo Ocidental. Nos contos de Perrault, dos Grimm e de Hans Christian Andersen podemos reconhecer as marcas de Basile, porém, à medida que o conceito de “infância” foi sendo modificado, as histórias foram sendo lapidadas para se tornarem mais adequadas aos ouvidos infantis.

Mães más foram substituídas por madrastas,

Maria Clara Cavalcanti

Índice

2016

2017

2018

fadas perversas por bruxas, e episódios considerados inapropriados para crianças substituídos ou simplesmente omitidos. Porém, apesar desses cuidados, as histórias mantiveram sua estrutura e conseguiram transmitir suas mensagens. Já foram, penso eu, suficientemente polidas e precisam ser respeitadas.

Movimentos recentes vêm tentando retirar dos contos, acalantos e cantigas de roda tudo que os ouvidos adultos consideram ofensivos ou inadequados aos ouvidos infantis.

Cantigas de roda tradicionais, que vêm sendo cantadas há séculos em brincadeiras que incentivam a importância da roda, da mão na mão, do cantar junto, por exemplo, recebem rótulos, por vezes, hilariantes. “O cravo brigou com a rosa” passa a ser uma ode à violência doméstica, “Atirei o pau no gato” incentivo ao maltrato de animais, e até o alegre “Pai Francisco” rotulado de malandro por tocar violão e requebrar.

Acalantos como “Boi da cara preta” e “Tutu Marambá” são abolidos do repertório infantil por passarem mensagens aterrorizantes, esquecendo-se que o que facilita o sono da

criança é a proximidade com quem a embala e o ritmo da melodia, que tem a cadência da batida do coração.

Entre todos esses movimentos os mais censurados e criticados são os contos de fada acusados de serem machistas e levarem as meninas a passarem a vida à espera de um príncipe encantado.

No entanto, para mim, os contos de fada representam um dos primeiros movimentos feministas literários. Porquê? Porque nenhuma princesa ficou passiva esperando seu príncipe. Todas, sem exceção, desobedeceram, pediram ajuda e conseguiram reverter a terrível situação em que se encontravam tomando as rédeas de suas vidas em suas mãos. O que seria, por exemplo, se Cinderela não desobedecesse à madrasta pedindo ajuda para ir ao baile proibido, ou se Rapunzel não desobedecesse à bruxa e não jogasse sua longa trança pela janela para encontrar seu príncipe?

Por isso eu peço, é preciso perder o medo dos contos. Suavizar as histórias omitindo delas episódios que consideramos inadequados aos ouvidos infantis (nem de longe tão inocentes como idealizamos), modificando finais que

achamos por demais violentos e evitando falar de sentimentos que julgamos menos nobres, é tirar delas o poder de acalmar nossos corações e passar a mensagem, tão preciosa, de que, em situações acima de nossas forças é necessário pedir ajuda.

Ouvi-las acalma nossas angústias, pois o mal acaba, quase sempre, derrotado pelo bem. Forças as mais terríveis são vencidas, intrigas as mais bem urdidas são desmascaradas, e os finais, mesmo os mais cruéis (madrastas morrem em barris cheios de prego, irmãs malvadas passam o resto da vida a cuspir sapos, bruxas são cozinhadas até a morte dentro de caldeirões ferventes), se distanciam de tal forma do real, que passam para o nível do “era uma vez...”.

Não é à toa que essas histórias se tornaram objeto de estudo dos mais diferentes ramos das ciências humanas: psicanálise, psicologia, sociologia, história, educação, antropologia, estudos sociais e tantos outros, pois como diz o historiador americano Robert Darnton, as histórias populares são “crônicas do homem comum”. Verdadeiros documentos históricos, elas nos contam de forma bem mais livre e realista, a história dos povos.

Maria Clara Cavalcanti

Nelas, encontramos pistas para conhecermos os desejos, os medos, as necessidades, os costumes, enfim, o dia a dia da época e da cultura que as conta, pois, ao longo dos séculos, elas vão se renovando e ganhando as cores do ambiente em que são narradas.

O mitólogo Joseph Campbell escreveu em seu livro *Herói de mil faces*: “A história muda como um camaleão, adota as cores do ambiente, vive e adapta-se às necessidades dos momentos”. Isso nos leva à reflexão.

Se as histórias se adaptam aos tempos justamente para que, com uma linguagem simbólica e metafórica envolta na aura do “Era uma vez, num lugar muito distante daqui...” alertem sobre as mudanças de costumes e as novas armadilhas da vida contemporânea, como surge um movimento de retirarmos

delas toda e qualquer menção às armadilhas da vida quando justamente o modo com que os personagens as enfrentam facilita nossa entrada na vida adulta?

Na literatura infantil e juvenil contemporânea, felizmente temos autores que conseguem lidar com os temas mais delicados com respeito e clareza. No GELIJ - grupo de estudo de literatura infantil e juvenil do qual faço parte - vemos, muitas vezes, esses heróis que não se rendem, que resistem a pressões externas e campanhas que desconhecem o valor e desrespeitam a antiguidade dessas histórias, e se inspiram nelas para continuarem a oferecer às crianças e jovens uma leitura de qualidade que alivia suas angústias e facilita o entendimento do mundo.

Livros que valorizam a tolerância e a autoaceitação como “Emilio ou quando se nasce com um vulcão ao lado”¹, que trata com respeito ao sentimento desconhecido, ou enfatizando a necessidade de se pedir ajuda diante do assédio, como “Antonio”², ou ainda que nos fala da morte, como “O Pato, a morte e a Tulipa”³, ou que conversam sobre a situação dos exilados como em “Para onde vamos”⁴, que lembram os horrores da guerra como em “Uma vez”⁵, do mal de Alzheimer com a delicadeza de “Cachinhos de Prata”⁶, da separação dos pais com a poesia de “Duas casas”⁷, de deficiência visual com a sutileza de “A luz dos meus olhos”⁸, com leveza sobre diferentes tipos de família de “Uma família é uma família é uma família”⁹ e tantos outros que falam de bullying, solidão, adoção, enfim, que lidam com toda sorte de assuntos e situações que nos afligem e dão aos leitores

¹ FERREIRA, Hugo Monteiro; BELTRÃO, André. Emilio, ou quando se nasce com um vulcão ao lado. Rio de Janeiro, Escrita Fina. 2013.

² FERREIRA, Hugo Monteiro; CARROSINE, Camila. Antonio Rio de Janeiro: Escrita Fina. 2012.

³ ERLBRUCH, Wolf; O pato, a morte e a tulipa. São Paulo: Cosac Naify

⁴ BUITRAGO, Jairo; YOCKTENG, Rafael. Para onde vamos. São Paulo: Pulo do Gato, 2016.

⁵ GLEITZMAN, Morris. Era um vez. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

⁶ CUNHA, Leo. OLIVEIRA, Rui. Cachinhos de prata. Rio de Janeiro: Paulinas. 2017

⁷ MURRAY, Roseane. VIGNA, Elvira. Duas casas. Belo Horizonte: Abacatte Editorial. 2017.

⁸ SISTO, Celso. Luz dos meus olhos. Riode Janeiro: Martins Fontes. 2018.

⁹ O’LEARY; LENG, Qin. Uma família é uma família é uma família. São Paulo: Brinque-Book, 2017.

Maria Clara Cavalcanti

Índice

2016

2017

2018

a oportunidade de serem alertados, como dizia Vinicius de Moraes, sobre “as tristezas e delícias desta vida” .

Mais do que nunca o mundo precisa dessas histórias, mais do que nunca precisamos ouvi-las para nos reconhecermos e sabermos lidar com nossos desejos e angústias. Mais do que nunca precisamos de autores que as escrevam e editores que as deixem correr mundo.

Por isso essa carta, por isso, esse apelo para que continuem a respeitar essas histórias que, tal e qual suas antecessoras, têm a sensibilidade de abordar assuntos polêmicos com respeito e sinceridade.



Aline Frederico

A literatura infantil digital no contexto dos Selos da Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio

Começando a conversa

Durante os três primeiros anos do Selo da Cátedra Unesco de Leitura PUC-Rio (2016-2018), foram avaliadas e resenhadas centenas de obras de literatura infantil e juvenil pelo Grupo de Estudos em Literatura Infantil e Juvenil (GELIJ) do Instituto Interdisciplinar de Leitura da PUC-Rio e um detalhe chama a atenção: o prêmio recebeu apenas quatro submissões de obras de literatura digital, sendo uma dessas obras premiada com o Selo Distinção – Prêmio Cátedra 10: o aplicativo *Frritt-Fracc*¹, um conto pouco conhecido no Brasil do escritor Jules Verne, publicado pela startup editorial brasileira Storymax. A ausência da literatura infantil digital dentro do contexto do prêmio parece refletir um fenômeno mais geral da produção literária nacional, que é a pouca produção e o pouco impacto da literatura digital para crianças. Esse panorama, no entanto, contrasta com a realidade ao nosso redor, em que vemos crianças cercadas pela tecnologia digital

móvel, usando *tablets* e *smatphones* nos mais diversos contextos. A conclusão só pode ser uma: quando estão imersos na tecnologia digital, muito provavelmente as crianças e os jovens estão distantes da literatura. Mas não precisa ser assim. A literatura digital pode ser uma ponte entre o universo da cultura digital e o universo literário, resultando num formato original e novo de contar histórias, que faz uso das possibilidades multimídia e interativas desses dispositivos. Fazendo um paralelo com outro gênero literário estabelecido da literatura infantil, o do livro ilustrado, assim como a integração sinérgica entre texto, imagem e design no livro ilustrado² permitiu o desenvolvimento de uma nova maneira de contar histórias, hoje vemos na literatura digital um potencial enorme para o desenvolvimento de uma literatura que faça uso da palavra, da imagem, do som e da interatividade com objetivos poéticos³.



¹ VERNE, J. *Frritt-Fracc* (aplicativo móvel). Versão 1.2. Storymax, 2016. Disponível para sistemas iOS e Android.

² NIKOLAJEVA, M.; SCOTT, C. *Livro Ilustrado: palavras e imagens*. São Paulo, Brazil: Cosac Naify, 2011.

³ GOMES, C. A. N.; CRUZ, D. M.; TEIXEIRA, D. J. *Book app infantil: Nova forma de contar histórias em ambiente digital*. *Temática*, v. XI, n. 3, p. 73-88, 2015.

Qual o potencial da literatura infantil e juvenil digital?

As quatro obras de literatura digital inscritas entre 2016 e 2018 aos Selos da Cátedra foram: Fritt-Fracc (2016), do francês Jules Verne e O Rei do Rio de Ouro (2017)⁴, do inglês John Rusking, pela editora Storymax; Quanto Bumbum (2016)⁵, de Isabel Malzoni e Cecília Esteves, e Marina está do Contra (2017)⁶, da sueca Gunilla Wolde, pela Caixote Editora.

As duas editoras são as mais representativas do cenário brasileiro de literatura infantil digital, tendo publicado diversos aplicativos e sobrevivido ao longo dos anos enquanto grande parte dos editores publicaram apenas uma obra e/ou saíram de circulação. Alguns exemplos são a Editora E-stilingle, que publicou *Dragoberto*⁷, de Alfredo Stahl, a Editora Manati, que publicou aplicativos com

versões de obras de contos de fadas contadas e ilustradas por Mariana Massarani, como *Chapeuzinho Vermelho*⁸ e *Os três Porquinhos*⁹, entre outros aplicativos, ou até mesmo grandes editoras como a Melhoramentos, que publicou *Flicts*¹⁰, de Zivaldo, em versão de aplicativo. Todas essas obras desapareceram das lojas de aplicativos ao longo dos anos.

Apesar desse aparente fracasso comercial, a literatura infantil digital tem um potencial grande ainda inexplorado. Assim, a análise das obras submetidas ao selo da cátedra nos permite ter uma visão geral de algumas das possibilidades dessa literatura.

Iniciando com os aplicativos da Caixote Editora, temos duas obras voltadas à primeira infância. Em *Quanto Bumbum!*, um esquilo filhoteno conta sobre um novo acontecimento na floresta. Os animais se juntam na entrada

da toca dos coelhos para bisbilhotar, mas o pequeno esquilo só consegue ver os bumbuns dos animais reunidos na entrada da toca e seus rebolados, até que finalmente é revelada a surpresa: nasceu o bebê coelhinho. As possibilidades da mídia digital nessa obra se revelam especialmente no uso da narração e da animação. A história é contada em voz alta, por um ator mirim, cuja voz e entonação complementam a caracterização do pequeno esquilo narrador, que só é visto na primeira cena. A partir de então, o leitor é chamado a assumir o ponto de vista do narrador, que é limitado pelos bumbuns dos outros animais da floresta. A cada cena, o narrador introduz um personagem que chega à toca, e a chegada desse personagem é representada pelas ilustrações animadas enquanto o esquilinho fala. Quando a fala termina, também termina a animação, e então o leitor é convidado a explorar a cena por meio da interação. Ao tocar

⁴ RUSKIN, J. O Rei do Rio de Ouro (aplicativo móvel). Versão 1.1. Storymax, 2017. Disponível para sistemas iOS e Android.

⁵ MALZONI, I; ESTEVES, C. Quanto Bumbum! (aplicativo móvel). Versão 1.4.1. Caixote Editora, 2016. Disponível para sistemas iOS e Android.

⁶ WOLDE, G. Marina Está do Contra (aplicativo móvel). Versão 1.1.5. Caixote Editora, 2017. Disponível para sistemas iOS e Android.

⁷ STAHL, A. Dragoberto (aplicativo móvel). E-stilingle, 2013. Não mais disponível em lojas virtuais.

⁸ MASSARANI, Mariana. Chapeuzinho vermelho (aplicativo móvel). Manati, 2011a. Não mais disponível em lojas virtuais.

⁹ MASSARANI, Mariana. Os três porquinhos (aplicativo móvel). Manati, 2011b. Não mais disponível em lojas virtuais.

¹⁰ ZIVALDO. Flicts (aplicativo móvel). Melhoramentos; Engenhoca Filmes, 2015. Não mais disponível em lojas virtuais.

Aline Frederico

os animais, esse se movem e emitem sons. A história é ainda complementada com um vídeo musical que fala da chegada dos animais e de seus rebolados. Aqui, o movimento das animações é ainda mais significativo, pois os rebolados graciosos dos animais não poderiam ser representados dessa maneira num livro impresso e a composição musical agrega valor à obra literária, sendo uma música cativante. A presença de duas facetas dessa história, como livro digital e clipe musical no mesmo aplicativo, ajudam a contrastar as diferenças entre essas duas formas artísticas, ambas consideradas dentro do repertório da literatura infantil. A leitura digital apresenta um passo mais lento, em que o leitor está em controle e pode explorar cada cena ao seu próprio paço, enquanto no vídeo, a música e a animação levam o leitor a um paço pré-delimitado, porém esse ritmo marcado por som e imagem dão um dinamismo instigante e encantador à obra.

Já *Marina Está do Contra* é a adaptação de um livro ilustrado da autora e ilustradora sueca Gunilla Wolde. A obra é um grande clássico da literatura infantil na Suécia e não havia sido publicado no Brasil. O livro mostra o dia-a-dia de Marina, mostrando como ela se

veste, come, etc., mas também como gosta de brincar e subverter a ordem das coisas quando está “do contra”. Um dia Marina quer colocar a blusa pelas pernas, noutro quer tomar o chocolate quente num prato e de colher. As ilustrações minimalistas dessa obra ganham vida com as animações. A narração e trilha sonora são da cantora Tiê, mas o leitor tem a opção de ler o texto ele mesmo (ou escutar a leitura de um adulto co-leitor) ou ainda de realizar a “leitura especial”, em que pode gravar a sua própria leitura da história. Mas a grande chave dessa obra é que, para virar a página, o leitor é convidado a virar o *tablet* ou celular de cabeça para baixo. Assim, enquanto num dia a Marina quer colocar a calça pelas pernas, o leitor vira a Marina de ponta-cabeça e vê o que acontece quando a Marina está “do contra” e quer vestir as calças pela cabeça. Assim como o ato de virar a página ganha significado em certas obras do livro ilustrado, essa maneira inovadora de mover a história adiante apresenta significado no contexto da história de Marina. O leitor tem o poder de, literalmente, virar a personagem de cabeça para baixo, e assim, “transformar” seu humor, deixando a Marina “do contra.” O valor lúdico presente na atitude de Marina, que se deleita ao fazer as coisas ao contrário, é refletido nas

ações do leitor pela maneira ativa e divertida de ler e mover a história adiante.

Essas duas obras da Editora Caixote têm em comum o uso significativo da mídia digital, seja pela possibilidade de animação e uso da narração em voz alta, ou pela possibilidade de incorporar a gestualidade da interação de maneira lúdica. Essas possibilidades têm grande potencial de engajar o pequeno leitor, que em geral tem grande interesse por imagens em movimento, grande prazer em ouvir histórias lidas em voz alta, e em tocar e manipular o “livro” no momento da leitura.

Já as duas obras publicadas pela *Storymax* se tratam de adaptações de contos de autores clássicos ao público juvenil, novamente fazendo uso das possibilidades multimídia do meio digital. Tanto *O Rei do Rio de Ouro* como *Fritt-Fracc* fazem parte de uma coleção *Novozymes Nova Perspectiva*, que publica textos literários que promovam a reflexão acerca dos 17 objetivos de desenvolvimento sustentável apontados pela ONU. Num momento de crescente publicação de textos informativos, que muitas vezes fazem mal uso do literário com o fim de transmitir

Aline Frederico

Índice

2016

2017

2018

conhecimentos específicos ao jovem leitor, essa coleção mostra que as questões mais relevantes da atualidade já estão refletidas em grandes clássicos da literatura, sem uma necessidade de didatização da linguagem literária. Ao contrário das obras descritas anteriormente, em que o texto verbal é breve, como é tradicional no gênero do livro ilustrado, esses aplicativos apresentam o texto completo desses contos clássicos que se estende por diversas “páginas”. Trata-se, portanto, de uma experiência de leitura mais extensa, e não é apresentada uma leitura em voz alta. As possibilidades da linguagem digital são exploradas por meio das ilustrações, que ganham vida com a interação do leitor, e dos efeitos e trilhas sonoras.

O Rei do Rio de Ouro conta a história de três irmãos: Hans, Schwartz e o caçula Gluck. A avareza e a maldade dos irmãos mais velhos resultam em retaliações das forças da natureza, personificadas pelo Vento Sudoeste, que alaga o vale onde os irmãos vivem e pelo Rei do Rio de Ouro, que propõe uma tarefa que poderia enriquecer quem conseguisse realizá-la, mas que requer implicitamente compaixão e bondade para ser completada. Assim, Gluck termina por ser o único bem-sucedido. Nessa

obra, se destaca o uso da navegação. Enquanto no primeiro capítulo a navegação é horizontal, simulando o movimento do passar de páginas de um livro, nos demais capítulos da obra, em que o Rio de Ouro ganha importância, a navegação passa a ser vertical, e o texto é apresentado como se fluísse pelas águas do rio.

Já *Fritt-Fracc* trata das diferenças sociais e da falta de solidariedade quando, numa noite de tempestade, em que o vento e a chuva sopravam o som de fritt-flacc, um biscoiteiro fica doente. Ao ser chamado pela família do enfermo, Dr. Trifulgas se recusa a atendê-lo até que sua família lhe pague, adiantado, o valor de cento e vinte fretzers.

Enquanto a narrativa verbal é apresentada em texto integral, a experiência estética do leitor com o conto ganha nova vida por meio das ilustrações animadas e interativas e do uso certo da trilha e efeitos sonoros. O tom sombrio da história é ressaltado pelas ilustrações em tons terrosos com traços grossos e negros, e representações que ressaltam a simplicidade do vilarejo e da família do biscoiteiro em contraste ao palacete do Dr. Tribulgas. Cada cena conta ainda com pelo

menos um elemento interativo. As interações são simples mas relevantes e significativas no contexto da história, como quando o Dr. Trifulgas fecha a janela com violência frente à filha do biscoiteiro que lhe pede assistência mas não pode pagar. A sonoridade da chuva, destacada pelo título da obra, ganha vida no aplicativo, criando uma ambientação que apela aos sentidos do leitor e intensifica a imersão no universo ficcional da obra. Como destacado por Marie-Laure Ryan (2015), a leitura literária tradicional já é altamente imersiva, tendo o poder de fazermos nos perder no universo ficcional.

Em *Fritt-Fracc*, o tipo de imersão, que costuma ser distinto da imersão promovida pela linguagem audiovisual ou de ambientes virtuais, como jogos eletrônicos, é valorizada e amplificada pelos recursos sonoros da obra, sem perder suas características essenciais de imersão literária. A mestria na sobreposição de linguagem verbal, visual e sonora como forma de releitura desse conto clássico em formato de literatura digital garantiram a essa obra o Selo Cátedra 10 em 2016.

Algumas considerações

As obras analisadas indicam o grande potencial da linguagem digital na construção do literário. A literatura infantil, já marcada pela multiplicidade de linguagens, especialmente a visual promovida por gêneros como o livro ilustrado e as histórias em quadrinhos, parece ser um campo fértil para o desenvolvimento dessa literatura. A exploração multissensorial da literatura digital parece ser especialmente relevante na infância, em que a exploração dos sentidos diversos é parte do percurso natural da criança no conhecimento do mundo.

Porém, como visto, a produção desse tipo de literatura é escassa e parece estar em declínio ao invés de em ascensão. As razões exatas são difíceis de assinalar, mas envolvem diversos fatores como o alto custo de produção, as dificuldades de divulgação frente ao mercado já estabelecido da literatura tradicional e até mesmo a preconceitos tanto do mercado editorial como dos leitores de literatura e

mediadores da literatura infantil e juvenil (pais, professores, bibliotecários e promotores de leitura).

Enfim, como propõe a pesquisadora Jaqueline Conte¹¹, ainda não existe uma cultura da literatura infantil digital e o desenvolvimento dessa é fundamental para que esse tipo de obra esteja ao alcance de todos. Em um mundo marcado pela tecnologia digital, no entanto, parece urgente que formatos novos e promissores de literatura infantil e juvenil sejam promovidos e estejam disponíveis, aproximando leitores resistentes ao universo literário e ampliando o repertório de leitores assíduos com novas expressões poéticas da era digital.



¹¹ CONTE, J. O livro digital interativo para crianças: materialidade e evanescência, demanda e mercado - uma leitura a partir dos app-books vencedores do prêmio Jabuti. Dissertação (Mestrado), Departamento de Linguagem e Comunicação, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2019.

A bruxa da BLLiJ

Há uma personagem oculta neste Gelij. Oculta como as bruxas. Não, não usa vassoura, tem belo sorriso e aliás, bem podia ser confundida com a mãe das fadas. Contudo, usa anel de bruxa, bolsa, *écharpe*, pingente de caveira. Mas tem a elegância da senhora de Avalon, embora suas magias não tenham poções. Mexe sim, um caldeirão de atividades com seguidores, projetos, cursos, palestras, oficinas e uma resistência reticente frente ao que não lhe interessa ou ao adiamento das promessas. *Nobre*, garante no dia a dia a singela admiração de súditos aprendizes.

Tem uma prima no panteão africano, *Anansi*, responsável pelas histórias que se espalharam pelo mundo, sem distinção de cor ou idade. Sem mudar o tom de voz, o que diz é avassalador, em se tratando de LIJ. Pois bem, esta senhora dos anéis e dos cordões é bisavó e escreve desde 1994 as bases de um Tesouro em LIJ. Meros apontamentos, com milhares de palavras-chave cognatas pelo uso semântico e que ajudam a localizar o que se procura nos livros de um acervo, como o da BLLIJ.

Nos últimos 03 anos foi um corpo a corpo como os leitores do Gelij, gerando anotações,

apontamentos, fichas que, um dia, serão um vocabulário controlado de temas e tipos, ações e estados que as personagens vestem e que constituem o universo indexado deste campo. A dama o vem gestando secretamente como a um filho em risco. Este seu projeto, compartilhado, mas solitário, tem a originalidade das promessas desconhecidas em sua aparição final. Com ele, será possível ter de relance a abrangência conceitual e ontológica da área, dada pela organização terminológica em relação de teia que se estende por sobre tal saber e pelo caráter de descritor que guarda uma referência.

Nestes anos, foram reunidas cerca de 300 palavras-chave que podem ser recuperadas no livro-memória, quase-catálogo, que apresenta um livro-a-livro dos premiados, recém-nascidos que já dialogam com desembaraço com quem lê literatura infantil, além das crianças, - autores e editores - e o porquê. Sua contribuição, é tal aquele gol do Flamengo, descrito pelo Gumbrecht enquanto sentido, como produto de presença.



Salmo Dansa

Correndo com a Rainha Vermelha

Este relato é, antes de tudo, uma oportunidade para registrar minhas impressões sobre um processo de trabalho junto ao Grupo de Estudos em Literatura Infantil Juvenil - GELIJ, onde participei do júri de pesquisadores do Selo Cátedra Unesco de Leitura, em 2018. Foi um período de muito aprendizado pela rica interação com um grupo de especialistas profundamente envolvido com a Literatura infantil e juvenil. Mas essa experiência evidenciou também a necessidade pessoal de adaptação diante de novos problemas, tanto no que diz respeito à atividade de pesquisa, quanto em setores análogos da minha vida profissional.

Eu frequentava a Cátedra desde 2014, pois era lá o laboratório da minha pesquisa de doutorado em Design, sob a orientação do prof. Luiz Antonio Coelho, e a conclusão desse estudo trouxe a oportunidade de integrar o grupo, a partir do convite da Profa. Eliana Yunes. Muitos livros do acervo BLLIJ¹ integraram o corpus do meu estudo e fazer resenhas era parte dos procedimentos que eu usava e, de forma semelhante, nosso trabalho no GELIJ era analisar essas obras através de resenhas. No entanto, mesmo havendo essa semelhança, havia também uma diferença

significativa: as resenhas da tese buscavam validar uma metodologia como confirmação de uma hipótese, enquanto as resenhas produzidas para o Selo tinham como objetivo avaliar o trabalho de colegas de profissão em um momento delicado.

Nada foi mais significativo para escritores, ilustradores e editores de LIJ nos últimos anos que a crise causada pelo golpe parlamentar de 2016 e o colapso sofrido pelo mercado editorial a partir dali. Eu estava bastante inserido nesse mercado depois de mais de vinte e cinco anos produzindo livros para crianças e jovens e para mim parecia óbvio que o que estava acontecendo não era momentâneo e que, a partir dali, nada seria como antes. Neste sentido, o trabalho realizado ali tinha dois aspectos importantes: por um lado, o embate pessoal para reproduzir resenhas de qualidade sobre os aspectos verbais e, por outro, a consciência do caráter de “resistência” do trabalho realizado pelo GELIJ.

Eu me sentia estimulado e envolvido nessas análises, percebendo-as como forma de me manter inserido no meio, contribuindo com minha experiência de ilustrador e pesquisador, mas também sentia a falta de experiência para abordar os conteúdos verbais. Em um grupo

com poucos pesquisadores das imagens esse relativo privilégio dado por mim às ilustrações, aos projetos gráficos e a materialidade de cada livro era quase uma inversão se comparado às abordagens feitas pela maioria dos colegas do grupo. Assim, depois de viver as dificuldades da escrita de uma tese, eu precisava me abrir para novas leituras para realizar as análises com o merecido respeito pela obra dos escritores.

A abordagem das obras tinha um viés fenomenológico e a análise das ilustrações partia, em geral, de uma descrição dos elementos visuais, seguida por uma análise iconográfica que abarcava as relações com os temas, contextos, motivos presentes no texto verbal. O mais importante era distinguir as diferentes nuances da relação entre textos e imagens que, diante da diversidade das obras, dava importância relativamente maior ou menor para os aspectos visuais. Para essa percepção, era necessária maior compreensão das duas linguagens, assim como boa dose de flexibilidade.

Quanto mais se está envolvido com seu campo de atividade, mais aguçada fica a percepção para as questões e eventos

¹Biblioteca de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil

Salmo Dansa

Índice

2016

2017

2018

significantes para o seu desenvolvimento. Mas, o que geralmente acontece diante de situações novas é que nossas intenções são comandadas pelas experiências do passado e, o que antes pareciam ser habilidades, ficam reduzidas ao que já sabemos. Perdem efeito. Neste sentido, enquanto as análises sobre os aspectos visuais eram produtivas, tudo que eu escrevia sobre os textos parecia previsível e, provavelmente era.

O importante para mim era tentar contribuir com o ponto de vista de designer e ilustrador e, por reconhecer o valor do trabalho realizado ali, eu tinha uma tarefa individual por trás das minhas resenhas que se resumia a ler mais para melhorar minha escrita. Esse foi o maior legado resultante desse embate: uma consciência de que para me manter produzindo como pesquisador seria necessário me manter aprendendo e isso parece ir ao encontro de um princípio chamado “Hipótese da Rainha Vermelha”.

Esse termo, que tem origem na biologia evolucionista, é, na verdade, baseado numa citação do livro “Alice através do espelho”, de Lewis Carroll. No referido trecho, Alice e

a Rainha estão correndo juntas, mas esta explica para Alice que se quiserem sair do lugar terão que correr ainda mais rápido, por mais que as coisas ao redor delas não saíssem do lugar: “não importa o quão rápido as duas corriam, elas nunca viam a paisagem mudar. ‘Eu me pergunto se todas estas coisas estão se movendo junto com a gente’, pensou a pobre Alice, confusa. E a rainha, que parecia adivinhar seus pensamentos, gritou: ‘Mais rápido! Não tente falar!’”²

Usado no contexto de criatividade, a “Hipótese da Rainha Vermelha” é basicamente um estado de constante vigília, que considera que aquilo que você aprendeu ontem não vale para amanhã e, se encararmos a vida como um processo criativo, nunca há um progresso real, nem sequer um destino a se buscar, mas um processo de permanente transformação. Enquanto você corre, a paisagem se move junto com você. “Você nunca chega a lugar algum – o horizonte que você tanto desejava encontrar, continua no horizonte; o ‘Long and Winding Road’ é, na verdade, uma esteira”³.

Enfim, o olhar sobre essa produção mostrou ser também como uma tendência para o

outro, pela própria natureza da criação artística de ter um produto compartilhado. Foi possível constatar que além dos aspectos estéticos e narrativos das obras em si, havia também o aspecto comunicativo de livros que buscavam dialogar com seu tempo e com obras da tradição verbal e visual. Do mesmo modo, participar desse processo me trouxe a possibilidade de compartilhar e rever pontos de vista sobre a produção contemporânea e a tradição da Literatura para crianças e jovens.

Existe uma grande diferença entre a teoria e prática, entre o mundo e as tentativas de representá-lo. No grupo, cada integrante é único e, assim como o “todo é maior que a soma das partes”, também os caminhos são individuais, mas confluem para um objetivo comum. Nesse sentido, o trabalho teórico e as análises críticas realizadas pelo GELIJ fazem parte de um esforço conjunto de compreensão do mundo através da expressão artística materializada pelo trabalho de escritores, ilustradores e editores empenhados na transformação do mundo pela leitura.

² CARROLL, Lewis. Alice: edição comentada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002, p. 157.

³ WATSON, Charles. Rio de Janeiro, 12 de fevereiro de 2019. Facebook: Charles Watson.

Disponível em: <<https://www.facebook.com/oprocesso.criativo/posts/2384810041563905>> Acesso em: 21/09/2019.

Guto Lins

Princípio e fundamento

A imagem na literatura infantil não é ornamental. Nem funcional. Nem literal. Ela é uma camada narrativa paralela e na literatura as paralelas se encontram. Um encontro que enriquece o diálogo entre o livro e o leitor. O texto conta uma história, a imagem outra e o leitor constrói a sua. A melhor e a mais importante delas.

Com este fundamento, a minha participação no GELIJ ampliou meu repertório literário, permitiu aprimorar a argumentação no debate sobre critérios, juízos e tornou mais fina minha transposição do pensamento à palavra, pois para quem escreve com traços e cores, como eu, dizer o verbo é uma luta, segundo o poeta Drummond.



A LIJ é para mim também?

Com palavras pedimos o pão, declaramos o amor total, enfrentamos tiranos e tiranizamos, agredimos, acalentamos. Argumentamos por A + B. A linguagem, verbal ou não, é imprescindível mesmo para se pensar, mesmo para se sonhar. Sem linguagem, o sujeito não se narra, no limiar, não se funda.

Com a palavra literária, pode-se mais. Podem-se criar: famintos, amantes, tiranos, corações de mãe, acalantos. Ou tudo junto em um universo fantástico. O que a imaginação exigir. Fundam-se mundos, ou se emergem: do seu ao meu espírito, pode existir uma ponte. Nunca será banal que se faça arte da mesma matéria com que se profere uma sentença judicial. A palavra literária, escrita ou falada, é condição para a narração do mundo, porque mobiliza o afeto. A arte em geral, igualmente.

Muito bem. A arte e a literatura nos dizem respeito. Mas... a literatura infantil? Ela é para mim também?

Sem dúvida a maioria de nós saboreou o balbuciar dos primeiros fonemas.

Experimentou a fronteira que dá ao som sentido ou o lança para fora da linguagem, que ainda é linguagem. A ressonância do som no seio da face. A palavra que enche a boca e mata a fome outra. Depois – hoje em dia, para muitos – o jogo das primeiras letras, a conquista da escrita: entrada mais profunda nos poderes, pertencimento e conflito na sociedade, uma passo além de casa.

Da nossa casa, a primeira, já ouvíamos a voz da mãe que nos carregava e seus afetos, as vozes do círculo familiar e de personagens, dos papéis que nos precederam. A cena que adentraríamos. Somos desde antes, mergulhados em palavras. Desde sempre, nos contaram. Essa brincadeira é quase-universal.

Para falar da literatura, alguns, quando crianças, ouviram contar histórias. Outros, foram apresentados a livros, ditos, infantis. Dentro deles, encontraram, por exemplo, o pensamento desafiante da Boneca Emília, que só acolhia a “boa razão”, pois que com o “vá!” fossem Hitler e Mussolini. Ela, não! Vejam que desobediência lúcida e inspiradora. Poderia

ainda servir para nós.¹

Questão menor: havia os que da geração nascida nos oitenta não se esqueciam, querendo esquecer, culpa de um tal José Paulo Paes, que o dedo não deve ter intimidade com o nariz. Ou que a janela é porta de ladrão (motivo de terrores noturnos, não devido). Quem de nós ainda sofre desse medo?²

Alguns, não tenho nada com isso, giraram, giraram com a Linda Rosa Juvenil, vivendo por força centrípeta a vida mesmo da Rosa, da Bruxa, do Mato, do Rei. Arquétipos que nos acompanham, mais ou menos transformados.

Outros, quem dirá, viram no palco da mão o desenrolar da perseguição do Toucinho pelo Gato – Mato – Fogo – Água – Boi – e Homem. Que foi por ali... E o homem nunca mais não voltou?

O Homem cresceu e matou a poesia? É culpado do assassinato da ficção? Depois de tantos amores, terrores e brincadeiras, não precisaria mais de sua heroína Lili³, ou da

¹LOBATO, Monteiro. A reforma da natureza. Globo livros: 2008. P. 44.

²PAES, José Paulo. Poemas para brincar. Ática: 1990.

³QUINTANA, Mario. Lili inventa o mundo. Mercado Aberto: 1985.

Luiza Trindade Oiticica

Alice⁴, que inventa o mundo além do tédio e abandono, preso para sempre do lado de cá do espelho? Não percebeu que a estrada afora jamais o pouparia da angústia de escolher a cada instante entre Isto ou Aquilo⁵? Será que se relesse essa angústia em forma de literatura, ao menos não partilharia a sua dor, já não iria mais tão sozinho?

*Quando eu era pequenino
Não usava ponto-e-vírgula...
Onde o arroio tão puro
Que de tão puro sumiu?*⁶

“Como urubus plantados na cerca”⁷, ou como “a nossa tarde sentada sobre uma lata”⁸, poderíamos suspender o ponto e a vírgula em um momento gratuito, para o que viera antes da aquisição dos signos e que é a fonte da linguagem. Por que esquecer a LIJ? E por que não lê-la mais e mais, depois de

“grandes”? Quanto “maior” nos tornamos, mas precisamos do nada, a origem da poesia.

Na LIJ, como nas três letras da MÃE de Lili, pode caber o infinito. Pois todos nós já fomos e somos crianças, ou seja, tomamos da fonte do não-ser, ou do ser-total, para-além do céu, e perto de Deus⁹, para dizer: sou doutor, artista, avô, enfermeiro. Eu sou. Que a LIJ seja: para mim, já que ela é para-si, é para nós. A LIJ é para todos nós.

Citei neste pequeno texto alguns dos livros e narrativas que marcaram minha infância, pois, graças aos adultos que me circundaram com afeto e cuidado, na família e na escola, fui uma criança leitora. Há tantos outros, não citados, e ainda muitos outros para ler e reler, dos clássicos aos que estão sendo escritos e descobrimos neste GELIJ.. E que grande sorte não temos quando

acompanhamos de perto a produção literária e brasileira atual, para esse público universal que é o da Literatura Infantil e Juvenil? Em frente!



⁴ CARROL, Lewis. Aventuras de Alice no país das maravilhas Através do Espelho. Summus: 1976.

⁵ MEIRELES, Cecília. Ou insto ou aquilo. Nova Fronteira: 1990.

⁶ QUINTANA, Mário. Apontamentos de História Sobrenatural. Alfaguara: 2012.

⁷ MEIRELES, Cecília. Ou insto ou aquilo. Nova Fronteira: 1990.

⁸ QUINTANA, Mário. Apontamentos de História Sobrenatural. Alfaguara: 2012.

⁹ QUINTANA, Mário. Lili inventa o mundo. Mercado Aberto: 1985.

Augusto Pessôa

Livros, resenhas e afetos

O ano era 2014. Estava em casa e recebi um convite surpreendente da minha querida amiga Maria Clara Cavalcanti: fazer parte do GELIJ e criar resenhas de livros infanto-juvenis para um projeto especial da mestra Eliana Yunes. Confesso que o convite me assustou um pouco. Minha formação é em Teatro. Sou um leitor, mas não me considero um homem de letras, apesar de ter alguns livros publicados e uma ligação profunda com livros, algo que me surgiu na infância. Lembro bem, quando pequeno, das conversas de meu pai e de minha mãe, dois amazonenses maravilhosos, que falavam de personagens da literatura como se fossem pessoas da família. Isso me encantava.

Meu pai está aposentado. Foi jornalista e sempre muito ligado aos livros e à literatura. Até hoje quando ganha um livro novo ele cheira. Isso mesmo: abre a publicação no meio e enfia o nariz nas páginas. Diz que pode conhecer um livro pelo seu cheiro. Cada obra tem um aroma próprio.

Minha mãe foi também uma grande leitora. Sempre tinha um livro na cabeceira da cama. Quando eu era pequeno, ela lia, em voz alta, notícias de jornal na hora do café da manhã. Fragmentos de histórias eram escolhidos com

carinho para serem lidos de forma pausada. Em volta da mesa, nós recebíamos notícias do mundo. Era uma forma maravilhosa de descobrir o que acontecia do lado de fora do nosso lar.

Os primeiros livros que tive contato foram os da enciclopédia O MUNDO DA CRIANÇA que era do meu irmão mais velho. Livros de capa dura vermelha e lombada com detalhes em preto e dourado. Fiquei mais encantado com o volume sobre Contos de Fadas que tinha delicados desenhos feitos aparentemente a bico de pena. A história que eu mais gostava era A MOURA TORTA. Não tinha o desenho da Moura, mesmo assim eu conseguia ver sua imagem com toda a sua maldade. Era um maravilhoso exercício de imaginação.

Depois descobri a obra de Monteiro Lobato começando com AS CAÇADAS DE PEDRINHO. Uma aventura de onde eu não conseguia tirar os olhos. Esse foi o meu primeiro contato com o criador da LIJ brasileira, efetivamente. E depois vieram: REINAÇÕES DE NARIZINHO, VIAGEM AO CÉU, EMÍLIA NO PAÍS DA GRAMÁTICA e tantos outros.

Meu pai mantinha na nossa casa do Grajaú

uma biblioteca que era cuidada com carinho por ele. Uma biblioteca com um acervo maravilhoso e eclético: Érico Veríssimo, a coleção completa do Fernando Sabino (que eu herdei), Machado de Assis, Fernando Pessoa, Raquel de Queiroz, Lygia Fagundes Telles, Alexandre Dumas, Sergio Porto, Charles Bukowski, entre muitos outros.

Outra biblioteca que me encantou foi a da Escola Municipal Duque de Caxias que também ficava no Grajaú onde fiz o meu primário. Era um lugar muito agradável, arejado e com um bom acervo. As cadeiras e mesas de madeira eram coloridas. Cada uma de uma cor. Nas mesas toalhas de plástico estampado com motivos bem miudinhos enfeitavam mais o lugar. Os livros ficavam ao alcance dos alunos. As prateleiras eram pintadas de cores vivas e enfeitadas com tiras de papel recortado fazendo uma espécie de rendado. A biblioteca ficava próxima ao pátio do recreio no primeiro andar do prédio antigo e bem conservado. Junto com a minha turma eu frequentava uma vez por semana o local. Mas a biblioteca estava sempre aberta. Durante o recreio podíamos entrar e ler os livros. E podíamos também levar as publicações para casa. Não lembro

Augusto Pessôa

o título do primeiro livro que levei. Sei que era a história de um macaco com ilustrações coloridas. Lembro de carregar aquele objeto com grande alegria, como se tivesse nas mãos a joia mais cara e rara do mundo. Levei vários livros dessa biblioteca para casa. Sempre com a sensação de degustar um doce cremoso dos que se desmancham suavemente na boca.

Diferente de algumas pessoas as minhas recordações de bibliotecas nunca estão relacionadas a locais de castigo ou chateação. Muito pelo contrário. São memórias de lugares agradáveis onde eu passava momentos de puro prazer. Como a biblioteca de bairro do Grajaú que frequentei tantas vezes e que está lá até hoje, atendendo a população local.

Quando passei para o que na época se chamava ginásio encontrei mais um lugar marcante: a biblioteca do Colégio Federal Pedro II. Era uma biblioteca grande e iluminada. Não era colorida como a da Escola Duque de Caxias, mas tinha grandes portas de vidro que deixavam a luz entrar. As cadeiras e mesas também não eram coloridas. Eram carteiras escolares comuns e que podiam ser reunidas para trabalharmos em grupo, uma atividade muito incentivada. A biblioteca

tinha um acervo imenso. Muito maior que os das outras bibliotecas que eu conhecia. E o melhor: os alunos tinham acesso irrestrito a esse acervo. Podíamos mexer nas estantes e nos livros. A única recomendação era deixar os livros utilizados nas mesas. Acredito que tenha recebido a mesma recomendação nas outras bibliotecas públicas que frequentei, mas a que ficou na memória foi essa. Talvez pelo jeito delicado que o pedido era feito. E os bibliotecários ainda promoviam concursos de desenho, de fotografia e de redação. Todos tendo livros como prêmios! Ganhei um de fotografia e outro de redação. Acredito que era uma estratégia para atrair os alunos a conhecer melhor o lugar. Nessa biblioteca entrei em contato com grandes autores: Machado de Assis (Dom Casmurro), Aluísio de Azevedo (O Cortiço), Maurice Druon (O menino do Dedo Verde), Agatha Christie (O caso dos dez negrinhos e No Final a Morte), George Simenon (O quarto azul) e muitos outros.

O tempo passou e descobri mais um lugar importante: a biblioteca da UNI-RIO (Universidade do Rio de Janeiro). O prédio grande e antigo tem um acervo enorme. No lugar além dos livros sobre Artes Cênicas, tive acesso a Câmara Cascudo (Contos

Tradicionais do Brasil e Dicionário de Folclore), Silvio Romero (Contos Populares do Brasil e Cantos Populares do Brasil), Henriqueta Lisboa (Literatura Oral para a Infância e a Juventude), Figueiredo Pimentel (Histórias da Carochinha), Basílio de Magalhães (O Folclore no Brasil) e muitos outros. As estantes eram muito bem organizadas e os usuários tinham acesso a elas. Mas não tinham acesso irrestrito a todo acervo. Uma doce lembrança.

Depois de muito tempo (e muitos livros) conheci a arte dos contadores de histórias, na década de 90, através da oficina, ministrada pelos queridos mestres Francisco Gregório Filho e Eliana Yunes, que aconteceu na Casa da Leitura em Laranjeiras (Rio de Janeiro – RJ), sede do Proler – Programa Nacional de Incentivo a Leitura. Logo fiquei encantado com essa prática que acolhe pessoas de todas as idades, credos e profissões. Essa arte me aproximou mais ainda dos livros. Não só como leitor apaixonado, mas como um pesquisador para o acervo de narrador de histórias que me tornei. Até hoje sempre carrego na bolsa um livro. É um companheiro.

Augusto Pessoa

Índice

2016

2017

2018

Mas vou voltar ao GELIJ. Não sabia se seria capaz de realizar essa atividade. Mas a possibilidade de voltar a trabalhar com pessoas que conhecia do PROLER, que foi outra grande (a)ventura pela Literatura, me encantava. Voltar a conviver com a INTELIGÊNCIA, a SABEDORIA e o AFETO era muito tentador. E essas três palavras se transformaram nas molas que me impulsionaram até o GELIJ.

Confesso que cheguei meio cabreiro. Querendo absorver ao máximo todas as informações. E elas vieram das formas mais generosas. O primeiro livro que resenhei foi MEUS PORQUINHOS de Don Wood e Audrey Wood. Um livro de imagens que já era meu conhecido de muito tempo. Foi delicioso rever esse livro com outro olhar. Um olhar mais técnico, mas sem perder a delicadeza.

Em 2016 um novo desafio: a mestra Eliana Yunes propõe a criação do selo Cátedra 10 para premiar livros infanto-juvenis. O desafio foi lançado e aceito com coragem pelo grupo. Passamos a entrar em contato com a Literatura que é produzida hoje para crianças e jovens cada vez mais ávidos por informação. Pensar e discutir sobre essa Literatura e seus efeitos no seu público alvo é desafiador e estimulante.

Assim tem sido minha experiência no GELIJ. Um grande aprendizado. Uma troca maravilhosa de sabedorias e ensinamentos. Ver o livro não só na sua materialidade, mas, principalmente, como bem simbólico carregado de valores culturais e históricos. Este aprendizado, que se renova anualmente diante de novos títulos, se dá como partilha de saberes, debates e produção de resenhas em que a leitura se transmuda em escrita, antes e depois das resenhas serem apresentadas ao grupo. Neste exercício o crescimento profissional de cada um e de todos, fortalece a importância de a LIJ estar acessível e bem apresentada a crianças e jovens.



As crianças precisam de arte, histórias, poemas e música, tanto quanto precisam de amor, comida, ar fresco e brincadeira.

*Philip Pullman*¹,

As crianças precisam de arte, histórias, poemas e música, tanto quanto precisam de amor, comida, ar fresco e brincadeira. Se você não der comida a uma criança, os danos rapidamente se tornam visíveis. Se você não deixar uma criança tomar ar fresco e brincar, o dano também é visível, mas não tão rapidamente. Se você não der amor a uma criança, o dano pode não ser visto por alguns anos, mas é permanente.

Mas se você não der arte, histórias, poemas e músicas a uma criança, o dano não será tão fácil de ver. Está lá, no entanto. Seus corpos são saudáveis o suficiente; eles podem correr, pular, nadar, comer com fome e fazer muito barulho, como as crianças sempre fizeram, mas algo está faltando.

É verdade que algumas pessoas crescem sem encontrar arte de nenhum tipo, e são perfeitamente felizes e vivem uma vida boa e valiosa, e em cujas casas não há livros, elas não se importam muito com fotos e não conseguem ver o ponto da música. Bem, tudo bem. Eu conheço pessoas assim. Eles são bons vizinhos e cidadãos úteis.

Mas outras pessoas, em algum momento de sua infância ou juventude, ou talvez até a velhice, encontram algo do tipo que nunca sonharam antes. É tão estranho para eles quanto o lado escuro da lua. Mas um dia ouvem uma voz no rádio lendo um poema, ou passam por uma casa com uma janela aberta onde alguém está tocando piano, ou veem um pôster de uma pintura em particular na parede de alguém e isso lhes dá um golpe tão duro e ainda tão gentil que eles se sentem tontos. Nada os preparou para isso. De repente, percebem que estão cheios de fome, embora não tivessem ideia disso há apenas um minuto; uma fome de algo tão doce e delicioso que quase parte seu coração. Eles quase choram, se sentem tristes, felizes e sozinhos e acolhidos por essa experiência totalmente nova e estranha, e estão desesperados para ouvir mais perto do rádio, ficam do lado de fora da janela, não conseguem tirar os olhos do pôster. Eles queriam isso, eles precisavam disso, pois uma pessoa faminta precisa de comida, e eles nunca souberam. Eles não tinham ideia.

É assim que uma criança que precisa de música, imagens ou poesia se depara com isso por acaso. Se não fosse por essa chance, eles talvez nunca a tivessem conhecido e teriam passado a vida inteira em um estado de fome cultural sem saber.

Os efeitos da fome cultural não são dramáticos e rápidos. Eles não são tão facilmente visíveis.

¹Tido como um dos maiores escritores britânicos de todos os tempos, Philip Pullman ficou mundialmente conhecido depois de escrever a aclamada série literária Fronteiras do Universo, composta pelo filme A Bússola de Ouro, entre outros. Ganhador do prêmio literário Astrid Lindgren, concedido pelo governo sueco.

As crianças precisam de arte, histórias, poemas e música, tanto quanto precisam de amor, comida, ar fresco e brincadeira.

Índice

2016

2017

2018

E, como eu digo, algumas pessoas, pessoas boas, amigos gentis e cidadãos prestativos, nunca experimentam isso; eles são perfeitamente cumpridos sem ele. Se todos os livros, todas as músicas e todas as pinturas do mundo desaparecessem da noite para o dia, não se sentiriam piores; eles nem notariam.

Mas essa fome existe em muitas crianças e, muitas vezes, nunca é satisfeita porque nunca foi despertada. Muitas crianças em todas as partes do mundo estão famintas por algo que alimenta e nutre sua alma de uma maneira que nada mais poderia ou faria.

Dizemos, corretamente, que toda criança tem direito a comida e abrigo, educação, tratamento médico e assim por diante. Devemos entender que toda criança tem direito à experiência da cultura. Devemos entender completamente que, sem histórias, poemas, figuras e música, as crianças passarão fome.

*(Escrito por Philip Pullman no décimo aniversário do Prêmio Memorial Astrid Lindgren, em 2012. Traduzido e publicado com permissão.
Original em: <http://bit.ly/2jU2fs7>).*

Benita Prieto

Literatura Infantil e Juvenil para Lusofalantes

Fui convidada em 2014 por Eliana Yunes para participar do Grupo de Estudos de Literatura Infantil e Juvenil da Cátedra Unesco de Leitura PUC-Rio. E apesar de tê-la tido na FNLIJ – Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil como orientadora de pesquisas, professora em curso de Pós-graduação e depois como companheira no grupo Morandubetá de Contadores de Histórias, considereei um enorme prazer e privilégio. Esse tipo de atividade é uma forma de aprendizado onde o conhecimento é compartilhado sem hierarquias. Todos têm espaço para expor suas reflexões e, desse modo, vamos aprendendo em conjunto.

Para valorizar o nosso trabalho foi criado em 2016 o Selo Cátedra 10 que repercutiu positivamente entre autores, editoras e toda a cadeia do livro. Uma forma também de apresentar ao público o resultado prático de nossa pesquisa, já que as resenhas estão disponíveis para consulta no site da instituição e se tornaram referência para os que buscam orientação sobre o que ler e dar a ler a crianças e jovens.

A criação do Selo deu-me a possibilidade de mostrar aos votantes a importância do livro

digital. Como estamos em uma Cátedra de Leitura no século XXI, que entende que há novos suportes para a narrativa literária que não envelhece, foi aberta a candidatura de livros produzidos na linguagem multimídia da internet. Premiamos o livro aplicativo Fritt-Flacc, sobre narrativa de Jules Verne, uma releitura contemporânea do texto e integrada aos 17 ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável) da Agenda 2030.

Desde 2018 vivo em Lisboa e vim com o desejo de continuar essa pesquisa agora com livros publicados em Portugal. Por fim vamos alcançar esse objetivo.

O Caminhos de Leitura, um renomado encontro que acontece há 17 anos na cidade de Pombal, quer ter o seu Selo de Literatura Infantil e Juvenil. E vamos trabalhar em parceria com a Cátedra de Leitura da PUC-Rio, criando intercâmbio e ampliando as trocas de conhecimento na lusofonia, em que o acervo de livros premiados que agora aqui como lá, incluirão obras dos dois países na sua distinção, como também de outros países da CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

Essa construção coletiva vai estreitar os laços entre os países que falam português e principalmente dar a conhecer aos leitores, criadores que dificilmente circulam fora de sua região. Facilitando a criação de uma poderosa rede internacional de leitores, o convênio entre a BLLIJ (Biblioteca de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil) Digital da Cátedra Unesco de Leitura e a cidade de Pombal que vai sediar a pesquisa em Portugal, deve aproximar instituições e pesquisadores, autores e ilustradores, especialistas em LIJ que podem abrir um diálogo Brasil-Portugal para outras iniciativas de valorização da leitura entre crianças e jovens de países lusófonos.

A experiência que acumulei nestes anos de convívio no GELIJ, me animam confiantemente a propor este trabalho integrado e de diálogo aberto a professores, pesquisadores, autores e leitores como eu, engenheira cooptada para o teatro e para a narração de histórias, o que me trouxe até aqui, agora produtora de uma ação que une os dois lados do Atlântico.

Agradecimentos

A todos os que, contra as dificuldades antepostas, acreditaram ser possível reunir um grupo voluntário comprometido com os estudos de LIJ na Cátedra Unesco de Leitura.

A todos os que integraram este grupo ao longo deste tempo, com seriedade e dedicação.

A toda a equipe de comunicação, especialmente seus estagiários que viabilizaram a edição digital dos trabalhos.

A cada membro do iiLer que trabalhou para a premiação do Selo Cátedra 10 desde sua criação.

